



 **FAPERJ**  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

# TRAJETORIAS DOCENTES

DA PERIFERIA PARA A PERIFERIA

Organizadoras:  
Graça Reis | Soymara Emilião | Luziane Patrício

 **Pedro & João**  
editores

# **TRAJETÓRIAS DOCENTES DA PERIFERIA PARA A PERIFERIA**



**Graça Reis**  
**Soymara Emilião**  
**Luziane Patricio**  
**[Organizadoras]**

**TRAJETÓRIAS DOCENTES**  
**DA PERIFERIA PARA A PERIFERIA**

  
**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Autoras e autores**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Graça Reis; Soybara Emilião; Luziane Patricio [Orgs.]**

**Trajetórias docentes: da periferia para a periferia.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 147p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-0928-9 [Impresso]**

**978-65-265-0929-6 [Digital]**

1. Docência. 2. Trajetória. 3. Profissional da Educação. 4. Educação brasileira. I. Título.

---

CDD – 370

**Capa:** Luidi Belga Ignacio

**Ficha Catalográfica:** Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2024

## Prefácio

Carta às professoras que lutam:

Freire (1992) nos ensinou que, ao rememorarmos nossa trajetória, acabamos por perceber o “parentesco” entre alguns tempos vividos tornando possível juntar pedacinhos antes desligados. O correr da vida faz isso conosco, não nos deixando perceber que o que fazemos é sempre novo, mesmo quando achamos que estamos a repetir experiências. Assim, narrar experiências cotidianas, pode nos ajudar a dar sentidos ao nosso fazer que não havíamos pensado antes de organizar nosso pensamento com a narrativa.

Nesse processo de narrar tenho pensado junto com outras processo de *ensinaraprender*, sabem que há indissociabilidade entre o trabalho manual - do corpo, e o trabalho intelectual - da mente, usando esse conhecimento “para controlar sua própria ação de trabalho.” (Mills, 2009, p.59)

Somos também aquelas que na rememoração dessas experiências compreendemos que a formação se dá a todo o tempo e que por meio dessa rememoração é possível (re)direcionar percursos e mudar trajetórias; ou seja, temos a compreensão de que a formação é contínua e *singularsocial*. Contínua porque é tecida ao longo de toda a nossa vida e *singularsocial* porque cada aprendizagem só acontece se vinculada aos entrelaçamentos das redes que cada uma de nós tece pela vida afora. Isso nos leva à compreensão de que as aprendizagens só são possíveis de dentro para fora, contextualizadas com o que já temos, e que toda formação é (auto)formação, e todo conhecimento é autoconhecimento.

Segundo Souza (2006, p.14), narrar sobre si remete o sujeito a uma dimensão de “autoescuta de si mesmo”, como se estivéssemos

contando para nós mesmas nossas experiências e aprendizagens tecidas ao longo da vida. Essa dimensão, em que nos propomos a escutar a nós mesmas está presente nas narrativas que produzimos, tanto as escritos quanto as narradas oralmente. Ao elaborarmos para nós e para outro o que vivemos, acabamos por sistematizar nossas experiências, os saberes que delas emergem, e, com isso, abrimos espaço para outras e novas aprendizagens e significados.

As histórias contadas aqui nesse livro são, portanto, uma possibilidade de compartilhamento e de reflexão sobre o vivido. Não há nessas histórias um conjunto de palavras, mas sim a tessitura de redes que se compõem, que atravessam as palavras e ao mesmo tempo as constituem, tornando-se dessa forma as histórias possíveis de serem contadas por cada uma de nós quando somos convidadas a fazê-lo.

Mas quem sou eu afinal?

Professora de um quinto ano do Ensino Fundamental no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro vivo cotidianamente buscando sair do lugar de viver a história como única. Junto com as professoras e crianças com quem trabalho tenho lutado por uma educação que respeite os sujeitos nas suas singularidades e que exercite a convivência com os outros, aceitando-os como legítimos (MATURANA, 1999). Temos conversado sobre racismo, homofobia, machismo, capacitismo, ou seja, temos pensado juntas e juntos outras formas de viver nossas experiências no mundo.

Acho importante contar isto aqui para que vocês me conheçam um pouco, pois apesar de não estar nas escolas das periferias, também estou na luta por uma educação transformadora.

Desejo que ler este livro seja também transform(ação) para cada professora que chegar até ele, pois ler os textos que recebemos me fez refletir e (re)viver momentos que são muito significativos no meu fazer. A memória docente é assim, uma puxa o fio e a outra rememora.

Que possamos, então, narrar outros momentos vividos num *continuum* de histórias que coloquem a escola no seu lugar de

aprendizagem, ensinagem, afeto, parceria, solidariedade, ética e sonho, porque é isso o que acontece nela cotidianamente, mas a história que tem sido narrada sobre ela, é outra e esta outra não nos interessa.

Viva a escola pública!

Abraços,  
Graça Reis

### Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.





## Apresentação

O e-book tem o objetivo de narrar trajetórias docentes das periferias, através das memórias de treze professoras do estado do Rio de Janeiro, nascidas e atuantes nessas mesmas periferias. As narrativas permitem conhecer as lutas, superações, enfrentamentos, saberes que as docentes acumularam no processo de vida e formação que, apesar de singulares, são também coletivas, o que compreendemos como *singularplural* (REIS, 2022), porque as experiências narradas estão mergulhadas em contextos sociais, culturais, políticos e econômicos de um determinando *tempoespaço*.

A pesquisa narrativa e (auto/hetero) biográfica propõe uma perspectiva horizontal, compartilhada, democrática e decolonial de *pensarfazer* pesquisa em educação. Assim, propomos a partilha destas singularidades-plurais e irrepetíveis (BAKHTIN, 2012) que cada um de nós tem constituído como professoras no movimento de tessitura da vida e formação. Por isso, as professoras convidadas foram provocadas a narrar o percurso, desde os primeiros passos como estudantes das periferias até a atuação nas periferias como professoras.

A primeira narrativa é da professora **Fabiele Moysés da Silva**, oriunda da comunidade do “Morro do Abacaxi”, no bairro Cubango, Niterói, local próximo onde exerce o ofício docente, onde narra sua trajetória como mulher negra, aguerrida, que perpassou por diversos enfrentamentos de uma sociedade machista e racista.

No texto “Sigo professora.”, **Ana Claudia Domingos Cajazeira**, a professora na rede municipal de Japeri, mesma cidade que nasceu e que vive com sua família, narra sua entrada na profissão, o percurso com decepções e o processo formativo com as colegas que a fazem compreender a profissão em outra dimensão.

Com o título, *Escrevivências*, remetendo a noção da escritora Conceição Evaristo, **Valéria Paixão de Vasconcelos Nepomuceno**, docente na rede pública de Japeri, moradora de Nova Iguaçu, compartilha com os leitores a importância dos estudos étnico-raciais para sua vida, e atuação como professora, porque levou-a a entender o porquê e como a conjuntura brasileira eurocêntrica e racista nos aliena.

A professora da rede de Niterói, **Vanessa Duarte de Abreu Assis**, quarta narrativa, nascida no bairro Mutondo, em São Gonçalo, relembra sua trajetória na escola pública como estudante e docente. Entre esses dois momentos, a realização de um sonho ao ingressar no curso de Pedagogia na Universidade Federal Fluminense, um superação para uma estudante de classe popular que foi a única de sua turma de escola pública de um bairro pobre de São Gonçalo a alcançar o ensino público superior.

Na narrativa “Memórias e experiências que me interrogam”, a pedagoga das redes públicas de Niterói e São Gonçalo, **Amanda de Sousa Pestana**, rememora sua trajetória, as marcas que foram sendo tecidas, através das experiências e autores que foram constituindo-a como docente e pesquisadora na área da educação. Nesse movimento, levou-a a compreender “um outro que em mim habita,” e sua escolha por um trabalho COM e PELA as crianças e não para as crianças.

Na sexta narrativa, a professora **Patrícia Vasconcellos da Silva**, atuando na rede pública de Niterói, se propõe a fazer uma reflexão entre os processos vividos sua formação docente e nas suas práticas educativas. Para isso, vasculha suas memórias e recorda-se do sonho de ser professora, que surge na infância, fabulando “uma escolinha” em que, até seu cachorrinho era aluno. E aciona os conceitos de Vygotsky (2009), para compreender que “só se pode ensinar à criança o que ela já for capaz de aprender; a aprendizagem somente é possível porque é possível a imitação.”

Em seguida, **Flavia Fernanda Ferreira de Lucen**, docente na rede pública de Niterói e nascida em Duque de Caxias, ambas na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, em uma

narrativa intitulada “tornar-me professora: tecendo memórias de criança, aluna e formação docente”. No entrelaçar dos acontecimentos que narra, desde o momento de seu nascimento, ao som “Coisinha do Pai “de Beth Carvalho, abre espaço para agradecer à família, que sendo de classe média baixa, e não terem tido a possibilidade de concluírem o ensino fundamental chamado de primeiro grau naquela época, sempre fizeram questão que seus filhos seguissem seus estudos até o mais alto nível de escolaridade.

A professora **Eliane Eugenia da Silva Abranches**, também da rede pública de Niterói, na oitava narrativa que compõe o ebook, considera uma oportunidade de fazer um escrito (auto) biográfico e assim revirar as memórias para relatar experiências e a trajetória até tornar-se professora e relembrar de pessoas que caminharam junto e outras que ainda fazem parte da sua história. As memórias revelam que o sonho de menina de ser professora se tornou realidade e que a paixão pela educação persiste.

A narrativa “Do egresso ao acesso: revirando memórias, narrando vivências”, da docente **Aline Teixeira dos Santos**, entende a importância de contar nossas histórias”, para o processo de percepção da própria subjetividade. E inicia buscando resgatar as memórias culturais e afetiva que fizeram parte de processo, ainda no interior da Bahia, filha do meio entre quatro irmãos, em um lar cheio de incentivos onde a busca pela educação sempre foi prioridade para que não fosse reservado a profissão herdada pela maioria das mulheres negras no Brasil, a de empregada doméstica.

Na décima narrativa, entramos em contato com as memórias **Bianca da S. Fonseca Marinel**, professora da rede pública de Niterói que inicia o processo de escrita, reconhecendo que as memórias, lembranças, recordações afetivas colaboraram para construção da profissional que é hoje. Atualmente, trabalha como docente na mesma instituição de ensino no qual estudou durante toda a educação básica, no qual cultivou o desejo de ser professora.

A narrativa “Onde tudo começou...” da professora **Luana Castro dos Santos Braz da Silva** é a nossa décima-primeira narrativa e inicia refletindo que não é fácil escrever sobre uma vida,

que ela considera comum. Entretanto, quando começa a revisitar sua trajetória, percebemos que se trata de uma história de superação da filha de empregada doméstica, separada morando na comunidade de Nova Grécia – Tribobó/ SG, que precisou retornar a casa materna, após a separação. Hoje, atuando há mais de 12 anos no Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte, mas conhecido como SEST SENAT, ministrando aulas para Jovens Aprendizes das áreas de Administração, Operador do Setor de Transporte Componentes Comportamentais e específicas e além de dar cursos livres como Oratória, Inteligência Emocional, Comunicação verbal e Não-Verbal, Comunicação-não violenta.

A professora **Eliete Marcelino Dias Andrade**, que atua na rede pública de Niterói, compartilha sua trajetória, afirmando que memória é seletiva e apresenta-se como filtro.” (Bragança, 2012 p.100), que pode ser comparada a um gostoso café recém passado que somos convidadas a tomar na casa de alguém muito querido. Com esse delicioso convite, busca montar seu quebra-cabeça, peça a peça, sabendo que não é propriedade privada e sim, coletiva, porque vai se encontrando com as de outras pessoas para montar grandes imagens que se entrecruzam e mudam constantemente.

Fechamos o e-book com uma narrativa muito especial, de **Natalia Ribeiro da Silva Barros** uma docente que se anuncia como uma professora de bebês. Não é um acaso. Defendemos, o tempo de Ewá (Reis; Emilião, 2023), que é feminina, circular, sem fim. E, por isso, finalizamos o ebook com as memórias de uma profissional que vive entre o nosso público mais jovens, as com crianças de 0 a 2 anos. E, vivendo o cotidiano com os pequenos, essa profissional que atua em uma Unidade de Educação Infantil de tempo Integral da rede municipal de Niterói, aprendeu que os detalhes são importantes e que na caminhada a gente vai se formando, se afirmando, se reinventando e refletindo sobre o nosso processo formativo.

Que todas essas ricas narrativas possam contribuir para o campo das pesquisas narrativas e dos cotidianos escolares, no que

se refere à desinibilizar o compromisso político, ético e estético destas profissionais, e com isso produzir uma ciência mais dialógica e menos excludente, logo, mais humanizada.

Soymara Emilião



## Sumário

1. Mulher resiliente: uma trajetória de reencontro, ressignificado e construção	17
2. Sigo professora!	25
3. Escrevivências	33
4. Menina, mãe da mulher: a escola nas memórias de uma menina de periferia	47
5. Memórias e experiências que me interrogam	55
6. Narrativas de uma professora da infância: diálogos entre a formação docente e as práticas educativas	63
7. Tornar-me professora: tecendo memórias de criança, aluna e formação docente	73
8. Narrativa (auto)biográfica de uma professora	83
9. Do egresso ao acesso: revirando memórias, narrando vivências	91
10. Meu desejo: ser professora da rede pública de ensino	99
11. Onde tudo começou...	105
12. A marca: o início de uma história	117
13. Algumas memórias de uma professora de bebês	127
14. Para saber quem sou, me contarei	139





## **Mulher resiliente: uma trajetória de reencontro, ressignificado e construção**

Fabiele Moysés da Silva<sup>1</sup>

Me chamo Fabiele Moysés da Silva, 36 anos de idade nasci na cidade de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, porém, cresci na cidade vizinha, Niterói. Oriunda da comunidade do “Morro do Abacaxi”, no bairro Cubango, criada por mãe solo dona Fátima Maria, intimamente chamada de “Ninha”, mulher negra, aguerrida, que perpassou por diversos enfrentamentos de uma sociedade machista e racista. No entanto, pôde contar com minha “dinda” Claudia e meus avós maternos, dona Tereza e seu Moysés como rede de apoio onde eu, minha mãe e minha irmã, recém-nascida, fomos acolhidas e vivemos juntos por muitos anos até que tivéssemos uma casa novamente

Na escola, sempre fui uma aluna muito dedicada. Cursei os anos iniciais em instituições privadas de pequeno porte: a Escolinha da Tia Márnica, e o Colégio Santo Inácio, ambos já extintos. Sempre apresentei grande admiração por meus professores e ainda na infância, descobri meu amor pela educação. Lembro-me que entre os 9 e 10 anos de idade, eu estudava no turno da manhã e, com autorização da diretora, retornava à escola no contraturno auxiliando as professoras da pré-escola, sonhando com o dia em que desempenharia aquele papel. Ato este, que me causava grande fascínio! A partir da 5ª série, atualmente 6º ano do ensino fundamental II, tive meu primeiro contato com a escola pública e seus desafios. Ali reafirmei o meu “sonho pedagógico”.

Passados alguns anos, no final do ensino médio, aos 17 anos, descobri minha primeira gravidez. Mesmo com as dificuldades e

---

<sup>1</sup> Especialista em Administração e Supervisão Escolar pela Universidade Cândido Mendes, graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil.

os contratemplos que a maternidade nos traz (principalmente na adolescência), diante de muito esforço, apoiada e incentivada pelo meu esposo, não desisti.

No ano de 2008, já mãe de um casal, João Victor com três anos e Jullia com um ano de idade, tive a oportunidade de ingressar no curso de pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil na modalidade EAD. Logo no início do primeiro período, pude contar com minha avó materna como rede de apoio. Naquele mesmo ano me despedi carnalmente daquele amor ancestral.

No ano seguinte, consegui um estágio remunerado em uma pequena escola privada no bairro onde eu morava. Assim, tive meu primeiro contato profissional no ambiente escolar e permaneci nesta instituição por quatro anos, onde passei por grandes experiências e adquiri conhecimentos.

Em 2012, a diretora e dona desta escola, foi quem me incentivou e me despertou para que eu prosseguisse com meus estudos e procurasse fazer uma pós-graduação *latu sensu*, na área da administração e supervisão escolar. A mesma até brincava comigo dizendo que um dia eu seria sua concorrente!

Foi na universidade Cândido Mendes onde concluí a especialização no ano posterior. Mesmo ano em que encerrei minhas atividades naquela escola privada e iniciei meu primeiro contato como profissional de educação da rede pública municipal de Niterói, através de um contrato temporário de 36 meses em período integral.

A partir dessa experiência obtive contato com uma nova realidade de ensino-aprendizagem, e me identificava socioculturalmente com aqueles alunos. Optei por atuar em uma escola no bairro onde morei por muitos anos. Trabalhar naquela comunidade para mim era muito significativo, pois ali era o que considerava ser meu território.

Ao longo do tempo fui professora de conhecidos e até de filhos de pessoas que convivi na juventude. A minha escolha por aquele espaço não foi à toa, tinha valor afetivo, foi Sankofa<sup>2</sup>

Porém, naquele ambiente, o que mais me chocava era a defasagem de ensino em relação a aprendizagem que aqueles alunos apresentavam. Hoje, refletindo sobre aquela realidade que persiste em nossos dias, observo que muito tinha/tem a ver com a ausência de afetividade provocada, muitas vezes pelos racismos experimentados por aquela comunidade. Analisando aquela experiência que vivi, lembro-me das posturas adotadas por alguns profissionais que compunha aquele corpo docente, sobre aqueles estudantes que se apresentavam majoritariamente negro. Como bem diz Eliane Cavalleiro no seu texto em *A cor Da Cultura*, Caderno 1 Modos de Ver:

...no caso particular do sistema de ensino, tendo em vista que o racismo opera de maneira tanto consciente, quanto inconsciente, as pesquisas acadêmicas indicam que profissionais de educação como agentes reprodutores da discriminação e do racismo no espaço escolar, desde aqueles que atuam na educação infantil e até mesmo aqueles que atuam em níveis escolares mais elevados. Não por outro motivo a subjetividade e a afetividade nas relações estabelecidas no cotidiano escolar são aspectos a serem levados em conta quando da análise das desigualdades no empenho escolar e das taxas de acesso e permanência entre crianças negras e brancas no cotidiano escolar (CAVALLEIRO,2006, p.82).

Aquela situação me encaminhou participar iniciar o projeto de reforço escolar que era oferecido pela rede municipal. Ofertado na mesma unidade em que os alunos eram matriculados.

No último ano de contrato, em 2016, foi publicado o edital para um concurso público na área da educação para rede municipal de Niterói. Vi nessa publicação uma oportunidade para me efetivar na

---

<sup>2</sup> Os Ashantes de Gana usam os símbolos Adinkra para representar provérbios ou ideias filosóficas. Sankofa ensinaria a possibilidade de voltar atrás, às vezes, às nossas raízes, para poder realizar nosso potencial para avançar. Sankofa é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo.

rede. E com isso, minha jornada diária triplicou, pois após o trabalho regular, seguia para o preparatório para esse concurso.

Para minha alegria e de minha família, fui aprovada no concurso para as duas vagas em que havia feito inscrição: professor I (educação infantil/ ensino fundamental) e pedagogo.

No intervalo entre o fim do contrato até o momento da convocação do concurso, atuei em uma escola de educação infantil na zona sul de Niterói. Essa experiência me fez experimentar situações desagradáveis, no que diz respeito às manifestações de discriminação racial e de racismo.

Entre professores, alunos, coordenação e direção, eu era a única negra ou pelo menos, a única que se reconhecia como tal. Nesta instituição, a equipe pedagógica solicitava que temas referentes a questões étnico-raciais não fossem discutidos com a justificativa de que não fazia-se oportuno desenvolver este assunto com alunos da educação infantil. Mesmo após eu ter sinalizado desconforto com a forma que uma aluna ter se referido a mim de forma pejorativa me chamando de “a tia marrom”.

Diante deste fato, alertei para a urgência e importância de atuar em consonância com obrigatoriedade do que prevê a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira, em seus artigos 26A e 79B<sup>3</sup>. Ao que a coordenadora pedagógica respondeu que a neta poder “conviver com uma pessoa negra era novidade”, já que ela achou carinhosa a maneira com que a neta se referiu a mim. Ironicamente eu pensava: "Mas carinho só com a 'tia marrom'? E as tias brancas não merecem carinho?"

Algo que me causava profundo desconforto era conviver com a situação em que as demais professoras eram chamadas pelos seus nomes, mas eu era a "tia marrom".

---

<sup>3</sup> Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Em outra situação, quando acolhi um aluno de outra turma que estava em adaptação a diretora fez o seguinte comentário: “ Ele se identificou com você porque você é marrom bombom como a secretária da casa dele”. As experiências que vivi atuando nessa instituição me atravessaram e marcaram a minha trajetória. Foram relações, olhares dolorosos, mas que me fizeram compreender que

O silêncio da escola sobre as dinâmicas das relações raciais tem permitido que seja transmitido aos (as) alunos (as) uma pretensa superioridade branca, sem que haja questionamentos desse problema por parte dos (as) profissionais da educação e envolvendo o ambiente escolar em práticas prejudiciais ao grupo negro. Silenciar-se diante do problema não apaga magicamente as diferenças, e ao contrário, permite que cada um construa, a seu modo acrítico, conformando a divisão e a hierarquização raciais. É imprescindível, portanto, reconhecer esse problema e combatê-lo no espaço escolar (MEC/SECAD, 2010, p.19).

O ano de 2019 chegou! Com ele um novo ciclo se iniciou.

Ingressei em uma outra instituição escolar privada, que abrangia da educação infantil ao ensino médio. Assim que contratada, atuei como professora em uma turma do segundo ano do ensino fundamental I, por apenas 1 mês. E em seguida, fui convidada a fazer parte da equipe de coordenação pedagógica da escola. Nesse lugar, esbarrei mais uma vez com as amarras do racismo pelo cargo em estava ocupando. Ainda assim, mesmo como coordenadora pedagógica não tive autonomia e abertura para propor o desenvolvimento de atividades ou projeto que pudesse promover diálogos e construções antirracistas.

Em fevereiro daquele ano, para minha satisfação, fui enfim convocada para atuar como professora da rede pública municipal de Niterói. Escolhi, então atuar em uma UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil). A educação infantil do município de Niterói conta com a bidocência, conquista da luta do Sindicato, em que garante a presença de dois professores regentes em sala de aula. Nas unidades de educação infantil, os horários são integrais, mas

em decorrência da carga horária do concurso de 24h semanais, eu trabalhava em meio período, apenas no turno da manhã.

No decorrer de 2019 dividi minha jornada pedagógica entre a regência de turma na educação infantil em rede pública municipal e coordenação pedagógica na instituição privada. E o fato de eu atuar em uma unidade escolar de ensino integral, somente em um turno, me gerava um desconforto por não acompanhar toda a rotina diária dos alunos, mesmo tendo um excelente diálogo com minhas companheiras de trabalho.

Aquele ano foi muito especial, apesar de desde a infância ser empoderada e conscientizada racialmente pela minha tia Eliza, 2019 foi o ano em que eu renasci como mulher negra.

A começar pelo convite que recebi e aceitei para participar de uma pesquisa que uma colega da UMEI estava realizando sobre relações raciais. Se tratava de uma dissertação de mestrado cujo título foi: “Percepções docentes sobre as relações raciais na educação infantil”. A proposta seria eu responder um roteiro de entrevista. No entanto, transformei aquele roteiro em uma carta onde registrei minha memórias e narrativas. Esse processo autobiográfico em que pude assumir o protagonismo da minha própria história e passar de objeto de pesquisa para sujeita da pesquisa, foi uma experiência dolorida, mas bastante necessária. Tive a oportunidade de acessar episódios da minha vida que me atravessaram, porém estavam adormecidos em minha memória. Tocar neles serviu para que eu despertasse como sujeita e como uma profissional que precisava se comprometer com uma educação antirracista. Neste sentido a escritora Neusa Santos Souza em seu livro Tornar-se Negro nos leva a seguinte reflexão:

É que no Brasil, nascer com a pele preta e /ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial não organizam, por si só, uma identidade negra.

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se

reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (Souza, 2021, p.115).

Diante de alguns questionamentos e inquietudes, somados ao início da pandemia da COVID-19, usufruí deste momento atípico que vivemos para me dedicar a formações continuadas, leituras e pesquisas acerca de temas relacionados às questões raciais. Conforme fui me aprimorando e me apropriando desse letramento racial, a partir da convivência com uma equipe escolar que demonstrava desinteresse e/ou indiferença na abordagem de um assunto tão importante e caro ao Movimento Negro que nos ensina que estrutura a nossa sociedade, foi se tornando insustentável a minha permanência daquela UMEI que ingressei em 2019. Somadas outras questões profissionais vivenciadas naquele ambiente, que me afetaram emocional e profissionalmente, percebi que já era tempo encerrar esse ciclo marcador de profundas transformações na minha trajetória pessoal e profissional.

Voltei então para o lugar onde cumpri meus 36 meses de contrato temporário entre 2014 e 2016. Atuo com uma turma de 3º e outra de 5º ano, no turno da manhã e tarde, respectivamente.

Um dos meus principais objetivos é ensinar meu aluno através do que ele tem interesse e assim despertar o seu querer-aprender, proporcionando um processo de aprendizagem significativo.

Dentro desta perspectiva e nessa construção de sentidos, o meu desafio é tentar “esquivar” do cenário econômico, político e social onde frutificam as mazelas vividas por aquela comunidade escolar.

Assim, me proponho a fazer da minha sala de aula um ambiente antirracista, democrático, ouvinte, afetivo, acolhedor, de valorização de saberes e principalmente, um espaço onde eu possa contribuir para a formação de cidadãos críticos, pensantes e conscientes de quem são. Ali, o meu compromisso é ser a professora que eu não tive. É literalmente “Estudar o Brasil a



contrapelo”, conforme se intitula o Projeto Instituinte 2023<sup>4</sup> da nossa unidade.

Me aproprio do que o rapper Emicida diz que "viver é Partir, voltar e repartir”, para dizer que é isso! Retornar a esta escola para mim é como cumprir uma missão. É valorizar, impulsionar e acreditar no sonho dessas crianças e adolescentes apesar de todas as adversidades e suas realidades.

## Referências

Cavalleiro Eliane Dos Santos et al. Relações Raciais no cotidiano Escolar: implicações para a subjetividade e afetividade. A cor da cultura Modos De Ver. Caderno 1.p.82.2006

Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

MEC/SECAD. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. p.19.2010

Souza Neusa Santos. Tornar-se Negro.p.115.2021

Imagem avós maternos, acervo pessoal

Imagem Grafite realizado na Escola Municipal Sebastiana Gonçalves Pinho. Agosto.2023

---

<sup>4</sup> Projeto educacional formulado por Unidades de Educação Da Rede Municipal De Niterói que visa a melhora da qualidade de ensino e o fortalecimento do Projeto Político Pedagógico.

## Sigo professora

Ana Claudia Domingos Cajazeira<sup>1</sup>

Sexta-feira, 18 de dezembro de 1998: a noite tão desejada da formatura no Magistério.

Enfim, professora formada!

Muitos risos e alegria com os colegas dos três anos de magistério.

Mamãe veio me felicitar:

"Agora você é uma EDUCADORA e tem uma grande responsabilidade com vidas!".

Foi a frase que D. Ema usou para me parabenizar.

Ela, a minha responsável que desde a educação infantil até o curso de formação de professores fez as matrículas, comprou os materiais, negociou os livros, investiu na formação minha e do meu irmão abrindo mão dos seus luxos, das festas, dos desejos, dos seus sonhos, minha maior investidora.

Confesso que no auge da empolgação da noite de festa com os amigos, essa felicitação me parou por uns instantes: Educadora?

Na imaturidade dos dezesseis anos, mas formada A PROFESSORA, o dito de mamãe pesou, mas também motivou o entrar na minha primeira sala de aula com o sentimento de ser alguém, ensinar alguém, fazer a diferença na vida de alguém.

A oportunidade logo surgiu e no ano seguinte eu já teria a minha primeira experiência em sala de aula: estreando como professora.

Plano de aula: ok. Motivação: ok! Incentivo: pirulito, ok!

---

<sup>1</sup> Especialista em Gestão Educacional e Linguagens Artísticas, Cultura e Educação. Professora na Escola Municipal Santos Dumont - Japeri/ RJ  
Coordenadora Pedagógica no Educandário Recanto do Mundo Divertido - Japeri/RJ. anadrigaoejoao@hotmail.com / anadrigao@gmail.com

Tudo conforme a professora de Didática tinha passado no script das aulas.

Primeiro dia de aula! A minha estreia na Educação!

Enfim vou colocar em prática toda a teoria dos três anos do curso de formação de professora.

E a frase da minha mãe seguia soando forte: educadora, mudar vidas, responsabilidade.

Nervosismo, insegurança, suor nas mãos...

Não consegui executar o plano de aula na íntegra.

O que aconteceu?

Não planejei direito?

Será que a motivação não foi tão motivadora assim?

Primeiro dia, a primeira semana, o primeiro mês.

O encantamento do planejamento foi sendo invadido pelo sentimento de cansaço e frustração.

Afinal era tudo novo e não estava saindo conforme o planejado.

A realidade da sala de aula me assustou porque tudo o que eu havia copiado no caderno durante três anos não estava combinando com o dia a dia da escola.

Eu não estava conseguindo transformar vidas e minha mãe ficaria decepcionada.

Será que escolhi errado?

Não nasci para ser Professora?

Por meses fui invadida por sentimentos de frustração, medo, arrependimento, misturado com o dever de cumprir o plano de aula, entregar o planejamento, fechar o conteúdo.

Em meio ao turbilhão de sentimentos e emoções veio a reflexão: por que continuar?

Cabe dizer que apesar de tantos questionamentos e insegurança, eu acordava muito animada para ir para a escola.

Por que, se estava me fazendo sofrer?

As crianças!

Apesar de todo o sofrimento, em meio à imaturidade como um raio de luz veio a reflexão:

As crianças: minha motivação diária.

Eu desejava vê-los todos os dias.

Eu precisava do brilho no olhar curioso ao passar pelo portão para descobrir qual seria a novidade daquele dia.

Mamãe em sua sabedoria da vida para a vida, não adquirida na formação acadêmica, tinha razão: “vidas, educadora, influenciadora de vidas”.

Isso era o que me movia em seguir sendo professora.

A sala de aula é encantadora, é mágica.

A sala de aula dá poder. Poder?

Sim, poder. O PODER em “poder” ir contra a dura realidade constatada por pesquisas e escrachada na capa do jornal:

"Japeri, cidade dormitória: seus trabalhadores saem pela madrugada enquanto ainda está escuro e retornam na escuridão da noite...".

"Japeri, cidade miserável com o um dos piores IDH's da baixada fluminense e com IDEB muito ruim...".

"Japeri cresce: na velocidade das carroças e bicicletas", matéria que ainda contou com uma foto tirada em um dia de chuva no centro da cidade para dar veracidade a exposição.

Como manter os olhinhos brilhantes diante de notícias reais que rotulam a cidade natal dos meus alunos? Que rotulam a minha cidade.

Como manter os meus olhos brilhando diante da triste realidade?

*“Construindo com a alegria do seu povo sonhador.*

*Avante cidadão japeriense*

*Já mostrou que és capaz*

*Agora seu futuro é ir em frente*

*E crescer bem mais bem mais.*

*És uma célula do Rio de Janeiro Seu coração bate pelo Brasil inteiro.*

*Avante cidadão japeriense*

*Vai mostrar a nossa gente o seu valor”.*

(hino municipal de Japeri/RJ - fragmento)

Mostrar o valor dos pequenos olhinhos brilhantes inocentes que poderiam ter seu futuro comprometido por sua localização geográfica desfavorecida?

Não esqueço que na graduação, cursada na Zona Norte do Rio de Janeiro, já ouvíamos: “Nova Iguaçu até já ouvi falar. Japeri fica muito depois ainda?”.

Sim, cinco estações depois. Uma célula do Rio de Janeiro que de trem até a faculdade em Bonsucesso levávamos mais ou menos duas horas fazendo baldeação entre as estações ainda.

E pensar nas minhas crianças, de tudo o que enfrentarão.

- Tia, o coisinho me xingou.

- Como assim te xingou?

- Me xingou. Me chamou de ser humano.

Dois cidadãozinhos que não tinham a noção ainda do que é SER HUMANO.

O outro afirmou que usou como forma de xingamento, sim.

Na trajetória docente ouvir relatos como esse é muito comum e alegam os nossos dias. E ouvir ao professor com mais experiência, a troca com os colegas são acalantos motivacionais preciosos.

Guardei de uma pessoa, "Ana, eu sempre quis mudar o mundo, denunciar injustiças, por isso me tornei jornalista. Mas descobri que o importante não era denunciar, protestar, mas sim ir na base e evitar que o mal se instale e cresça, por isso me tornei professora."

E eu ouvindo o discurso incentivador, visionário dela deixei o magistério.

Sim, não queria mais dar aulas.

Cansaço, frustração, trabalhar na escola e levar trabalho para casa sempre me consumiram.

“O que você vai fazer então? Você sabe fazer outra coisa?”. Indagou-me um amigo.

Fui para a área administrativa dentro de um curso de idiomas e práticas administrativas.

A adaptação não foi difícil, desenvolver as tarefas também não.

Mas a cada candidato, a cada responsável que chegava a professora em mim atuava: “Ana, você precisa ser mais direta, mais dura, afinal estamos aqui para vender os cursos e não ser psicólogos ouvindo tudo de todo mundo”.

Nesse momento entendi o xingamento dos meus aluninho como a ofensa do outro: SER HUMANO.

Ser humano, ser professora, atuar na base, minha mente abriu para compreender fala da professora idealizadora, idealista.

E retornei ao meu lugar.

De onde eu não deveria ter saído, mas foi necessário olhar de fora, ampliar a visão.

Ter um novo olhar para olhar além da célula do Rio de Janeiro  
Sigo professora, sigo trabalhando na escola, sigo levando trabalho para casa, sigo cansada, sigo feliz.

Realizada? Não.

Entendi que a realização profissional idealizada no auge dos dezesseis anos de quando me formei, não é estar acomodada em um lugar confortável. Eu professora, preciso me incomodar, me mover.

Os alunos que dei aulas não passaram por mim. Eles entraram para a minha vida. Não saíram e não sairão jamais.

Alegria com aqueles que encontro ou recebo notícias: “Tia Cacau, passei no vestibular”.

“Iniciei a graduação”. “Professora, acredita que já estou fazendo pós?”.

Mas nem sempre as notícias recebida sobre eles são maravilhosas.

Nessa trajetória percebi um aluno do bairro passando por mim, estranho, sempre correndo, olhando para trás, desconfiado.

Alguns dias mais e senti a ausência da sua correria.

Mais uns dias e chega a informação do corpo encontrado na cidade vizinha: havia se tornado "aviãozinho", mas não estava

realizando as entregas e sim consumindo a mercadoria do seu trabalho.

Não havia muito tempo que estava conosco na Educação Infantil.

Será que se deixaram levar pelo falso rótulo da cidade dormitória, miserável que não se pode mudar?

Choro com os que escolheram o caminho contrário, infelizmente não são poucas as notícias com o mesmo enredo. Ainda assim não apenas passaram por mim, entraram em minha vida para nunca mais sair.

Há alguns dias atrás encontrei três pequenos, já não tão pequenos:

- Oi professora, lembra de mim? – me cumprimentou um, fazendo entrega de quentinhas.

- Boa tarde Professora, como a senhora está? – O segundo carregando material de obras.

- Professora Ana Claudia! Sou eu, o Florêncio. Eu era bagunceiro. Estou fazendo Engenharia.

Ah o Florêncio... Nesse instante percebi de verdade a fala de minha mãe passados vinte e cinco anos: “você é uma EDUCADORA e tem uma grande responsabilidade com vidas!”.

Sendo que eu achava que a frase seria para EU mudar vidas...

Só agora revivendo cada memória, revisitando as histórias vi que eles que mudaram minha.

Sigo trabalhando, sigo na escola, sigo levando trabalho para casa, sigo cansada, sigo feliz.

Sigo professora.

## Referências

ALVES, Jorge da Silva. CARDOSO, Abner Lopes. HINO DE JAPERI - RJ [s.d.]. Disponível em <https://www.letras.mus.br/hinos-de-cidades/941161/>. Acesso em: 20 de ago. de 2023.

PESQUISA MOSTRA QUE JAPERI TEM O PIOR IDH DO RJ. Japeri Golfe Rio de Janeiro. [s.d.]. Disponível em <https://www.japerigolfe.com.br/noticias/pesquisa-mostra-que-japeri-tem-o-pior-idh-do-rj/>. Acesso em: 15 de ago. de 2023.

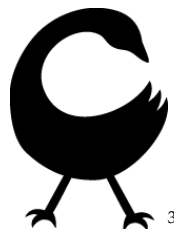
SÉRIE 'MISÉRIA': PESQUISA INDICA QUE SANTA CRUZ E JAPERI TÊM OS PIORES INDICADORES DE POBREZA DO RJ. 2017.<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/serie-miseria-pesquisa-indica-que-santa-cruz-e-japeri-tem-os-piores-indicadores-de-pobreza-do-rj.ghtml>. Acesso em: 05 de set. de 2023.





## Escrevivências<sup>1</sup>

Valéria Paixão de Vasconcelos Nepomuceno.<sup>2</sup>



SANKOFA<sup>4</sup>

Rememorar não é só lembrar é vivenciar memórias e reviver emoções. Cresci ouvindo meu pai chamando minha mãe de minha Preta, minhas tias, irmãs do meu pai, brincando com minha mãe que o lugar de preta era na cozinha e ela se defendia dizendo que gostava de cozinhar, ou seja, ser negra, preta ou/e a negritude sempre esteve presente durante a minha infância e o racismo também. Minha família era dicotômica, na parte que era negra, vivenciava atitudes que me fortalecia, pois meu avô Dodô sempre me chamava de “minha neguinha linda!” Meus tios também me mimavam exaltando a nossa cor. “A afirmação da identidade negra é, sobretudo, influenciada por ambientes em que as questões raciais são colocadas de maneira não ameaçadora” (OLIVEIRA, 1999, p.50). Nunca tive nenhuma dúvida da minha cor, apesar de alguns conflitos internos, eu só não sabia que ser negra me excluiria de

---

<sup>1</sup> Conceito de **Conceição Evaristo** para as escritas de vivencias de pessoas negras.

<sup>2</sup> Professora Substituta do Cap UERJ, Email: valeriapaixao34@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Adinkra: são Símbolos expressos graficamente. Ideogramas oriundos de um dos muitos sistemas de escrita africanos antigos. Têm como objetivo a transmissão de mensagens. Gana, África Central. Disponível em: <[http://www.adinkra.org/htmls/adinkra\\_index.htm](http://www.adinkra.org/htmls/adinkra_index.htm)> Acesso em: 7 de set. 2023.

<sup>4</sup> Símbolo da importância de aprender com o passado.

alguns lugares/oportunidades e que na fala da minha tia, por exemplo, havia uma ideologia de racismo estruturada na sociedade e que ali não havia nada de brincadeira.

Sonhava em ser professora e tive bons exemplos de professores negros a me incentivar, inclusive uma disse para nunca desistir de meus sonhos. Minha formação foi em escolas públicas de Nova Iguaçu, na baixada, cidade onde moro. Fiz o curso de Normalista para formação de Professores e foi uma grande emoção para mim e para minha família, começar a trabalhar com a docência. Lecionei em algumas escolas particulares pequenas e outras escolas públicas através de contrato, mas nunca imaginei que poderia fazer curso superior, principalmente, em universidade pública.

Casei, tive filhos e dei preferência a parar de lecionar e assim acompanhar os primeiros anos de suas vidas. Depois de três anos, voltei a trabalhar na Creche/escola onde consegui vaga para eles. Fiquei trabalhando por dois anos até que me mudei para um bairro que fica ainda mais no subúrbio de Nova Iguaçu, onde o acesso era bem difícil com ônibus de hora em hora e ficava árduo sair para trabalhar com duas crianças pequenas. Como não consegui um emprego próximo de casa e não queria ficar longe dos meus filhos por muito tempo, esperei mais um pouco, me detendo nas atividades do lar e fazendo alguns cursinhos mais rápidos e domésticos, como crochê, tricô, pintura em tecido, pelúcia e doces, enquanto eles estavam na escola.

Depois de ter parado de trabalhar por mais um tempo, queria voltar a lecionar, pois meus filhos já estavam mais autônomos, porém eu não tinha nenhuma indicação de trabalho na área e em meu currículo não tinha muitas experiências. Então, após incentivo da minha irmã, que já cursava oceanografia na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, comecei a ambicionar a faculdade.

Dei início aos estudos para o vestibular e, nessa ocasião, só pensava se conseguiria passar para uma das universidades públicas, pois seria a única que poderia fazer já que não tinha condições financeiras para pagar uma universidade particular e nunca tinha feito nenhum tipo de curso preparatório, pois eram

muito caros. Próximo às provas, busquei um curso pré-vestibular social, que me ajudou a ter uma noção das disciplinas que o curso de formação para professores não se aprofunda, como matemática, física e química.

Consegui! Passei no Vestibular! Assim, minha história de formação acadêmica se entrelaça com a minha tentativa de voltar a lecionar, porque busquei a graduação em

Pedagogia, pois, as exigências nas escolas já não permitiam mais ter somente o Curso Normal. Com o ingresso na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO considerei que agora não ficaria mais sem trabalhar, afinal sempre ouvi falar que Faculdade Federal era difícil para entrar, mas que depois abre portas.

Entretanto, depois que passou a alegria inicial, veio a realidade. Ingressei na faculdade e descobri que não era tão fácil assim, simplesmente estudar. Existiam outras preocupações, pois além da dificuldade de morar muito longe, os gastos com passagem e alimentação nesse novo trajeto. Quando fui fazer a matrícula, vi um panfleto que anunciava bolsas para estudantes de origem popular, negro ou afro descendente e ser da primeira geração a entrar na graduação. Era para mim, eu me encaixava em todos os pré-requisitos, então, fiz a inscrição e fui selecionada.

### Vivência de um decurso além da graduação



MATE MASIE<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup>Adinkra- Ideogramas oriundos dos muitos sistemas de escrita africanos antigos. África Ocidental. Disponível em: <[http://www.adinkra.org/htmls/adinkra\\_index.htm](http://www.adinkra.org/htmls/adinkra_index.htm)>Acesso em: 7 de set. 2023.

<sup>6</sup> Símbolo de Sabedoria, conhecimento e prudência.

Particpei do projeto de pesquisa e extensão “Programa Conexões de Saberes<sup>7</sup>: diálogos entre a universidade e as comunidades populares”, onde desenvolvi um trabalho específico de intervenção pedagógica<sup>8</sup>, com a monitoria de mestrandas que assessoravam pedagógica e politicamente os estudantes de vários cursos de graduação, dando início as nossas reflexões sobre localidade.

Comecei também a desenvolver minha pesquisa com foco na educação das relações étnico-raciais, no eixo de Ações Afirmativas Diversidade e Desigualdade<sup>9</sup> com a professora Maria Elena Viana Souza e com o auxílio desta professora também tive a possibilidade de dar continuidade a pesquisa no meu estágio e posteriormente, na participação no PIBID<sup>10</sup> do Ensino Fundamental.

Vivenciei a importância que esses estudos ocasionaram na minha vida, pois a formação política nessas pesquisas nos faz entender como e porque essa conjuntura brasileira eurocêntrica e racista nos aliena. Nem todos os estudantes bolsistas Conexões e Saberes eram negros, mesmo porque na época a UNIRIO era uma universidade que quase não tinha negros e mesmo os que tinham precisavam trabalhar para se manter e muitas vezes manter a

---

<sup>7</sup> É um Programa Nacional de pesquisa e extensão que visa o diálogo entre as universidades e as comunidades populares.

<sup>8</sup> Refere-se às oficinas do Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares. Em parceria com Programa Escola Aberta, significava uma possibilidade concreta de ações e execução de metas que valorizavam o protagonismo do estudante universitário de origem popular, identificando seus saberes, de modo a construir uma política nacional de ações afirmativas no âmbito das instituições federais de ensino superior.

<sup>9</sup> Este grupo de pesquisa estudava as questões étnico-raciais e de racismo e foi iniciado em uma das vertentes de pesquisa do Programa Conexões de Saberes.

<sup>10</sup> O Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência – PIBID, mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES, desenvolvido na UNIRIO, por meio do Projeto Iniciação à docência – desde 2010, em escolas públicas de educação básica com a participação de estudantes de licenciaturas, professores supervisores das escolas.

família, pois a bolsa não era suficiente nem para manter passagem e a alimentação de um dia inteiro.

Alguns professores negros que passam pela graduação, tiveram uma formação acadêmica, mas sem passar por alguns decursos de formação, infelizmente eles não adquiriram essa sensibilidade e não têm essa visão de emancipação para o educando e nem muito menos pensam na educação inclusiva para as relações étnico-raciais<sup>11</sup>.

Entendemos a educação étnico-racial como forma de educar para cidadania, ou seja, a partir do momento em que a identidade das crianças negras e mestiças afrodescendentes são valorizadas para que esse segmento populacional possa se emancipar cada vez mais e lutar por sua inclusão nos espaços políticos, sociais e econômicos da sociedade brasileira. (SOUZA, 2012, p.122).

Com os estudos e debates, foram surgindo algumas questões polêmicas como a entrada de estudantes negros, na universidade pública, através das Cotas Raciais e a implementação da Lei 10.639/03<sup>12</sup> que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos Africanos nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, alterando a LDB (Lei Diretrizes e Bases da Educação) e estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Tais questionamentos surgiram, também, a partir da repercussão de uma educação escolar que,

---

<sup>11</sup> O termo foi ressignificado pelo Movimento Negro que, em várias situações, utiliza com um sentido político e de valorização do legado deixado pelos africanos. É importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, européia e asiática. (BRASIL, 2004, p.5)

<sup>12</sup> Utilizo a lei 10639/03 aqui neste trabalho, apesar de ter sido substituída pela lei 11.645/08 desde março de 2008, incluindo as questões indígenas, pois a lei 10.639/03 tem o teor político vinculado às questões de luta do movimento negro, dentre outras.

durante anos e anos, não deu importância a uma grande parte da população de nossa sociedade que foi historicamente excluída.

Na trajetória acadêmica de ensino, pesquisa e extensão com a expectativa do reconhecimento da Diversidade Étnico-Racial e Cultural, selecionei materiais e trabalhei com oficinas pedagógicas lúdicas e com algumas experiências literárias étnico-raciais infantis, com personagens negros, e nos livros como: *A Menina Bonita do Laço de Fita*, *Minha Família é Colorida*, *O cabelo de Lelê*, *O menino Nito*, entre outros; confeccionamos bonecas Abayomi, bonecos de meia, fantoches e marionetes; fizemos teatro e outras atividades com auxílio das crianças, finalizando o trabalho sempre com um círculo de conversas.

É oportuno salientar que uma pesquisa, caracterizada concomitantemente pela constatação e pela intervenção, tende a dar ênfase a um desses aspectos e a comprometer o outro. Sendo educadora, negra e comprometida com a transformação do ambiente escolar diante da questão racial, entre outras, não tenho dúvida de que a minha tendência seria privilegiar a transformação em detrimento da constatação. (OLIVEIRA, 1999, p.15).

Vivenciando nas instituições escolares a necessidade de serem mais inclusiva e também de cumprirem a LDB, lei máxima para educação, com a inclusão da lei 10.639/03, após a graduação prossegui com lecionando através de projetos, ou de políticas públicas, pois a escola é o principal local de socialização onde as crianças negras e/ou brancas devem aprender a respeitar outras culturas, outros povos e também onde a juventude negra precisa construir uma identidade de forma positiva e crescer com autoestima valorizada, convicto de sua capacidade intelectual, podendo prosseguir seus estudos de forma tangível e passando com equidade pela universidade pública, sabendo os seus direitos, em sua alteridade em poder estar ali como todos os outros que têm aquele espaço estruturado como uma norma.

Como nos explica Boaventura Sousa Santos (2007), é na estrutura do pensamento moderno ocidental que se constituem as relações políticas e culturais excludentes. “O pensamento abissal

moderno salienta-se pela sua capacidade de produzir e radicalizar distinções” (SANTOS, 2007, p.2). E essas dicotomias contribuem para tornar invisível esta linha abissal.

No campo do conhecimento, do pensamento abissal que consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia. O caráter exclusivo deste monopólio está no cerne da disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e não-científicas de verdade. Sendo certo que a validade universal da verdade científica é, reconhecidamente, sempre muito relativa, dado o fato de poder ser estabelecida apenas em relação a certos tipos de objetos em determinadas circunstâncias e segundo determinados métodos, como é que ela se relaciona com **outras verdades possíveis** que podem inclusivamente reclamar um estatuto superior, mas não podem ser estabelecidas de acordo com o método científico. (SANTOS, 2007, p.3, Grifo nosso).

O pensamento abissal, descrito por Santos (2007), atinge os dois lados de uma linha demarcada pela invisibilidade do outro, ou seja, atinge toda a sociedade, mas como sugere o autor, devemos ir além desse pensamento abissal e no pós-abissal, não só reconhecer as perspectivas epistemológicas do Sul global, mas difundir uma ecologia do saber, com a concentração epistemológica na diversidade<sup>13</sup>.

### **Diversidade, decolonialidade e conhecimento**

A diversidade está presente nas escolas, por tanto é preciso adaptações para que haja o aprendizado e para que em alguns casos ele não seja prejudicado. Procurei cursos para me especializar na inclusão e fui selecionada para o curso de Especialização em Educação Especial em Deficiência Mental (DM) em Educação à

---

<sup>13</sup> Pensamos em ecologia do saber relacionada ao pensamento pós-abissal: “Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico.” (SANTOS, 2007, p. 19).



Distância (EAD) na UNIRIO. Com esse curso vivenciei a EAD. Nessa unidade o ensino/aprendizagem acontecia por meio de aulas na plataforma, da leitura texto, discussões interativas com o tutor a turma e provas no pólo presencial. Adorei a experiência, pois dialogar com um estágio remunerado com capacitação pelo Instituto Municipal Helena Antipoff que fiz, em uma escola no município do Rio de Janeiro, com uma criança autista não verbal, mas não consegui o certificado de especialização, pois não tive a orientação necessária para escrever a monografia que seria o trabalho final, então fiz outros cursos que também agregaram a minha formação e saberes com menos carga/horária como o de Educação Especial e o de Educação Inclusiva.

Acredito que a educação, em especial uma Educação Inclusiva, seja o meio possível de disseminar e democratizar esse pensamento pós-abissal, trazendo a interculturalidade para disseminar uma pedagogia decolonial, que “é um termo que começa a emergir na área da educação, alinhado com os estudos desenvolvidos no âmbito da América Latina”. (MIRANDA, 2014, p. 1055). E como nos mostra Catherine Walsh:

De maneira ainda mais ampla, proponho a interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que ao mesmo tempo alentam a criação de modos “outros” de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras. A interculturalidade crítica e a de-colonialidade, nesse sentido, são projetos, processos e lutas que se entrecruzam conceitualmente e pedagogicamente, alentando forças, iniciativas e perspectivas éticas que fazem questionar, transformar, sacudir, rearticular e construir. Essa força, iniciativa, agência e suas práticas dão base para o que chamo de continuação da pedagogia decolonial. (WALSH, 2009, p.25).

Dialoguei com professores e futuros professores, em oficinas pedagógicas e sobre elas, mostrando como é possível apresentar a

cultura étnico-racial de forma lúdica, entrando em contato com aspectos das Diretrizes e Bases da lei 10.639/03 (BRASIL, 2004). Continuei fazendo essas oficinas em formação de professores através de convites ou editais de seminários e congressos. Com essas vivências, foi possível observar que esses futuros professores têm interesse em adquirir mais conhecimentos de como lidar com algumas questões étnico-raciais, como o racismo; aprender a desenvolver atividades com a temática e se especializar no assunto. Pois alguns até já exercem a função de professor e segundo eles, não haviam tido nenhum contato com a lei 10.639/03, isso precisa mudar.

Miranda e Souza (2012) refletem a Pedagogia Decolonial, com Catherine Walsh (2008), pois a entendem como uma possibilidade de desmascarar o racismo, a desigualdade e a injustiça e a oportunidade de vislumbrar práticas para a transformação, abrindo mão de currículos euro dirigidos, considerando saberes outros, trazendo outras pedagogias. Miranda e Souza também dizem que: “Pedagogia Decolonial, significa pensar pedagogias outras para além do espaço escolar. Sua base intercultural nos obriga a aceitar as interseções estabelecidas para além da instituição estabelecida como legitimadora dos saberes curriculares”. (MIRANDA E SOUZA, 2012, p. 37), ressignificando práticas pedagógicas que, muitas vezes, são repetitivas e seu sentido é deslocado da realidade.

Na contemporaneidade “até nas escolas/universidades chegam sujeitos outros que nunca chegaram. Trazem e exigem Outras Pedagogias” (ARROYO, 2012, p.25), pois, nós sujeitos outros, Negros, da periferia, da classe dita popular chegamos às universidades, espaços anteriormente somente da elite branca, e queremos ver a nossa história contada de forma real, dessa forma seremos reconhecidos e respeitados.

Segui buscando conhecimentos e mais bases teóricas, como no curso que fiz na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Instituto de Educação/ Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu, (UFRRJ/IM e/ou Rural de Nova Iguaçu) aperfeiçoamento MEC/UNIAFRO: Política de Promoção da Igualdade Racial na

Escola, onde encontrei professores e professoras que também participaram do curso e que estudam e se preocupam com o mesmo foco, me sentindo em um Quilombo de pensamento, saberes e ideias. Logo após cursei com o mesmo grupo, a pós-graduação *latu sensu* em História e Cultura Afro-brasileira e Africana, promovido pela AÇÃO 20RJ/MEC/UNIAFRO/UFRRJ Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola, do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros (NEABI/UFRRJ) e do Grupo de Pesquisa Educação Superior e Relações Étnico-Raciais (Gpesurer), me tornando uma Especialista em Educação.

Dei continuidade aos estudos com o Mestrado na UNIRIO e prossegui no grupo de pesquisa que já participava na graduação, entretanto atualizado no MEC e renomeado por nós, GEPEER (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Étnico-Racial). O meu grupo de pesquisa que já tinha também como um Quilombo de saberes, originando pensamentos e ideias, com a professora Maria Elena impulsionando à temática.

Além do GEPEER, na UNIRIO, também tinha outro “quilombo”, o de educadoras negras “Etnoeducadoras”, que com inspirações e diálogo estabelecidos com a Rede de Maestros y Maestras Hilos de Ananse (Bogotá/Colômbia) constituem eventos: “Encontro da Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras”, Trazendo experiências que nos fortalecem com o protagonismo de educadoras negras no contexto de educação básica, ensino médio e superior.

Assim como, o GPMC - Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas, que conheci em uma reunião do grupo na UFRRJ - Rural de Nova Iguaçu, coordenado pelo professor Luiz Fernandes de Oliveira e a professora Monica Lins, é um grupo de estudos, de debates, lutas e encontros com os amigos. O meu Quilombo para além dos saberes, como uma família, onde os encontros aconteciam sempre em grande estilo, com lanches, almoços e sempre convidados de lutas, ou movimentos sociais e artísticos. Para além do acadêmico, leituras e escritas, aprendi e vivenciei com esse grupo a prática de ir para as ruas lutar pelos nossos direitos, como protestos de professores,

estar presente em lutas como as dos Indígenas, do Movimento Negro e na Marcha das Mulheres Negras.

Nessa trajetória participei de alguns contratos através de processos seletivos e provas de títulos. Em Niterói fui selecionada como professora de alunos PcD (Pessoas com Deficiências) com interação na sala de curso e de recurso, porém eram três horas de viagem para ir, quatro horas trabalho presenciais e mais três a quatro horas para voltar, dependendo do trânsito, então fiquei até ser selecionada como professora regente assumindo uma turma em Nilópolis. Depois fui selecionada para Nova Iguaçu e pude lecionar próxima de casa, fiquei por três anos com a Educação Infantil, que amo. Depois não foi possível mais renovar o contrato, então busquei outras possibilidades e fui selecionada para Orientação Pedagógica em Japeri e estou vivenciando outros olhares. Eu também fui selecionada para o CapUERJ (Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) com a prática da bidocência<sup>14</sup> para o DAEE. ( Departamento Educação Especial). Com uma educação decolonial, trabalhando com projetos que já gostava de desenvolver na educação infantil.

### **Considerações Finais:**

Os homens morrem, mas suas palavras e obras podem  
viver para sempre.<sup>15</sup>

16

---

<sup>14</sup>Esta a partir da visão de ensino colaborativo com o paradigma da educação inclusiva da equipe envolvida, objetivando oferecer atendimento educacional especializado a seus desdobramentos a partir de planejamento de diferentes suportes.

<sup>15</sup> Provérbio Africano de Gana.

<sup>16</sup>Adinkra- Ideogramas oriundos dos muitos sistemas de escrita africanos antigos. Gana, África Central.

Disponível em: <[http://www.adinkra.org/htmls/adinkra\\_index.htm](http://www.adinkra.org/htmls/adinkra_index.htm)> Acesso em: 7 de set. 2023.

Assim em minhas vivências foi possível averiguar a necessidade de estudos que identifiquem ações que problematizem questões que incidem facilitar à abordagem de interculturalidade na educação para a área da formação de professores e docentes do ensino fundamental, “um trabalho de orientação de-colonial, dirigido a romper as correntes que ainda estão nas mentes” (WALSH, 2009, p.24), baseada na lei 10.639/03 e 11.645/08 que estabeleceu Diretrizes Curriculares para a sua implementação nas escolas, buscando assim favorecer a possibilidade de mais embasamento na temática.

É preciso destacar que o reconhecimento das desigualdades provocadas pelo racismo só foi adquirido depois dos estudos. Assim pude ver e vivenciar importância da graduação, de estudos e pesquisas para os professores da educação básica, desde os que lecionam na educação infantil e no ensino fundamental, pois foi possível ter uma percepção diferenciada e ampliada da concepção de educação. Observei que a minha visão também era muito eurocêntrica, mesmo nas atividades que já pensava como emancipatórias. Pois, já havia lecionado muitas vezes com crianças do primeiro segmento do Ensino Fundamental, essas crianças em sua maioria negras, sem muitas expectativas educacionais e não havia notado a necessidade do reconhecimento e valorização étnico-racial.

Esse sistema racista nos leva a acreditar que era só por questão financeira e falta de interesse das crianças e assim sendo tentava incentivá-los, discorrendo sobre mais oportunidades, que eles poderiam buscar outros tipos de trabalhos, como os que precisam de uma formação acadêmica: médico, advogado, professor, entre outros. Bastando se esforçar e estudar mais, ou seja, do mesmo jeito colocava a responsabilidade neles, acreditando que estava ajudando a melhorar suas expectativas de vida.

Cansei de ouvir que universidade pública não era lugar para pobre e preto, então é preciso mostrar para as crianças que a universidade pública estadual e federal é também lugar de pobre e preto, com a nossa cara, com a nossa história, trazendo essas

pedagogias outras. “Sujeitos pedagógicos não destinatários de pedagogias de fora, nem sequer críticas, progressistas, conscientizadoras e menos bancárias” (ARROYO, 2012, p.28). E, neste sentido, não posso deixar de pensar em Paulo Freire que discorria contra essa educação que deposita conteúdos, ele defendia uma pedagogia libertadora para os pensamentos de oprimidos “Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos.” (FREIRE, 2005, p.45), Nós negros, nesse lugar, abrindo espaços para as pedagogias outras, podendo falar criticamente e ser respeitados, reconhecidos e valorizados.

Sigo caminhando com meus sonhos pedagógicos, vivenciando e trazendo possibilidades educacionais decoloniais. Nessa tentativa de trazer mudanças essenciais para romper essa estrutura preconceituosa, eurocêntrica, racista, misógina, machista, homofóbica.

## Referências

- ARROYO, Miguel González. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: 2004.
- \_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 10639/03**, de 9 de janeiro de 2003. Distrito Federal, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- MIRANDA, Claudia. **Afro-colombianidade e outras narrativas a educação própria como agenda emergente**. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 59, p. 1053-1076, dez. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782014000900012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782014000900012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 5dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782014000900012>.

OLIVEIRA, Iolanda de. **Desigualdades raciais: construções da infância e da juventude**. Niterói [RJ]: Intertexto, 1999. 155p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. 2007. Disponível em: <[http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/Para\\_alem\\_do\\_pensamento\\_abissal\\_RCCS78.PDF](http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/Para_alem_do_pensamento_abissal_RCCS78.PDF)> Acesso em: nov. 2011.

SOUZA, Maria Elena Viana. **Educação étnico-racial brasileira: uma forma de educar para a cidadania**. In: MIRANDA, Claudia. **Relações ÉTNICO-RACIAIS na Escola: desafios teóricos e práticas pedagógicas após a Lei n.10.639**. Rio de Janeiro: ed. Quartet, 2012, p.119-155.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-42.

## **Menina, mãe da mulher: a escola nas memórias de uma menina de periferia**

Vanessa Duarte de Abreu Assis<sup>1</sup>

Nasci na cidade de São Gonçalo, no bairro Mutondo. Morava numa casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro com meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs. Comecei ser alfabetizada pela minha avó materna e com seis anos passei por casas de duas vizinhas diferentes para continuar a alfabetização. Somente fui para a escola com sete anos de idade - Escola Estadual Dr. Adino Xavier, mais tarde colégio. Não muito tempo depois, meus pais se separaram. Daí em diante, a experiência da pobreza foi uma das marcas de minha existência por muito tempo.

A escola, que desde o início foi muito importante para mim, ganhou ainda mais sentido por ser um espaço acolhedor e que complementava as necessidades de alimento e de lazer: na memória, biblioteca, pátio, recreio, merenda, amizades, elogios das professoras. As dificuldades financeiras faziam com que hora da merenda escolar fosse um dos momentos mais esperados do dia. Lembro que nos anos do governador Leonel Brizola podíamos levar leite pra casa todos os dias. E que diferença fazia levar leite B para casa! Na memória, om mingau que minha mãe preparava com aquele leite. Se, por um lado, nunca tive condições de comprar na cantina da escola (fato que me marcou muito negativamente), por outro, porém, me marcaram as alegrias vividas na escola, tais como as inúmeras brincadeiras (jogávamos queimado quase todos os dias na hora do recreio), as feiras de Ciências, passeio ao Museu

---

<sup>1</sup> Especialização em Docência na Educação Infantil (UFRJ), licenciatura em Pedagogia (UFF), professora da Educação Infantil da Fundação Municipal de Educação de Niterói



Imperial de Petrópolis e, principalmente, as amizades construídas no cotidiano.

Havia as frustrações. Uma delas era não poder dar a mão à professora por ser sempre uma das mais altas da sala. Afinal, a fila era do menor para o maior. Esse era o critério. Hoje, como professora, meu critério para os momentos de saída da sala é que a cada dia uma criança segura minha mão. Isso faz diferença no afeto, no acolhimento. Outra frustração era com Educação Artística, nunca tive meus desenhos expostos nos murais da sala ou dos corredores, a professora exigia padronização e eu não me encaixava nesse modelo. Os mosaicos que ela propunha eram difíceis por ter dificuldade em reproduzir exatamente o que era proposto. Hoje procuro valorizar todos os desenhos das crianças, não aceito que alguém tenha sua habilidade artística questionada, todos são capazes.

Conclui o antigo 1º grau no Adino Xavier. No último ano, fiz prova para o curso Normal, antigo Pedagógico, e passei para o Colégio Estadual Clélia Nanci, no Centro de São Gonçalo. Quando entrei no primeiro ano do curso Normal, em 1988, percebi desde o início que não levaria o curso até o fim, pois eram exigidos tantos trabalhos manuais, tantos desenhos de datas comemorativas, arrumações de murais, que pensei não ter aptidão para ser professora.

Naquela época, parecia ser necessário saber desenhar bem, construir belas paisagens etc. Frustrada, não consegui passar do primeiro ano. E, somente doze anos depois, já casada e com uma filha de quatro anos, reuni forças para retomar meus estudos no curso noturno de Formação Geral na E.E. Trasilbo Filgueiras, no bairro Jardim Catarina, um dos mais violentos de São Gonçalo.

Depois de muito tempo sem estudar, me deparei com uma turma cuja maioria era mais jovem que eu e, em geral, preocupada apenas em obter o diploma do ensino médio e por isso encontrar uma melhor posição no mercado de trabalho (o que era perfeitamente compreensível, já que éramos de classe trabalhadora). Poucos de nós acreditávamos em chegar ao ensino

superior. Lembro-me de uma passagem que ilustra bem essa descrença: numa aula de História, irritada com o fato dos colegas não deixarem a professora dar aula, eu pedi a eles que a respeitassem e disse que precisava daquela aula para passar no vestibular - o que provocou risos e deboches.

Em 2002, mais de uma década depois de abandonar o curso Normal, realizei o sonho de ingressar no curso de Pedagogia na Universidade Federal Fluminense. Para uma estudante de classe popular que foi a única de sua turma de escola pública de um bairro pobre de São Gonçalo a alcançar o ensino público superior, posso dizer que realizei uma das maiores conquistas da minha vida. Importante ressaltar que após ingressar no curso voltei várias vezes ao colégio para motivar os alunos para o vestibular, contar que era possível o ingresso na universidade pública. Com a permissão dos professores, entrava nas turmas e contava a todos minha trajetória.

Na Universidade, aos poucos, fui me encontrando e entendendo que poderia ser professora mesmo com poucas habilidades manuais. Progressivamente, fui compreendendo que as produções das crianças deveriam prevalecer e marcar literalmente os espaços escolares.

Após formada, obtive minha primeira aprovação em concurso público para o cargo de agente educadora infantil no município de Niterói. Como naquele longínquo 1988, percebi imediatamente que as marcas predominantes naquele ambiente escolar eram as marcas dos adultos. Salas enfeitadas com lindos desenhos de pessoas, animais, florestas, pareciam temas de festas infantis. As paredes marcadas sempre com distinção dos gêneros: uma boneca representando as meninas, com predominância da cor rosa, e o boneco representando o menino com a cor azul; ou com a Mônica e o Cebolinha ou Mickey e a Minnie. Novamente, como no curso Normal, me deparei com a realidade que me fez desistir do sonho de ser professora: esperava-se que o professor fosse uma espécie de artista.

Um cenário semelhante encontrei nos municípios do Rio de Janeiro, de Itaboraí e, novamente, em Niterói, nos quais fui

aprovada em concurso público para o magistério. Sentia-me frustrada por não conseguir fazer cartazes tão “belos” para exposição nos espaços da escola (paredes das salas, corredores etc.) Porém, me incomodava bastante o fato das crianças serem apenas auxiliaadoras e coparticipantes e não autoras dos trabalhos e o professor como organizador das tarefas propostas. Nas datas comemorativas, as crianças eram enfeitadas devidamente com adereços que eu nem ousava fazer. As atividades eram padronizadas, os desenhos das crianças tinham que ser iguais aos dos professores. Aqueles que não saíam igualmente idênticos eram refeitos pelos adultos para exposição. Na maioria das vezes, eram desenhos prontos (as famosas “folhinhas”), os quais me causavam um desconforto enorme. De acordo com Albano (2012,p.71),

a arte se define justamente pela diversidade, por propor algo que é pessoal e único. Quando se aceita esta premissa, temos que descartar toda atividade que tenha como ponto de partida a uniformidade.

Em 2013, já como professora de Educação Infantil, ingressei no curso de pós-graduação *lato sensu* em Docência na Educação Infantil na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde tive contato com diversos textos e debates que retratavam o desenvolvimento integral da criança e aspectos dentro das instituições que influenciam nesse desenvolvimento: a rotina na Educação Infantil, o tempo pré-determinado para os acontecimentos, os espaços estabelecidos e arrumados para as crianças, o planejamento que engloba cuidar-educar e as diferentes linguagens como forma de expressão. Essa especialização me tornou um ser humano mais sensível para entender o que vivia na escola e perceber que meu incômodo profissional era legítimo.

Como percebia que as habilidades plásticas/visuais dos professores eram hipervalorizadas e, como consequência, a visão do adulto frente às produções das crianças era hegemônica, pensei como poderia desconstruir essa ideia e construir em mim uma consciência que poderia trabalhar com o protagonismo infantil. O

curso de especialização me fortaleceu profissionalmente e ampliou meu olhar para explorar a capacidade criativa das crianças. As crianças conseguem recriar e reinventar o mundo, desde que sejam desafiadas para tal. Devemos oferecer diferentes produções culturais para ampliar o repertório delas. O novo pode servir de inspiração para novas representações.

Comecei então a investigar o papel das múltiplas linguagens das crianças na Educação Infantil e como essas linguagens desenvolvem a sensibilidade das crianças, potencializando sua capacidade para criar. Muito mais que o resultado final das atividades, o importante é fazer com que a criança encontre sua forma única e pessoal de expressão através da criação plástica, tomando como ponto de partida a brincadeira. A partir dessa questão, passei a questionar as exposições apresentadas nas paredes e murais das escolas de Educação Infantil nas quais atuava/atuo.

Quando ingressei na pós, era professora de uma escola infantil no município de Itaboraí que ficava numa zona rural do município, funcionando de forma contrária ao que aprendíamos nas formações continuadas. Por exemplo, as crianças tinham um caderno que levavam para casa todas as sextas-feiras, com atividades mimeografadas com pontilhados, desenhos para colorir, cópias de numerais, letras... Os pais queriam mais atividades e alegavam que a escola particular ao lado era mais “forte” e as crianças liam mais rapidamente.

Nós, professoras dessa escola, entendemos a importância de uma mudança significativa naquele lugar e como faríamos para colocarmos a criança no centro do planejamento revelando uma nova concepção de infância. Como já participava do curso de especialização na UFRJ, comecei a compartilhar os textos sobre diferentes concepções de infância existentes, a fim de refletirmos qual delas iríamos adotar em nosso cotidiano.

Ao entendermos essa criança como ser ativo, inteligente e capaz de expressar-se através de diferentes linguagens, modificamos todo o projeto pedagógico daquela escola. Abolimos

o caderno e o mimeógrafo e começamos a trabalhar com a ludicidade, musicalidade e sociabilidade. Pedimos que a diretora fizesse uma reunião com os responsáveis das crianças para explicarmos a nova proposta de Educação Infantil, as mudanças de metodologia e o que realmente seria importante para o desenvolvimento integral das crianças. A partir dessa conversa, recomeçamos nosso trabalho, registrando e documentando todo o processo de criação com fotos, vídeos, exposições dos trabalhos por todas as paredes da escola e convidando os responsáveis das crianças e representantes da Secretaria de Educação.

Foi principalmente através dessa especialização que esse movimento de mudança pôde acontecer. Havia certeza do que falávamos, argumentos corretos para discussões nas reuniões pedagógicas e a disposição dos educadores para ouvirem, lerem os textos e discuti-los. Essa experiência marcou minha vida profissional.

Em 2013 voltei para a Fundação Municipal de Educação de Niterói como professora na Educação Infantil e com mais segurança em relação ao meu trabalho e ao protagonismo infantil, pude desde então realizar minhas atividades de acordo com a concepção de infância que acreditava, tomando as crianças como produtoras de conhecimento, valorizando as vivências e experiências trazidas por elas e buscando ampliar os repertórios culturais delas (e meu também).

Em 2018 fui para outra unidade de Educação Infantil da rede de Niterói e continuei o trabalho acreditando no potencial das crianças. Trabalhamos dramatizações de histórias, músicas já conhecidas das crianças e apresentamos outras não conhecidas do Chico Buarque, Alceu Valença, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Palavra Cantada, Bia Bedran. Levamos fotografias de Van Gogh e suas obras, em especial a “Girassóis”.

A necessidade de ampliarmos o repertório das crianças com músicas, filmes, brincadeiras, movimentos corporais, imagens etc. É necessário para atividade criadora da imaginação delas. Não há

limites para as crianças se apropriarem de conhecimentos, como afirma Vigotsky (1995, p.23):

A conclusão pedagógica a que se pode chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas – mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação.

Minha alegria é imensa em trabalhar com crianças da escola pública, poder proporcionar a elas principalmente felicidade em pertencer àquele lugar, mostrando respeito e crença nas suas capacidades. Fui aluna de escola pública durante toda a vida, tenho muito orgulho da minha trajetória e tento todos os dias fazer com que cada criança se sinta incluída, feliz em seu espaço escolar. De acordo com Freire, ensinar exige alegria e esperança (1996, p.80):

Há uma relação entre alegria necessária à atividade educativa e a esperança.

Já me disseram que diariamente me vejo em cada criança de minha escola pública de periferia. Talvez seja mesmo. E que isso molda a forma como me relaciono com elas para tentar proporcionar experiências pedagógicas cheias de afeto, inclusivas. Já se disse que o menino é o pai do homem. Aqui, fala a menina mãe da mulher. Mulher de periferia, profissional da Educação que, enquanto profissional, não tem uma missão a cumprir - tem sim um compromisso ético, político e estético com as crianças com quem tenho a honra de conviver a cada dia em minha sala de aula.

## Referências

ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 15ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1996.  
VIGOTSKY, Lev. **Imaginação e criação da infância.** São Paulo: Ática, 2009.

## Memórias e experiências que me interrogam

Amanda de Sousa Pestana<sup>1</sup>

Preciso ser um outro  
para ser eu mesmo.  
Sou grão de rocha  
Sou o vento que a desgasta.  
(Mia Couto)

Os versos de Mia Couto reafirmam para mim a importância do outro na constituição do sujeito que fui me tornando em minhas trajetórias. É na interação social, no diálogo com os outros, que vamos nos constituindo como pessoas e profissionais. Para Bakhtin(1993) é preciso o outro para que o eu consiga reconhecer-se como eu. Para o autor a singularidade do eu é constituída pelo momento histórico.

Sendo assim, das experiências que deixaram e ainda deixam tais marcas em meu caminho e me mostraram um outro que em mim habita, que vão constituindo a minha subjetividade, o trabalho COM e PELA as crianças e não para as crianças ocupou e tem ocupado um lugar significativo, seja como professora de duas escolas privadas e periféricas do município de São Gonçalo, depois como professora das infâncias em uma UMEI no Complexo do Turano, município do Rio de Janeiro, todas estas no início de minha trajetória na Educação, seja como pedagoga e orientadora pedagógica atualmente.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo programa Processos Formativos e Desigualdades Sociais UERJ/ FFP. Pós graduada em Literatura infantojuvenil UFF, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (2009). Atualmente é professora orientadora pedagógica- E.M.Monsenhor Albuquerque e pedagoga - E.M. Sebastiana G. Pinho.Participante do Grupo de Pesquisa: Alfabetização, Memória; Formação de Professores e Relações Étnicorraciais (ALMEFRE). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação.



O convite para olhar minha própria história e minha prática docente, foi instigado ainda quando eu cursava a Pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF), partir da leitura do texto “A infância interroga a pedagogia”, de Miguel Arroyo. Segundo o autor, a pedagogia, enquanto ciência, não somente pensa sobre a infância, mas é desafiada pela infância a se repensar: “O pensamento pedagógico se constrói em diálogo com a infância. Esta traz à pedagogia as interrogações sobre as quais é obrigada a refletir para repensar suas verdades.” (2008, p.119). Eu, aquela menina tímida que tinha aprendido a ler e escrever com a cartilha *Sonho de Talita*, que fazia diariamente o ritual da forma e de cantar o hino, que não levantava da carteira sem permissão da Tia Fátima, fui provocada a pensar durante a graduação em uma pedagogia que rompesse com visões romantizadas sobre a infância ou mesmo sobre a infância como um bloco homogêneo, diferentemente do modo como havia aprendido no ofício de aluna.

Desse modo, articular pedagogia e infância foi uma questão que se tornou forte durante a Faculdade de Pedagogia e foi me constituindo ao longo da trajetória docente, pois as infâncias continuam interrogando minha prática pedagógica e os conhecimentos construídos pela/na profissão. *Algumas destas interrogações da minha trajetória, compartilho aqui com vocês.*

### **(Des)autorias infantis: refletindo sobre murais e materiais didáticos**

*Estudei para ser professora ou não para ser decoradora?* Essa foi a frase que veio à minha mente quando iniciei minha vida profissional em uma escola particular em um bairro pequeno no Município de São Gonçalo. Ao ser admitida e recebida pela Coordenadora Pedagógica, foi exigido de mim, assim como dos outros profissionais, a confecção do mural de entrada da escola. Havia uma escala. Eu faria no mês de setembro. Uma professora, percebendo a preocupação em meu semblante, tentou me tranquilizar:

-Setembro tem o Dia da Independência e o Dia da árvore!

Aquela tensão momentânea ficou esquecida em meio aos outros afazeres e outras exigências. Mas a cada mês minha preocupação aumentava: os murais feitos pelas professoras eram fabulosos. Outra professora, desprovida de dotes artísticos assim como eu, deu a dica: havia uma professora que fazia murais por um preço camarada. Pensei: não tenho outra saída, ainda que ela cobre todo o meu salário do mês. E assim o mural da Independência foi feito pela professora artesã da escola. Aos olhos da estética adultocêntrica ficou lindo aquele boneco em cima do cavalo impondo a espada. Mas nenhuma participação das crianças na produção. Nenhuma reflexão aprofundada sobre o conteúdo daquele mural, a não ser um trecho do livro didático que trazia o assunto da “independência” do Brasil de forma tão superficial, preocupada com memorização de data e fato. Aquele mural pago com uma pequena parte de um pequeno salário já causava em mim estranheza: *Como os conteúdos devem ser ensinados às crianças? Eles são ensinados? Qual é a participação das crianças nas produções dentro da escola?*

Outras práticas exigidas pela direção da escola me provocavam várias interrogações. O uso do livro didático como fio condutor do planejamento pedagógico era outra questão que me incomodava. A qualidade estética e pedagógica do material era questionável. No livro de História podíamos reparar uma tendência para abordagens católicas cristãs, embora a escola particular não fosse declaradamente confessional. Os conteúdos eram distribuídos de forma fragmentada e descontextualizada. Incomodada com tal situação, no segundo ano como profissional da escola, atuando com o terceiro ano do Ensino Fundamental, passei a levar uma quantidade maior de textos para estudos, ora mimeografados, pois não havia xerox, ora copiados pelas crianças. Em um destes momentos de cópia, uma aluna estranhou o assunto e disse “Tia, este texto é de Ciências, mas você disse que era para usar o caderno de Português!”. O estranhamento da Julia revelava a fragmentação do conhecimento produzido pela escola. *Quais*

*recursos podem e devem ser usados pelos docentes? Como romper com a fragmentação do conhecimento?*

Já no final do ano, a questão que me atravessou foi a decisão sobre a aprovação ou reprovação de Jonathan. Jonathan era um menino de 9 anos, negro, magro, sorridente e de olhos brilhantes que havia, juntamente com sua irmã mais nova, adotado por um casal de mulheres, pois sua mãe biológica, usuária de drogas, não teve condições de continuar com os filhos. Jonathan apresentava dificuldades em se concentrar, era muito agitado, não compreendia os conceitos estudados, ria sem motivo nenhum aparente, subia nas carteiras e janelas, lia com dificuldades e encontrava-se na fase silábica alfabética de escrita. Mas há 12 anos atrás e talvez ainda hoje, não seja interessante para as escolas particulares falar sobre alunos neuroatípicos e Jonathan, assim como outros alunos, passaria pela “prova de recuperação”. No entanto, a diretora “preocupada” com a dificuldade das mães em relação a mensalidade da escola, ordenou que eu o auxiliasse na avaliação da recuperação e Jonathan foi “aprovado” para o quarto ano. *Qual importância e impacto da reprovação no desenvolvimento cognitivo, cultural, físico e social do educando?*

No início do ano seguinte, a direção solicitou às professoras uma avaliação dos livros didáticos enviados por uma editora para escolha. Eu e aquela colega que, assim como eu, não tinha dotes artísticos, escolhemos uma coleção que apresentava alguns conhecimentos historicamente produzidos de forma mais contextualizada, diversificada e que dialogava com o aluno. No entanto, a diretora disse que tal coleção era muito cara para o poder aquisitivo das famílias e outra coleção, mais barata, porém com qualidade estética e pedagógica inferior por nós sugerida, foi a escolhida. *Qual a qualidade dos recursos pedagógicos as crianças de classes sociais menos favorecidas que optam pela escola privada têm acesso?*

Olhando para trás, vejo hoje que para algumas escolas em que atuei, compreendo que a tarefa docente reduzia-se a aplicação do manual que acompanha o material didático. Tínhamos que nos

submeter às aos professores não era dado espaço para reflexão crítica sobre o seu próprio fazer pedagógico e que questões socioeconômicas incidem sobre a qualidade de escolas particulares periféricas.

Giroux (1997), fazendo críticas a uma perspectiva de formação alinhada a tais práticas, alerta que a abordagem tecnocrática é uma das maiores ameaças à construção de um fazer pedagógico autoral, pois prioriza-se o “como fazer” e o “que funciona” ao invés de dar condições às/aos professoras/es de elaborarem/manifestarem um pensamento crítico: “Em vez de aprenderem a refletir sobre os princípios que estruturam a vida e prática em sala de aula, os (...) professores aprendem metodologias que parecem negar a própria necessidade de pensamento crítico.” (p.159).

O maior perigo da racionalidade técnica e instrumental de formação, segundo o autor, é desautorizar outras formas de trabalho docente. A vida e a prática em sala de aula são normatizadas com princípios que dificultam ou até impossibilitam novos modos de fazeres educativos, já que “o efeito não se reduz somente a incapacitação dos professores para afastá-los do processo de deliberação e reflexão, mas também para tornar rotina a natureza da pedagogia de aprendizagem e de sala de aula” (p.160).

Ao reduzir o papel do/da professor/ao a uma tarefa meramente técnica, a racionalidade técnica e instrumental o educador ignora o caráter polissêmico e humano do ato de ensinar? Ao reduzir a polissemia presente nos contextos educativos, ignora-se as diferenças? Padroniza-se o conhecimento e o submete ao gerenciamento, reproduzindo a meritocracia? Ao padronizar o conhecimento, conseqüentemente, padroniza-se comportamentos e aprendizagens?

Alguns anos após meu início na função de professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil, fui admitida pelos órgãos públicos na função de Orientadora Pedagógica sempre tensionava entre os professores a importância de expor as produções infantis nos murais. Certa vez, uma professora me

perguntou o que poderia trabalhar no dia do índio. Era recorrente esse tipo de pergunta: O que trabalhar no dia...?e no dia...?sempre fazendo referência à alguma Data Comemorativa. Muitas destas que eu nem lembrava o dia... Cheguei a pensar: Elas devem me achar uma péssima orientadora, pois nunca me preocupo com isso! Mas então mais uma interrogação surgiu: *Qual o papel do Orientador Pedagógico?* E tal interrogação me motivou a sugerir atividades que extrapolassem o engessamento habitual do trabalho. Sugeri experiências, levei uma revista com índios vestidos para que ela desconstruísse as suas imagens estereotipadas. Sugeri que fizesse uma pintura com urucum. Todas atividades que havia feito no tempo em que fui professora, mesmo cerceada pela proposta pedagógica engessada das escolas em que trabalhei. Dois dias depois, cheguei na escola e me deparei com um mural preenchido por índios “bonitinhos e estereotipados” xerocados e pintados pelas crianças e no cocar palitos de fósforos colados. Uma tristeza abateu-me. Perguntei à professora porque ela havia feito aquela atividade e ela respondeu:

- “Porque não achei outra atividade para colocar no mural.”

Perguntei: -“Mas, professora, por que usou palitos?”

-“Porque não tinha penas na escola. E aproveitei para trabalhar a coordenação motora fina.” – foi a resposta dada.

As atividades sugeridas às crianças passaram a ter o propósito de “enfeitar” o mural e desenvolver habilidades motoras. Esta professora, dedicada e preocupada com seus alunos, embasava seu trabalho em uma concepção estereotipada. Mais uma vez a estética do adulto foi valorizada. Não tive coragem de criticar, mas também não elogiei. Por quê ainda é tão difícil a valorização da estética da criança? Segui reforçando nas reuniões a importância da autoria infantil. Levei trechos do livro de Formosinho sobre Pedagogia da transmissão e da participação. Vibrava e elogiava quando os murais revelavam a criatividade das crianças.

As situações narradas também me levam a indagar: *Como tornar nossa atuação docente menos técnica e mais social e política?* Giroux (1997) responde que é necessário que os professores sejam

reconhecidos como intelectuais transformadores e a atividade docente como trabalho intelectual, destacando a função social do/a professor/a ao dizer que “as escolas são lugares que representam formas de conhecimento, práticas de linguagem, relações e valores sociais que são seleções e exclusões particulares da cultura mais ampla” (pág.162)

Sendo assim, atuando como intelectual e não como meros/as reprodutores/as de técnicas e metodologias formuladas por outrem, podemos sim, contribuir para a construção de um currículo que não discrimine as crianças, que valorize suas culturas, que as ouçam, que as reconheça como protagonistas no processo ensino-aprendizagem. Condição para nos reconhecermos como intelectual transformador é a necessidade de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico (Giroux, 1997). Tornar o político mais pedagógico significa, por exemplo, pensar a Educação como um direito das crianças. Tornar o pedagógico mais político significa utilizar formas de pedagogia que reconheçam as crianças como agentes críticos, problematizar o conhecimento, e argumentar em prol de um mundo melhor para todas as pessoas.

Compreendendo o ato político do fazer docente, continuo a me interrogar e a interrogar práticas cotidianas e, desse modo, vou me constituindo como profissional da educação pela, por e na Educação, por, com e pelas crianças.

## Referências

- ARROYO, Miguel G. A infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M.C.S. (Org.). Estudos da Infância: educação práticas sociais. 1ed.Petrópolis: Vozes, 2008
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- GIROUX, Henry. Os professores como intelectuais. Porto Alegre: Artes Médias, 1997.

MATA, Juan. O direito das crianças de sonhar. In. GOBBI, Marcia e PINAZZA, Mônica(Orgs.). Infância e suas linguagens. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia(s) da infância: Reconstruindo uma praxis da participação. In J. Oliveira Formosinho, T. Kishimoto e M. Pinazza (Org.), Pedagogia(s) da infância: Dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, JÚLIA E LINO, DALILA MARIA BRITO DA CUNHA Os papéis das educadoras: as perspectivas das crianças. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 9-29, set 2008/fev. 2009.

## **Narrativas de uma professora da infância: diálogos entre a formação docente e as práticas educativas**

Patricia Vasconcellos da Silva <sup>2</sup>

A escola tem manifestamente um grande impacto na vida das crianças. E é preciso reconhecer: muitas das escolas, atuais e reais, não se destacam pela valorização das vivências de experiências. Na verdade, pode-se dizer que o currículo organiza-se cada vez mais em pacotes mais numerosos de conteúdos prontos e mais curtos de conhecimento, estamos cada vez mais tempo na escola e com menos tempo (LARROSA, 2002; MORIN 2009). Com isso, a educação está sempre acelerada, o sujeito está cada vez mais informado. Nesse sentido, pode-se dizer, que temos mais informação; mas não necessariamente que isso nos tocou, que isso nos aconteceu, que realmente vivemos experiências.

Desencadeia, assim, na atualidade, uma constituição do sujeito manipulado pelos aparatos da informação e da opinião tornando-se incapaz de viver a experiência (LARROSA, 2002). Assim, como já sinalizava Walter Benjamin, nunca se passaram tantas coisas, e nunca a experiência, propriamente dita, mostrou-se cada vez mais rara (LARROSA, 2002).

a cada manhã recebemos notícia de todo mundo. E, no entanto, somos mais pobres de histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhado de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (BENJAMIN, 1987, p. 203).

A narrativa advém das experiências do sujeito “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorre todos os

---

<sup>2</sup> Mestre pelo Curso de Ensino de Ciências da Natureza da Universidade Federal Fluminense - UFF, patricia\_vasconcellos26@yahoo.com.br; Professora do Município de Niterói.



narradores” (BENJAMIN, 1987, p. 203), ou seja, em uma sociedade onde a informação recebe um lugar de prestígio, a arte de narrar torna-se mais escassa devido a redução da comunicabilidade da experiência. No tempo presente vivenciamos uma explosão de informações e Larrosa (2002) explica, que a informação não é experiência, pois a experiência: nos toca, nos acontece, nos passa. Ou seja, é algo que precisa ser vivenciado, explorado pelo sujeito, pois a experiência como algo que nos acontece ela tem um caráter único e subjetivo. Os acontecimentos podem ser comum a outra pessoa, mas a experiência é singular, o que eu senti, o outro ser humano não sentiu da mesma forma. Em consonância, Vigotski articula em seus estudos a importância da experiência para a criatividade e a imaginação do sujeito.

a atividade criadora da imaginação está em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, uma vez que esta experiência é a matéria-prima a partir da qual se elaboram as construções das fantasias. Quanto mais rica for a experiência humana, mais abundante será a matéria disponível para imaginação (VIGOTSKI, 2012, p.32).

Em outras palavras o sujeito utiliza elementos da sua realidade, da sua experiência e, através da combinação, cria algo fantasioso, imagina (VIGOTSKI, 2012). Por esse encaminhamento, considerar as experiências vivenciadas pelas professoras no entrelaçamento com as suas práticas educativas na educação infantil torna-se ainda mais relevante essa preocupação, visto que a criança se apresenta como um ser em desenvolvimento, mas carregado de experiências, construtor de cultura (VIGOTSKI, 2012).

Deste modo, acessar as experiências vividas na infância da professora, aponta para um caminho de grandes desejos recônditos em sua memória, revela um tempo de afetividade, criatividade e imaginações.

Em minha infância, sempre tive liberdade de subir em árvores, de brincar com girinos, de dá nó na crina do cavalo (esperando o saci-pererê, era a promessa...), de nadar com os peixes, de observar o sapo pulando no lago, de comer goiabas e bananas ao pé de cada

pé, de plantar no jardim, de cuidar das plantas do quintal, de pegar água do poço, de brincar na lama...

No sítio, em que eu vivia na minha infância, tinham muitas goiabeiras. Eu e minha mãe íamos para o mato, no mato eu subia na goiabeira e minha mãe ficava embaixo, ela pedia para que sacudisse a goiabeira, e quando eu sacudia várias goiabas caíam. Nós catávamos tudo. Além da goiaba, eu e minha mãe colhíamos outros frutos como: limão, laranja, manga. Depois eu pegava o livro de receita e fazia bolo de limão, de laranja; imitava minha tia avó na cozinha.

Realmente, como exposto, o brincar permite que os sentidos sejam avivados, além de possibilitar que as crianças imitem a vida adulta (PIORKI, 2016, p.95). A criança só pode imitar o que se encontra na zona das suas próprias habilidades mentais, a ação da criança resolver problemas com a colaboração transcorre pela imitação (VIGOTSKI, 2009, p.328). Portanto, só se pode ensinar à criança o que ela já for capaz de aprender; a aprendizagem somente é possível porque é possível a imitação.

Outra brincadeira que eu adorava, era colher folhas, capim e fazer comidinha para minhas bonecas, com a terra e a água eu fazia bolinhas e falava que era brigadeiro para aniversário das minhas filhas (bonecas). Ao fazer comidinha a menina vira uma cozinheira; doa ou vende sua comida; apresenta-se como um membro de uma família; transforma-se em mãe, cuidadora; cumpre funções sociais, culturais, simbolizadas pelo brincar. Simbolização essa que favorece o desenvolvimento do seu pensamento abstrato (VIGOTSKI, 2012).

Minhas memórias, entrelaça-se a muitos dramas consolidados que se projetam em minhas práticas educativas e em minhas escolhas de formação docente, como comentarei adiante.

Recordo-me que nasceu na minha infância o sonho de ser professora. A minha brincadeira preferida era a escolinha. Nela, meu espaço brincante era um terraço. Havia a mesa redonda, os alunos imaginários que ficavam livres para sentar onde quisessem. Até meu cachorro era meu aluno. Em alguns momentos, utilizava, também,

como espaço para as minhas aulas de brincadeira da escolinha, o quintal da minha casa ou a amplidão do sítio de meu pai.

Mas, nesses espaços, por vezes, eu ministrava a aula reproduzindo o que meus professores reais faziam comigo na escola – utilizava um quadro negro para passar o conteúdo e indicava livros didáticos a serem seguidos. Assim, por mais que nas minhas brincadeiras de escolinha eu utilizasse um ambiente aberto, vivo e acolhedor, sempre lecionava de forma “bancária” para os meus alunos imaginários. Minhas experiências de brincar com a natureza ambientavam, mas não performavam; não ensinavam, não pareciam ser importantes para o “sistema de ensino” que eu adotava, por estar inserida nele na escola. Na minha brincadeira de escolinha, a céu aberto, essas vivências também estavam ainda adormecidas, de algum modo emparedadas.

De qualquer forma, reconheço por essas lembranças que meu percurso formativo foi atravessado tanto por demandas vindas das experiências institucionais, escolares, como também por demandas que nasciam das minhas vivências do brincar no sítio e no quintal, com os quais eu realizava brincadeiras de terra, água, toques e aromas, observando e interagindo com bichinhos – embora a articulação entre as duas vertentes de demandas estivesse travada ou em espera de integração.

O meu desejo de infância era ser professora e me constituiu professora. Foi este desejo que me levou a me graduar em Pedagogia.

E, em minha primeira experiência de professora no Ensino Fundamental, senti-me como que trombando com um sistema de ensino feito de paredes, de tijolos e cognitivos; sistema para o qual o silêncio do aluno era a melhor resposta e o melhor sinal. Sem rodeios, a direção prescrevia a sala de aula silenciosa como um ideal – o aluno estaria naquele espaço para receber o conhecimento e eu, como professora, deveria simplesmente transmiti-lo. Lembro-me que o próprio espaço escolar apresentava traços deste propósito já na sua organização física: suas carteiras, uma atrás da outra; o tablado, mais alto para o professor; um quadro, um mural, já feito

por algum professor para recepcionar a turma. Diante disso, percebi, ainda que não reflexivamente, como o próprio ambiente potencializava um sistema educacional que privilegiava a imposição, a separação – e a transmissão bancária de saberes prontos (FREIRE, 1996). Uma aprendizagem sem diálogo entre seus atores e sem dialética entre a vivência emocional da criança e os conceitos a serem ensinados; uma aprendizagem em que, supostamente, os “conceitos eram apreendidos pela criança de forma pronta” (VIGOTSKI, 2009, p.246). Para aprender assim, as crianças tinham que estudar mecanicamente; e precisavam repetir exaustivamente os conteúdos, até a memorização. Seguir esse modelo educacional calava meu desejo, meu amor, e o daquelas crianças também.

Foi necessária esta experiência, corporal, para eu me dar conta de que as leituras de Vigotski e Freire, realizadas em minha graduação, não tinham ainda conquistado minha devida atenção. Estavam como que desconsideradas em sua efetividade. Percebi que, na escola, eu estava convidada a ensinar a todos da mesma forma. E, na verdade, esperava que somente alguns conseguissem aprender. De algum modo, eu estava me alinhando com um ensino bancário, que obrigava memorizações exaustivas e estimulava a competitividade. Assistia, simplesmente, o esforço das crianças e dos responsáveis em busca de boas notas.

Em contraposição, quando iniciei um trabalho de professora da Educação Infantil, no município de Niterói, senti-me envolvida totalmente pelas falas, manifestações e curiosidades das crianças pequenas, resgatando minhas próprias lembranças infantis de contato com a natureza. Percebi que havia, como educadora, iniciado, enfim, a prática efetiva de um olhar singularizado, sensível a cada criança: como falante, como subjetividade, como vivente. Nesse protagonismo educativo das crianças, percebi o papel desempenhado pela imaginação e pela interação com o ambiente natural – digo “natural”, mas entendendo que ele sempre já está repleto de significados afetivos e simbólicos. E as próprias crianças educandas foram abrindo caminho para meu papel como professora. Confesso ter sido mais um

desafio nessa minha jornada docente, pois anteriormente eu lecionava com as crianças do Ensino Fundamental.

Envolvida totalmente pelas falas das crianças e no regaste a minhas experiências de infância, resolvi observar as brincadeiras, escutar as crianças, dialogar, para realmente compreender seus interesses e suas necessidades. Sinceramente, eu estava motivada com as minhas diferentes possibilidades de práticas pedagógicas na Educação Infantil e isso se consolidou, quando comecei a observar que as crianças tinham variados conhecimentos e que eu podia percebê-los através das diversas manifestações infantis que ocorriam no ambiente educacional.

Essas representações sobre esse conhecimento era visível em diferentes tipos de linguagens, pois as crianças na Educação Infantil brincam e ao brincar contextualizam, criam, imaginam, exploram, vivenciam e simplesmente se expressam através das linguagens e acabam por obter experiências. Eu como docente adoro ouvi-las durante suas brincadeiras, pois é assim que a minha prática tem sentido e ganha vida.

Como os eixos norteadores das Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (DCNEI) são interações e brincadeiras, acredito nos recursos didáticos, na organização do espaço e nos ambientes abertos e naturais, como uma estratégia enriquecedora para aprendizagem e o desenvolvimento, pois como Vigostki (2012, p.54) explica, na psicologia foi estabelecida uma lei segundo a qual o anseio para criar é inversamente proporcional à simplicidade do meio.

Neste dado momento, penso, que experiências as crianças estão vivenciado nas instituições de educação infantil? Percebi, por diversas, na minha prática pedagógica, que as crianças trazem a natureza para o ambiente educacional; quando o docente possibilita essa liberdade, perguntam sobre a natureza, constroem coisas com a natureza, apreciam a natureza, brincam com a natureza, interagem com a natureza e trazem conhecimentos culturais sobre a natureza.

Avistando o imenso interesse e necessidade das crianças pela natureza, esbarrei em uma reflexão: como a brincadeira que envolve experiência/vivência corporal com a natureza media a aprendizagem em ciências na infância? Procurei, então, uma formação, que me levasse a pesquisar o real cenário das instituições de educação pública e as práticas pedagógicas que estão sendo ou não desenvolvidas pelos docentes visando esse importante vínculo da criança com a natureza. Foi então, que busquei o Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências da Natureza na Universidade Federal Fluminense para construção de uma nova prática brincante no Ensino de Ciências da Natureza na Educação Infantil. O qual me fez mestre no Ensino de Ciências da Natureza, a partir da dissertação: O brincar com a natureza na Educação Infantil: Abordagem Histórico-Cultural. E o produto educacional: O quintal do brincar na educação infantil. Trata-se de um caderno de orientação pedagógica com um compilado de 28 encontros, no qual foram desenvolvidas propostas educativas a partir do dispositivo quintal da instituição de educação pública. Cabe mencionar, que neste quintal tem um jardim, cenário de várias propostas educativas ministradas pela professora com as crianças no encontro com a natureza.

Sinto, que é a partir dessas vivências, desses processos de desconstrução e reconstrução da minha prática educativa, que me encontro como professora da infância. No meu caminhar cotidiano com as crianças, observo a partir das narrativas infantis, que elas se lançam em direção a suas memórias, as suas experiências, lidam no cotidiano com conflitos e frustrações; e buscam em suas consciências espontâneas, mas em formação crítica, suas vivências culturais e históricas. Constituem, assim, a possibilidade de traçar um caminho, um processo, uma esperança, partindo de suas ações/interações e aprendizagens, na busca por um equilíbrio das relações.

## Referências

- BARBOSA, Maria Carmem Silveira (Consultora). Práticas cotidianas na Educação Infantil: bases para reflexão sobre orientações curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil. BRASIL. MEC. SEB. UFRGS. Brasília, [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat\\_seb\\_praticas\\_cotidianas.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf). Acesso em agosto de 2020. Disponível.
- BARROS, Manoel de. Meu quintal é maior do que o mundo [recurso eletrônico] / Manoel de Barros; 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- \_\_\_\_\_. Retrato do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Record, 2002b.
- BATTISTI, C. A. A Natureza do Mecanismo Cartesiano. PERI, v. 02, n. 02, p. 28-46, 2010.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação/ Walter Benjamin; tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- \_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF, 2022.
- DAMETTO, Jarbas; BRAGAGNOLO, Adriana. O brinquedo e o brincar: apontamentos vigotskianos. Revista Linhas. Florianópolis, v. 21, n. 45, p. 363-380, jan./abr. 2020.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiéncia e o sabe de experiéncia. Revista Brasileira de Educaçáo, Campinas, nº 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento/ Edgar Morin; traduçaó Eloá Jacobina. - 16ªed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl de Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico/ Marta Kohl de Oliveira. – 1. ed. – São Paulo: Scipione, 2011. (Coleçaó Pensamento e açáo na sala de aula)

PIORSKI, Gandhy. Brinquedos do cháo: a natureza, o imaginário e o brincar/ Gandhy Piorski – São Paulo: Peirópolis, 2016.

REGO, Teresa Cristina Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educaçáo I Teresa Cristina Rego.- Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA, Patricia Vasconcellos da. O brincar com a natureza na Educaçáo Infantil: abordagem Histórico-Cultural. 2023. 123 f. Dissertaçáo (Ensino de Ciências da Natureza)- Instituto de Química, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

TIRIBA, Léa. Educaçáo Infantil como direito e alegria/ Léa Tiriba. - 1ªed. - Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovich, A formaçáo social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores/ L. S. Vygotski; organizadores Michael Cole... [et al.]; traduçaó José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. -7ª.ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. A construçaó do pensamento e da linguagem. Traduçaó: Paulo Bezerra. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem/ Lev Semenovich Vygotski, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; traduçaó de: Maria da Pena Villalobos. – 11ª edição - São Paulo: ícone, 2010.

\_\_\_\_\_. Imaginaçáo e criatividade na infância: ensaio de psicologia; [traduçaó João Pedro Fróis], 1ª.ed.- Dinalivro, 2012.





## **Tornar-me professora: tecendo memórias de criança, aluna e formação docente**

Flávia Fernanda Ferreira de Lucena<sup>1</sup>

Tal como a vida e as memórias do vivido, que se tecem de forma linear ou não, escolho aqui narrar momentos que marcaram a minha vida familiar, discente e docente, entrecruzando os fios da lembrança e do tempo, compartilhando os caminhos que percorri e as experiências do que até agora vivenciei. Assim, não sei se de fato por onde começo seria o começo, mas é o começo do fio da história que agora vou narrar.

Minha trajetória inicia-se no inverno de 1981, com o meu nascimento na cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Conta minha mãe que nasci ao som da música “Coisinha do Pai”, cantada por Beth Carvalho num show que ocorria em um clube que ficava ao lado da maternidade. E, como na letra da música, eu realmente fui “a coisinha mais bonitinha do pai”, da mãe e de todos os familiares. Não planejada, mas muito desejada, cheguei ao mundo para compor uma família em que já havia dois irmãos. De classe média baixa, o trabalho de meus pais era o garantidor tanto do sustento familiar quanto da nossa formação educacional. Desta forma, sempre agradeço a eles porque, apesar de não concluírem o ensino fundamental, chamado de primeiro grau naquela época, sempre fizeram questão que seus filhos seguissem seus estudos até o mais alto nível de escolaridade.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense e Mestra em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É professora concursada da Secretaria Municipal de Educação de Niterói desde 2006, onde leciona atualmente. Tem experiência na área de Educação infantil. Interessa-se por pesquisas com crianças, qualidade educacional e inclusão de pessoas com necessidades educacionais específicas.

Minha mãe conta que a minha vida escolar se iniciou aos quatro anos de idade, em virtude de sua necessidade de trabalhar uma vez que exercia a profissão de costureira. Como não conseguia por si só deixar de me amamentar, tornou-se urgente tomar uma decisão, na medida em que esse aleitamento materno constante exigia-lhe muito tempo. Então, seguindo a sugestão da pediatra, matriculou-me no Jardim Escola Baby, pequena instituição que até hoje existe no bairro que residi durante toda a minha infância e adolescência, na qual tive outro ambiente de convívio, algumas atividades educacionais e um tempo longe do espaço familiar.

As principais recordações que tenho dessa instituição são da minha primeira professora, que tratava as crianças com o conhecimento adquirido em sua formação, das datas comemorativas que eram sempre lembradas e comemoradas e das quais o ensino girava em torno, datas estas que, hoje em dia, não devem ser tratadas de forma estanque ou descontextualizadas das outras vivências, das atividades pedagógicas que consistiam basicamente em folhas mimeografadas com desenhos para pintar, colar ou recortar e letras para cobrir ou reproduzir, os momentos de interação e brincadeiras aconteciam na hora da merenda ou do pátio. As crianças não eram vistas como sujeitos ativos, capazes de opinar nas coisas que lhe dizem respeito, apenas como receptores de uma cultura escolar reprodutivista.

Ao finalizar o jardim de infância, nesse momento de transição de nível na educação, enquanto muitos dos meus amigos estavam sendo matriculados em boas escolas particulares, minha mãe permanecia “dormindo” na fila para garantir uma vaga para mim e meus irmãos em uma instituição pública, pois meus pais não tinham recursos financeiros suficientes para manter três filhos em escolas privadas. Desta forma, a dualidade educacional que permeia a história da educação brasileira se afirma. Vaga conseguida, fui matriculada em uma escola pública próxima à minha casa, então, agora era hora de dar orgulho aos meus pais e valor à minha oportunidade de aprender. Foi exatamente o que fiz durante todos meus anos de estudo.

No decorrer do meu processo educativo, apresentei-me como boa aluna, nunca repeti um ano letivo e, por isso, lembro-me bem de um fato muito marcante durante o ensino fundamental: minha primeira nota 7 (sete)! Com resultados de avaliações sempre maiores, esse fato significou uma das minhas decepções enquanto estudante: chorei horas a fio, estudei de forma veemente e enfim consegui voltar à desejada nota 10 (dez).

Nesta escola pública, onde cursava o ensino fundamental, minha aula favorita era a de educação física, diante do meu entusiasmo e dedicação fui incentivada pelo meu professor em fazer parte da equipe de voleibol. Frente a este novo desafio, aprender um esporte e competir pela escola, decidi encarar e posso dizer que foi a melhor época de minha adolescência. Com os treinos, jogos e campeonatos internos e externos à unidade escolar, arranjei muitas amizades e consegui deixar de lado um pouco do meu jeito tímido, que tanto me atrapalhava em certos momentos. Inclusive, foi através do esporte que ganhei uma bolsa de estudos integral para cursar o ensino médio técnico em informática numa das melhores escolas particulares de Duque de Caxias.

Através desta bolsa de estudos, tive oportunidade de frequentar um ótimo ensino médio, todavia, sempre com a obrigação de manter um bom aproveitamento de aprendizagem e de integrar o time esportivo da escola, seja em quais modalidades desejasse, no entanto, essas exigências eram o que menos importava, porque estava feliz por aliviar meus pais de ter que arcar com possíveis despesas em relação à minha formação. Enquanto seguia avançando nas etapas escolares, dedicava-me com excelência aos estudos, tanto que, por duas vezes, atingi boas avaliações, que me fizeram ser incluída entre os três melhores alunos da turma, portanto, esse aproveitamento nas disciplinas rendeu elogios aos meus boletins escolares..

Infelizmente, meus irmãos seguiram com seus estudos somente até completar o ensino médio e decidiram logo ingressar no mercado de trabalho. Ao término do ensino médio, era o momento de fazer escolhas, escolhas que me colocariam a caminho

de uma futura profissão. Cursei um pré-vestibular comunitário e por vezes estudei sozinha, pois havia falta de alguns professores voluntários. Fiz inscrição em três processos seletivos e como não tinha recursos financeiros para arcar com tantas seleções, pedia sempre isenção as quais tinha direito. Em meio a esse processo, muitas dúvidas rodeavam meus pensamentos, não sabia ao certo qual área escolher, pensava ter mais afinidade com o curso de administração e este foi um dos selecionados durante as minhas inscrições. Além desse, optei pelo curso de pedagogia, que na época não era uma das carreiras mais concorridas, assim caso não alcançasse uma nota para concorrer ao curso de administração, poderia em outro processo seletivo ter a chance de entrar em uma Universidade.

E aconteceu como eu havia previsto: não consegui alcançar nota para concorrer ao curso de administração, em compensação fui aprovada em dois vestibulares para o curso de pedagogia: um dia que guardo em minha memória com muito orgulho. Sozinha em casa, pois nessa época minha mãe já trabalhava fora, conferindo a listagem de aprovados dos vestibulares, chorei ao ver meu nome entre os classificados. Sem telefone em minha residência, corri até o “orelhão” que ficava na esquina da rua onde morava e liguei para o trabalho da minha mãe e, ainda em prantos, dei-lhe a boa notícia, do outro lado da linha a felicidade dela era tão grande quanto a minha e então não cansava de repetir: “parabéns minha filha, eu sabia que iria conseguir!”

Passado o momento de êxtase, precisava começar os preparativos para a matrícula e para os quatro anos e meio de estudos, que me esperava no curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense. Como essa graduação não era a primeira opção desejada por mim, comecei o semestre letivo inicial já com o pensamento de tentar uma mudança de curso. As aulas principiaram e, como fizera ensino médio técnico em informática, não entendia quase nada do que era dito pelos meus professores da graduação, não sabia o que era um plano de aula, mimeógrafo e muito menos material dourado o qual era usado para a

aprendizagem de conteúdo matemático. Tive que aprender. Assim, como não obtive a mudança de curso, minhas condições de vida e estudo coadunaram para que me tornasse o que sou hoje, uma profissional docente comprometida, apaixonada e feliz com o caminho que, na verdade, não escolhi, fui escolhida por ele.

Com o passar dos meses, fui familiarizando-me com os assuntos disciplinares tratados e com o grau de humanismo que o curso de pedagogia carregava em si. Enfim decidi que aquele era o meu caminho, que ser professora era a minha profissão e, como tudo que realizei em minha vida, dediquei-me com afinco ao aprendizado necessário para exercer a docência até a conclusão do curso e a colação de grau.

No decorrer do mesmo, enfrentei greves de professores, que prolongaram meu tempo de curso na faculdade de educação, tive falta de dinheiro para as mínimas despesas que estudos superiores exigem - livros, cópias de textos, deslocamentos, alimentação, dentre outros -, vivenciei transportes públicos lotados e, ocasionalmente, a perda do horário da condução, tendo que fazer caminhos alternativos, por vezes perigosos, para que a chegada em casa não fosse muito prolongada, porquanto morava longe da universidade. Entretanto, assim como eu, existiam outros estudantes, companheiros de turma ou não, que passavam pelas mesmas situações e que nos momentos de fraqueza apoiavam-me, incentivando-me nesta luta cotidiana de estudante sem recursos e vice e versa.

O momento mais difícil para mim na Faculdade foram os semestres finais, em que nos deparamos com a construção do trabalho de conclusão de curso, a tão temida monografia.

Com a incerteza do assunto a ser pesquisado, o medo da produção da escrita, as idas e vindas na redação do texto, enfrentei desânimos, choros, noites sem dormir, etc. Para o tema, remeti-me à fase mais significativa de minha adolescência, quer dizer, as aulas de educação física e o contato com o desporto. No processo do TCC, encontrei, em minha orientadora, uma amiga, que teve a paciência e sabedoria de trilhar passo a passo comigo na construção da

monografia que, depois de finalizada, foi motivo de muito orgulho. Enfim, ali estava a minha primeira produção acadêmica, que continha minhas pesquisas, opiniões e conclusões acerca do assunto escolhido. Vitória, mais uma vez.

Ressalto ainda que, durante a realização do curso de pedagogia, senti uma necessidade de pôr em prática tudo aquilo que estava aprendendo, afinal, diferentes de muitas colegas que ali estavam, eu não havia feito o curso normal no ensino médio, então, decidi procurar uma escola particular próxima à minha casa, na qual pudesse fazer algum tipo de estágio. Com a ajuda de alguns amigos, obtive “meu primeiro trabalho como professora”, na verdade, era “auxiliar”, pois ainda não estava formada e lá permaneci por cinco anos.

Quando cheguei à escola para trabalhar, senti um enorme medo, afinal tudo era novidade, porém Deus colocou em meu caminho um “anjo”, chamado Olga, professora há pelo menos 15 anos e com ela fiquei exercendo a função de auxiliar e aprendendo a prática da profissão docente, sendo essa minha primeira experiência profissional.

Olga e eu completávamos-nos profissionalmente: ela com toda sua experiência e eu com meu conhecimento pedagógico atualizado, ela com a sua criatividade e eu com a enorme vontade em aprender-fazer, ela com a sua prática e eu com o meu entusiasmo. O convívio em sala de aula com Olga foi a melhor forma de relacionar o que eu estudava na faculdade com o que a realidade concreta de sala de aula apresentava-me. Portanto, com ela aprendi a lecionar.

E, quando finalmente pude assumir sozinha nessa mesma escola uma turma, a de alfabetização, senti-me plenamente capaz de fazê-lo, e, parafraseando Paulo Freire, que ensinou-nos que a pessoa que ensina, também aprende, sentia que cada dia era um aprendizado e uma satisfação estar em meio às crianças.

Lecionei em alguns níveis escolares, mas foi a Educação Infantil que se tornou a minha paixão. Assim que terminei a faculdade, senti que deveria ir mais além do saber pedagógico,

então, fiz dois cursos de Especialização, o primeiro em Psicopedagogia Institucional e Clínica na Universidade Professor de Souza Herdy, em Duque de Caxias e o outro em Docências na Educação Infantil, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Quando ainda cursava a primeira especialização, fui convocada a assumir uma matrícula na Secretaria Municipal de Educação de Niterói, em virtude da aprovação no concurso que prestara, durante o curso de pedagogia.

Chegado o momento de escolha das escolas, não tive dúvidas e preferi trabalhar em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) de tempo integral. Assim, em 2016, assumi um Grupo de Referência da Educação Infantil (GREI) composto por 20 crianças de três anos de idade, em uma comunidade localizada no centro da cidade. Nessa época, além da professora regente, tínhamos um agente de Educação Infantil que auxiliava dois GREIs nas atividades cotidianas. E, a partir deste novo espaço de trabalho, minhas concepções anteriores sobre ser professora das infâncias foram sendo desconstruídas. Até porque, enquanto funcionária da rede privada de ensino estive presa a papéis, livros, cartilhas, horários, conteúdos, metas, carteiras, quadro e giz e tudo mais que me tornasse professora no modelo “tradicional” e as crianças simples reprodutoras, situação proposta pelo projeto da escola.

Assim, todos os recursos, rotinas, métodos e “equipamentos” utilizados anteriormente já não cabiam na aprendizagem daquelas crianças, que em sua maioria eram oriundas de famílias de baixa renda, com moradias desprovidas de saneamento básico, com alimentação precária, entre outros aspectos que interferiam no desenvolvimento das mesmas. Eu, que até então seguia o planejamento de uma escola particular de um bairro em Duque de Caxias, pude colocar em prática os ensinamentos da faculdade de educação que cursei, principalmente aqueles relacionados aos documentos oficiais que norteiam a educação das crianças de 0 a 6 anos de idade e compreendi que o conhecimento e prática pedagógica constroem-se muito além das folhas mimeografadas, do quadro e do giz. Ser professora da Educação Infantil é, ao



mesmo tempo, prazeroso e desafiador. Construir práticas educativas, que considerem as crianças como sujeitos ativos, portadores de direitos, nem sempre esteve tão explícito em minha trajetória como educadora.

Lecionei por sete anos nessa UMEI, depois, por meio de um convite, atuei na Secretaria Municipal de Educação de Niterói por três anos, onde pude sair da realidade de uma Unidade Escolar e conhecer a Rede de Ensino de Niterói como um todo. Rica experiência, que acrescentou muito em meu saber-fazer profissional. Retornei para o “chão da escola” após esses três anos e tive a sensação de que nunca deveria ter saído dele, onde vivo uma realidade diferente daquela de quando ingressei na Prefeitura de Niterói. Hoje atuo em uma UMEI localizada na Região Oceânica, que tem como público crianças de classe média, oriundas de famílias com uma possibilidade maior de recursos, mas da mesma forma como no início a sala de aula, as crianças, as vivências, as trocas, a escuta, o diálogo e tudo mais que acontece no cotidiano com as crianças faz com que redescubra-me professora todos os dias.

Enfim, tudo que sou hoje e continuo em busca, assim como o mestrado finalizado no ano de 2022 em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e ainda em busca de um possível ingresso no doutorado devo aos meus pais, aos meus professores e a essa profissão tão fundamental, que entrou em minha vida por acaso, ou não. Sei como um professor pode ser significativo na vida de uma pessoa, espero que, como eu fui “marcada” pelos meus professores, também tenha feito e possa continuar a fazer essa contribuição positiva na vida de meus educandos, pois nada é mais gratificante do que saber que você fez e faz a diferença na vida de alguém.

Portanto, quero ter a honra de ser lembrada pela possibilidade de auxiliar na orientação do futuro dos meus alunos. E sigo, tendo em mim a seguinte frase de Freire (1975, p.2),

inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do  
inacabamento, sei que posso ir mais além dele.

## **Referências**

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.



## **Narrativa (auto) biográfica de uma professora**

Eliane Eugenia da Silva Abranches

A oportunidade de fazer um escrito (auto) biográfico é um momento muito especial, pois assim volto às situações vividas da infância até os dias atuais. Revirar as memórias para relatar experiências e a trajetória até tornar-me professora e descrever os momentos da prática docente nos dias atuais é gratificante. É prazeroso revisitar o passado e lembrar de pessoas que caminharam junto e outras que ainda fazem parte da minha história. Há uma duplicidade de sentimentos, a alegria do encontro com as lembranças, e a nostalgia, especialmente quando a lembrança se refere a pessoas que já não estão mais presentes, mas que investiram ou acreditaram que o que vivo hoje seria possível, familiares como pai, mãe, e alguns irmãos que estão in memoriam e outras que estão no convívio diário como irmã, filhos e netos, parceiros e incentivadores, sem o apoio deles a trajetória certamente seriam interrompidos diante de perdas, distanciamentos e outras dificuldades que surgem sempre na vida, algumas fácies de serem resolvidas, outras, nem tanto, mas, venci com a ajuda de cada um. Outras pessoas contribuíram na minha formação acadêmica e com a minha carreira profissional, amigos, professores e instituições de ensino que oportunizaram a prática docente. Dessa forma, nesta autobiografia, apresento minha vida desde a infância até os dias atuais.

Sou a quinta filha, nascida quando meu irmão caçula já tinha 13 anos de idade e minha mãe, 43 anos. A gravidez foi um susto, pois minha mãe não pretendia mais ter filhos. Minha irmã mais velha já era casada e também estava grávida nesse período. Infelizmente minha irmã perde o bebê na hora do parto por problemas que desconhecemos, pois na década de 60 a tecnologia ainda engatinhava. Mas 1 ano depois minha irmã tem outro filho,

fazendo com que eu me tornasse tia quando fazia 1 ano de idade exatamente. Meus pais oriundos de cidade do interior nasceram, cresceram e se casaram em ambiente de fazendas, onde seus pais trabalhavam e dessa forma não tiveram oportunidade de frequentar escola. Meu pai sabia ler e escrever muito pouco, meu avô o tinha ensinado, afinal, meu avô dizia que o homem precisava saber ler. Minha mãe não teve oportunidade de estudo. Era analfabeta.

Pensando em dar uma vida um pouco melhor para seus filhos, meus pais resolvem se mudar do interior para uma cidade, e a escolhida foi Petrópolis, onde meu quarto irmão e eu nascemos. Cidade do meu coração onde moro até hoje. Minha mãe teve seus cinco filhos em casa, e, ainda hoje, moro na mesma casa onde nasci. Apesar de ser de família humilde, minha infância foi muito feliz, brincava com meus vizinhos na rua de pique bandeira, pique esconde, na beira do rio, pois atrás da minha casa passa um rio. Alguns tombos eram inevitáveis o que gerava muitos risos. Também gostava muito de brincar com bonecas. Organizava todas elas e brincava de professora. Quando alguém me perguntava, sobre a profissão no futuro, dizia que ia ser professora.

Fui para a escola com 6 anos, frequentei o Jardim de Infância, (hoje Educação Infantil). Lembro-me da escola, de alguns amigos e especificamente da diretora e de sua irmã, que foi minha professora nessa etapa. Eu era uma criança que chorava para entrar na escola, e ela com muita calma, me pegava, levava para brincar com os amigos ou me dava um livrinho para eu ler. Logo me distraía. Passava o dia bem, no final do dia, cada um tinha uma almofadinha, para debruçar na mesa e esperar o responsável, eu, sempre dormia. Precisava ser acordada para ir embora. Nessa escola fiz o Jardim de Infância e a alfabetização. Interessante desse período, é que meus irmãos mais velhos não moravam mais conosco e minha mãe às vezes tinha dificuldades de ensinar as atividades de leitura e o dever de casa. Aos poucos foi aprendendo comigo as letras, as sílabas, porque na época a base da alfabetização era com cartilha. Ela tinha o desejo de saber ler. Uma igreja oferece

um projeto social de alfabetização de adultos. Minha mãe fez sua matrícula e aos poucos vai aprendendo a ler e, dessa forma conseguia me ajudar. Fomos alfabetizadas juntas, eu na escola e ela no projeto. No final do ano nós já sabíamos ler.

No ano seguinte, mudei de escola. Cursei o 1º grau (hoje com o nome de Ensino Fundamental) e o 2º Grau, (Ensino Médio) no CENIP - Colégio Ensino Integrado de Petrópolis, que faz parte do grupo Escolar D. Pedro II, sendo chamado de Colégio Estadual D. Pedro II. Nessa escola fiz muitos amigos, amizade que mantemos até hoje, inclusive com professores. A partir do 5º ano iniciava outra fase do Ensino Fundamental (hoje, 6º ano). Era

omáximo, pois, já estávamos no outro prédio, junto com os maiores, era o mesmo prédio do Ensino Médio, as crianças ficavam do outro lado. Estudava no horário da manhã. Dentre as disciplinas ensinadas, algumas eram práticas, aconteciam em salas com equipamentos necessários para cada disciplina e eram oferecidas em cada série como: Práticas do Lar; Técnicas Comerciais e Técnicas Industriais. Eram as aulas mais esperadas por todos.

Outro momento muito esperado pela maioria dos alunos era o desfile cívico de 7 de setembro. Eu também gostava muito. A Banda da escola, era famosa. Tocava músicas clássica, populares e até estrangeiras. O uniforme escocês era belíssimo, ficava encantada ao ver os homens usando “saia”. O uniforme da banda se muito parecida com o nosso uniforme feminino: saia xadrez e camisa branca. As Gaitas de Fole e toda evolução que faziam durante

odesfile encantava quem assistia. O desfile cívico composto pelas escolas públicas e privadas da cidade, forças armadas e a banda do CENIP era um evento na cidade que parava literalmente nesse dia.

Mas, era necessário já pensar no 2º grau, que curso fazer ao terminar o 1º grau? Essa era uma das conversas constante com meus amigos. O 2º grau (Ensino Médio) era profissionalizante. Era preciso fazer uma escolha. No CENIP eram oferecidos: Magistério (Formação de Professores), Secretariado, Técnicas laboratoriais e Contabilidade.

Não tive dificuldades para a escolha, pois desde a infância quando brincava de dar aula para bonecas, eu já dizia que queria ser professora. Optei por Magistério. No segundo mês de aula, já queria fazer estágio. Estava cada vez mais convicta do que queria e as aulas com professores apaixonados pela educação só me aguçaram mais a vontade de estar em sala de aula.

Então, fui à escola que as professoras do meu Jardim de Infância estavam como diretoras. Elas haviam marcado positivamente o início da minha vida escolar com o carinho e atenção. Ao conversar e dizer da minha vontade em já iniciar o estágio mesmo no 1º ano de formação, fui prontamente atendido por elas. Iniciei meu estágio no Jardim de Infância, depois na Alfabetização nas 1º e 2ª séries do Ensino Fundamental (hoje, seria: 1º, 2º e 3º anos).

Terminei o curso e fui efetivada na escola onde fiz o estágio, onde permaneci como professora por 8 anos. Nesse período outras grandes emoções fizeram parte da minha história. Casamento, nascimento da minha filha. O ingresso na Faculdade de Pedagogia foi outro marco nas emoções, pois na década de 90 na cidade só havia 1 Instituição de Ensino Superior e era particular. Ingressei em 1992 e a partir de junho do mesmo ano me tornei estagiária da Biblioteca da Universidade com 100% de bolsa de estudo. Dessa forma consegui concluir minha graduação, o que de outra forma seria inviável.

Em 1996, nasce meu filho, motivo de alegria para minha filha que já com 9 anos pedia incessantemente por um irmão. A chegada dele não interrompeu minha vida profissional. Sempre morei perto da casa dos meus pais, minha que mãe me dava o suporte necessário com meus filhos. Meu pai já havia falecido em abril de 1989.

Sempre trabalhando em escolas como professora regente, algumas crianças me chamavam atenção especialmente nas séries de Alfabetização e 1º ano, pelas dificuldades de aprendizagem. Sempre me dediquei a elas buscando formas e recursos que viabilizasse a aprendizagem.

Nessa busca, fiz a primeira especialização em Educação Especial que me trouxe informações sobre várias deficiências, transtornos e síndromes, bem como estratégias para o trabalho com crianças chamadas Especiais.

Os anos se passavam e me fizeram perceber que novos conhecimentos seriam necessários para atuar na área da Educação Especial. Assim, fiz pós-graduação em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia, sempre buscando atender não só na questão da aprendizagem, mas também no acolhimento e socialização dessas crianças. Busquei alguns cursos que também poderia me auxiliar em sala de aula com crianças com deficiência.

Fiz o curso de LIBRAS, Básico e Alfabetização em BRAILE. Durante a Pós-graduação em Neuropsicopedagogia uma professora nos alertou sobre a importância do conhecimento sobre o emocional das crianças, sugeriu a Psicologia ou a Psicanálise, pois nos ajudaria a entender algumas questões, porém, não para realizar sessões terapêuticas, mas para identificar e fazer encaminhamentos, diante disso fiz o curso de Psicanálise, que foi um divisor de águas na minha prática cotidiana com as crianças, assim como atuação em consultório, pois com os cursos e com as pós-graduações citadas, me permitiram atuar em consultório e dessa forma ter contatos com outras crianças, adolescentes e jovens das graduações com dificuldades de aprendizagem, síndromes e transtornos. Porém, não saí do chão da escola, pois penso que nesse lugar estão as bases para desenvolver todo trabalho no consultório.

Em 1996 minha vida tem uma mudança radical, pois vou trabalhar em Niterói, como contratada pela Fundação Municipal de Educação (FME). Escolho uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI). Uma nova experiência. Retornar a Educação Infantil após longos anos no Ensino Fundamental, em outra cidade, com dupla regência e em período integral. Ao chegar com muitos questionamentos pessoais: como seria trabalhar em dupla? Qual seria a proposta pedagógica? Seria difícil a minha adaptação?

Foi surpreendente iniciar o trabalho em dupla, até porque a professor com quem fiz dupla já era experiente, já fazia parte da



rede, extremamente parceira, acolhedora e sem nenhuma dificuldade em partilhar as experiências e conhecimento. Em 1997 nessa UMEI recebemos uma criança surda com 5 anos de idade, filha de pais ouvintes e que nunca tinha frequentado uma escola e que não sabia LIBRAS. Foi uma experiência incrível! No início nos trouxe um pouco de apreensão para que ela se sentisse segura, acalmasse para que pudéssemos realizar o trabalho de acolhimento e socialização dela. As crianças ouvintes foram muito receptivas nas brincadeiras e na realização das atividades, sempre chamando para brincar ou pegando pela mão para conduzi-la a outro espaço quando necessário. Não demorou sua adaptação. Fui inserindo LIBRAS para que ela aprendesse e ressalto que as crianças ouvintes aprenderam os sinais tanto os básicos como no momento das canções as coreografias foram substituídas por LIBRAS.

No mesmo ano (1996) outra grande alegria foi passar no concurso público da cidade de Niterói e então, estar efetivamente como professora da rede, trabalhando também em uma UMEI, onde a inclusão acontece. Iniciei no Grupo de Referência da Educação Infantil (GREI) com crianças de 2 anos. Estou como professora regente no GREI 4, composto por 19 crianças, sendo 3 Autistas e 1 com Síndrome de Down. Houve desafios no processo de inclusão de cada um, mas estão adaptados a rotina da escola e apresentam progressos significativos na socialização e cognição. A cada dia eles me surpreendem.

Meu desejo por conhecimento não parou. Recentemente, no dia 10 de agosto de 2023, conquistei o Grau de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação, com o tema da dissertação: A socialização da criança surda na educação infantil. Mais uma etapa vencida. Mais um sonho de tantos, realizado.

O sonho de menina de ser professora se tornou realidade. Até hoje a paixão pela educação persiste. Tenho sempre a certeza de ter feito a melhor escolha. A jornada continua, minha história não termina aqui, pois ainda há muito que fazer e realizar.

Sobre os fatos aqui trazidos, Freire (2001, p. 35) expõe:

Crescer como profissional significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação.

Concluo esse relato emocionada, pois ao revisitar a trajetória da vida pessoal, acadêmica e profissional lembrei de pessoas, amigos e familiares tão queridos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse aonde estou. Gratidão a todos.

### **Referências**

FREIRE, A. M. A. A pedagogia da libertação em Paulo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2001.



## Do egresso ao acesso: revirando memórias, narrando vivências

Aline Teixeira dos Santos<sup>1</sup>

Segundo Connelly e Clandinin (1995, p. 50,)” nós também necessitamos contar nossas histórias”, reforçando a importância da narrativa de si para o processo de percepção da própria subjetividade. Sendo assim, me proponho narrar a seguir fatos vividos e guardados em minha memória que constitui quem hoje sou. Aproveito a oportunidade para resgatar as memórias culturais e afetiva que fizeram parte de meu processo.

Nascida no interior da Bahia em novembro de 1986, filha de D<sup>a</sup> Regina e de seu Reginaldo sou filha do meio entre quatro irmãos. Na época em que vim ao mundo mamãe tinha dezoito anos, e minha irmã mais velha apenas um aninho. Como era comum na época e cultural em sua região, mamãe casou-se aos quinze. Era menina ainda quando experienciou o matrimônio junto ao meu pai, que já tinha vinte e três anos.

Aos cinco anos deixo minha cidade natal. Meus pais migraram para Niterói-RJ trazendo com sigo os quatro filhos e um desejo de melhores condições de vida e um lugar no mercado de trabalho. Segundo minha mãe, meu pai já havia viajado a trabalho algumas vezes para o Rio e em uma de suas viagens, por ela se sentir sozinha decidiu ir ao seu encontro já que não desejava criar seus filhos em meio a escassez que sua região oferecia.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Política, Discurso e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da (PPGMC/UFF-RJ), 2023. Membro do grupo de pesquisa Centro de Pesquisa e Produção em Comunicação e Emergência (EMERGE/UFF-RJ), 2023 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2023. Vínculo de trabalho: Fundação Municipal de Educação (FME), Professora de Apoio Especializado I. alineteixeira\_2006@hotmail.com.

Meu pai, homem de poucas palavras, mas com muita disposição logo se ajeitou em uma vaga de pedreiro, profissão que exerce com dedicação até os dias de hoje. Não se arrepende de ter trocado o cabo da enxada por um prumo e uma colher. Minha mãe demorou um pouco a se inserir no mercado pois dificilmente encontraria com quem deixar quatro crianças, uma ainda de colo para trabalhar. Ainda não possuía rede de apoio e tão pouco escola para todos nós. Dois anos após sua chegada ao Rio começa a exercer a profissão de empregada doméstica. Nessa altura já estávamos inseridos no ambiente escolar da rede municipal de Niterói, dando-lhe segurança para desenvolver suas atividades. Cresci em um lar cheio de incentivos onde a busca pela educação sempre foi prioridade.

Já estabilizados na nova cidade, meus pais começaram a estudar a noite, papai tinha o desejo de ser alfabetizado pois se sentia constrangido toda vez que lhe pediam para assinar o nome e tinham que lhe carimbar o dedo. Mamãe já era alfabetizada, mas desejava ir além. Ela sempre nos falava da importância dos estudos para que não ocupássemos às

mesmas posições que ela e papai no mercado de trabalho. Mesmo sem saber, mamãe já entendia que a educação era uma das ferramentas de mobilidade social.

O seu desejo era que não nos fosse reservado a profissão herdada pela maioria das mulheres negras no Brasil, a de empregada doméstica. Segundo o IBGE 2019, 65% das empregadas domésticas brasileiras são negras. E que fizéssemos parte dessa estatística não estava em seus planos. Não desvalorizando a profissão que ela exercia sem hesitar, mas por conta da baixa remuneração.

Voltando aos meus anos iniciais na escola ao qual a reflexão veio na fase adulta, mais precisamente quando me reconheci como mulher preta. Em pensar que passei todos esses anos negando essa identidade. Talvez não de forma consciente, mas da forma que eu aprendi. Passei a infância me distanciando de minhas características, e das representações que lembrassem meus

antepassados. A chegada a escola se deu de forma dolorosa, seria o primeiro contato com outros que não faziam parte do meu círculo familiar. E o fato de ser oriunda de outro estado foi um fator crucial para que essa experiência inicial fosse catastrófica. Lembro-me de quantas vezes chorava pedindo para minha mãe não me levar para escola. Local onde riam do meu vocabulário e do meu sotaque. Tive dificuldade para aprender o alfabeto local, ainda trazia comigo o aprendido em minha região. Em pensar que a pronúncia do M conhecida até então como ( ME), L como (Lê) me causaria desconforto. Vivencie outros conflitos junto aos meus irmãos que estávamos sempre a procurar uns aos outros nos horários de intervalo. Seria essa a nossa forma de nos acolher em meio aquele espaço que nos reservava tantos dilemas. Mamãe era personagem conhecida naquele ambiente, estava sempre buscando a direção e os professores para conversar e minimizar o nosso sentimento de não pertencimento.

Após algum tempo, estávamos adaptados e vivenciando o que a escola poderia nos oferecer de melhor. Os professores em sua maioria eram queridos, salvo os que perdiam o controle emocional diante das travessuras das crianças. Embora fosse uma criança calma, em um determinado momento, ao correr da fila na hora de cantar o hino, tive meus cabelos puxados pela professora. O hino e a exaltação a bandeira eram compromissos diários na escola. Ficávamos em fila, esticávamos os braços em direção ao ombro do colega a frente e iniciávamos em um só coro o canto do hino. Acompanhado algumas vezes por bandas, qual a origem vou ficar devendo. Era muito bonito de se vê, mas não me fazia sentido vivenciar aquele ritual na infância. E quando o encontro era no sol, gostava menos ainda.

Foram oito anos vivenciando as inúmeras possibilidades que a escola me ofereceu da Alfabetização (como era conhecido o primeiro ano do ensino fundamental) ao oitavo ano de escolaridade. Naquele espaço compreendi como se dava a relação com o outro, criei laços, desfiz nós e já me deslumbrava com o desejo de ser professora. Possibilidade que nasceu em uma

atividade de Geografia sobre profissões. Particpei de um concurso de poesia oferecido pela rede no ano 2000, por ser uma das finalistas, tive a oportunidade de receber às homenagens na câmara municipal da cidade.

Aos quinze anos iniciava um novo processo, além da entrada no Ensino Médio a mudança de cidade. Estávamos indo morar em Duque de Caxias, uma cidade da baixada fluminense. Com essa mudança vinha outros desafios, adaptação ao novo local de moradia e a nova escola. O mais difícil foi se ajustar ao local de domicílio. Este era tão pouco desenvolvido que dificilmente se encaixaria a área urbana. As ruas ainda em barro retratava o aspecto de poucos recursos que aquele ambiente podera oferecer. Para chegar à área por onde passava os ônibus eram no mínimo 40 minutos de caminhada e assim se deu meus próximos dias. A caminhada diária era certa, afinal tínhamos que ir à escola. Nesse período mamãe não trabalhava, dependíamos apenas do emprego de papai.

No Ensino médio tive professores maravilhosos, todos muito acolhedores assim como todo ambiente. A escola era bem dinâmica, tínhamos aulas de campo periodicamente com os professores de Ed. Física. Como a escola era localizada em Xerém, próximo a algumas reservas ambientais, nos permitia ter contato direto com a natureza e realizar atividades de acordo com o que o ambiente oferecia. A escola conhecida como Colégio Estadual Barão de Mauá também tinha o hábito de cantar o hino nacional algo que já estava habituada. Tínhamos gincanas, momento de maior interação entre os alunos e de muita alegria. A banda marcial era outro atrativo da escola, vagas disputadíssimas por quem desejava participar. Tínhamos oportunidade de aprender a tocar diversos instrumentos e a participar de disputa entre bandas de outras escolas. Quando chegava 7 de setembro, estávamos aptos a desfilar e colocar em prática o que havíamos aprendido. Eu nunca consegui uma vaga para tocar o instrumento desejado, no entanto desfilava alegremente na comissão de frente. E lá se foram os três últimos anos reservado a Educação Básica. No terceiro e derradeiro

ano, estava eu a comemorar a chegada dos tão sonhado dezoito anos, sonho esse com intuito apenas de ter idade para adentrar o mercado de trabalho e poder colaborar com os gastos de casa. Mas o universo conspirava para que minha vida seguisse por outros caminhos. Tive professores que fizeram toda diferença nessa caminhada, Henrique Reis e Marcelo Moura. Estes estavam sempre a nos informar sobre o vestibular e às dinâmicas do processo. Orientou-me sobre os procedimentos de isenção e às declarações de próprio punho. Embora tivesse muito empolgada, e frequentando um pré-vestibular comunitário, nesse ano não passei no vestibular. Mas uma coisa era certa, eu não desistiria ali. Talvez às palavras ditas por eles no discurso de formatura tenha contribuído para essa decisão. Discurso também feito por mim como oradora da turma. Naquela época eu já entendia a responsabilidade de representar meus pares.

Ao sair do Ensino Médio busquei o primeiro emprego. Lembro-me da primeira entrevista em uma das franquias do Mc Donalds, fui contratada, mas ao chegar em casa mamãe reprovou e disse-me que ainda não era hora de trabalhar, eu teria que aproveitar aquele ano e me preparar para o próximo vestibular. A essa altura mamãe já estava inserida novamente no mercado de trabalho e para minha sorte sua patroa era filha de um dos donos de curso Pré-vestibular em Caxias. Ela interveio junto a seu pai conseguindo uma bolsa de estudo que me contemplasse. Lá fui eu me agarrar a essa chance.

Alguns meses depois tive que começar a trabalhar em horário parcial pois estava difícil de meus pais manter os custos com passagem e alimentação. Trabalhei por um tempo como promotora de vendas de cursos de informática, algumas vezes essa captação de novos alunos ocorria na rua através de abordagem aos transeuntes. Um ano depois vinha minha primeira aprovação no vestibular de Letras da UERJ, essa vaga foi perdida pois eu não possuía acesso a internet em casa perdendo assim a publicação do resultado do concurso. Quando tive a oportunidade de fazer a consulta, já estava liberada a listagem de reclassificação



inviabilizando meu acesso aquela vaga. Procurei a secretária da UERJ na tentativa de obter uma solução, mas fui informada que minha vaga agora contemplava outro estudante. Saí da instituição tão desestabilizada que não sei como cheguei em casa. A recordação que tenho é de subir a passarela do maracanã em direção aos trens em prantos. Poderia eu ter perdido a grande oportunidade da minha vida?

Como forma de me confortar foi me oferecido mais um ano de preparatório. No momento me faltava motivação para continuar, vivenciar o luto daquela perda me atravessou profundamente. No início resisti, mas com tempo vi que era hora de recomeçar.

Voltei a assistir às aulas e a essa altura não trabalhava mais. O que tempos depois inviabilizou meu acesso ao curso. Não possuía condições financeiras para custear meu deslocamento até o local de estudo tendo assim que abandonar. Ao notar minha ausência no curso por quem me concedeu a bolsa, minha mãe foi questionada do motivo das faltas. Informando assim que não estava em condições de custear às passagens do transporte público. Uma semana depois surgiu a solução para aquele problema.

Fui convidada a comparecer ao curso e para minha surpresa foi me oferecida uma vaga de trabalho na secretária. Estava eu de volta ao mercado de trabalho e de forma a conciliar trabalho e estudo. Pela manhã estudava e tarde noite trabalhava. E essa rotina veio a me acompanhar desde então.

Fiz mais um ano de preparatório até que a tão sonhada aprovação veio. Eu poderia escolher entre Letras na UFRJ e Geografia na UERJ. A priori escolhi letras afinal era o mesmo curso que eu havia perdido a vaga. Mas com o tempo descobri que esse curso de fato não foi feito para mim. Com o início das aulas, pude perceber o quanto seria difícil dar continuidade ao curso. Tinha que acordar às 4hs da manhã para conseguir chegar a tempo nas aulas que começavam às 7. Tínhamos aulas até as 13hs, no entanto precisava sair meio-dia e trinta se quisesse chegar no horário em meu local de trabalho. Em uma das minhas saídas da sala fui repreendida pela professora que questionou às saídas antecipado

diante de toda turma. Expliquei o motivo e ainda assim ela foi ríspida e me disse que não admitiria. Que eu teria que fazer uma escolha entre estudar ou trabalhar. Infelizmente escolhi o trabalho pois sem ele eu não conseguiria me manter na universidade. Tendo em vista que custear passagens e materiais didático requer uma fonte de renda. Tranquei a matrícula e nunca mais pisei no curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro campus fundão.

Como a UERJ era para o segundo semestre fui eu apostar minhas fichas nesse novo curso. Inicie às aulas em julho de 2009 e sem dúvida nessa nova casa eu fui feliz. Foi um ambiente de muitas trocas, de criar laços, de acolher e ser acolhida. Estava eu a ocupar uma cadeira dentro da universidade, local que eu nunca imaginei está, mas que minha mãe já idealizava. A proximidade do meu local do trabalho e o horário compatível foram essenciais para conclusão dessa etapa.

Concluí o curso, no entanto não dava para me manter com as poucas horas aulas dadas, e trabalhar como professora de Geografia não era algo que dava brilho a vida. Nesse período me aventurei a fazer um pós-médio no curso Normal, queria me habilitar a trabalhar com séries iniciais incentivada por uma amiga que me contava diariamente os achadouros da Educação infantil. Nessa fase, para complementar a renda fui trabalhar em um Call center, local hostil, mas que me incentivou a prestar um concurso. Em 2016 a prefeitura de Niterói abre concurso para preenchimento de vagas na Educação. Será essa minha chance de ocupar um cargo público? E de fato foi.

Em 2019 eu retorno para rede de ensino de Niterói, agora como professora. Esse lugar me causa muito orgulho, não por ser funcionária pública, mas por ser professora. Pois sempre acreditei no papel transformador do professor na sociedade, como de alguém que tem como função contribuir para redução das desigualdades.

Iniciei minha trajetória e quem sabe a melhor aventura da minha vida no chão da escola de educação infantil. Ah se esse chão

falasse, são tantos dilemas que uma unidade escolar tem que lidar em seu cotidiano que se eu puder contribuir com o mínimo já fico satisfeita.

Por último, mas não menos importante, em 2023 eu novamente volto a ocupar uma cadeira dentro da universidade. Agora como mestranda do curso PPGMC da UFF.

## Referências

Agência Brasil: **Mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas no país** | Agência Brasil (ebc.com.br) – Acesso em 10/09/2023.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Teachers' professional knowledge landscapes**. Toronto: OISE Press, 1995.

## Meu desejo: ser professora da Rede Pública de Ensino

Bianca da S. Fonseca Marinelli<sup>2</sup>

Ao iniciar o processo de escrita, me questionei sobre as intenções em participar desse projeto e uma das respostas da minha consciência é de que o mesmo me conduziria ao espaço das memórias, das lembranças, das recordações afetivas de um tempo nostálgico que colaboraram para construção da profissional que hoje sou. Diante desse misto de sentimentos, convém iniciar seguindo os moldes clássicos, isto é, pela apresentação.

Sou Bianca, tenho 34 anos, casada e mãe de dois meninos, Bento (6) e Inácio (2). Atualmente desempenho a função de professora na rede pública de ensino, instituição de ensino no qual estudei durante toda a minha educação básica.

Desde a infância dizia que seria professora. Os familiares achavam graça, porém a cada etapa da minha vida esse desejo tornava-se decisão. Quando cursava a 3ª série, atualmente 4º ano do Ensino Fundamental, em 1997, durante o primeiro semestre já havia passado três professoras diferentes pela minha turma, a terceira chegou para substituir a doce Tia Eva. Ao chegar no meio de um protesto da turma pela volta da amada professora que se despediu da turma com águas nos olhos, a nova professora nos respondeu firmemente: “Fiz um concurso, passei e por isso estou aqui e aqui permanecerei com vocês até o final do ano”.

Naquele momento, meu desejo de ser professora se reiterava. E em minha mente o seguinte pensamento: “Quero ser professora,

---

<sup>2</sup> Professora na UMEI Regina Leite Garcia, desde 2019. Professora na Rede Municipal de Itaboraí, desde 2011. Formação de Professores (Instituto de Educação Clélia Nanci); Licenciatura em Geografia (UERJ – FFP); Especialista em Orientação e Supervisão Educacional (Centro Universitário FAVENI). Tema de interesse investigativo: Educação e Infância; Geografia nas Infâncias; Protagonismo Infantil

passar em um concurso e não precisar deixar minha turma com lágrimas nos olhos”. Ao cursar o ensino médio, escolho o tal sonhado Curso Normal - Formação de Professores. E de alguns familiares que achavam graça na minha escolha na infância, ouvi várias falas de reprovação: “Sempre achei você tão inteligente”; “Quer ser mesmo professora?”\_Discursos esses que só reforçam o estereótipo da desvalorização do papel do professor no nosso país.

E quando passava pelos estágios durante o curso normal, cada vez que ocorria na escola pública meu desejo de me tornar professora da rede pública só aumentava. De alguma forma permanecer naquele ambiente onde me sentia pertencente, de fato era onde gostaria de ser vista, com a mesma admiração que vi muitos professores que passaram na minha vida. Era esse o lugar que eu queria ocupar!

No ano de 2007, concluo o ensino médio me formando professora das series iniciais do ensino fundamental. Novos desafios estavam por vir, o sonho de passar em um concurso e o de ingressar no ensino superior e mais uma vez precisava ser na rede pública, pois não tinha condições de custear pelo ensino em uma Universidade privada.

No ano seguinte mediante uma prova ingresso no pré-vestibular comunitário da UERJ-FFP. Em 2009 realizo minha matrícula de Licenciatura em Geografia na mesma universidade e em 2011 ocupo meu lugar na cadeira de professora da rede pública de ensino, minha primeira matrícula no município de Itaboraí.

Durante o tempo que lecionei no município aprendi muito ano após ano, quando me formei professora de geografia atuei também na EJA e no segundo segmento do ensino fundamental. Em 2016, conquistei a segunda matrícula no município de São Gonçalo. Em final de 2017, saio de licença maternidade para dar a luz ao meu primogênito com uma grande desejo de mudar de profissão e assim deixar o magistério

## **Uma professora em construção: a ressignificação da minha prática**

Em 2019, fui convocada pelo concurso do município de Niterói. Mediante conversas com colegas que também haviam sido convocadas, perpassava o assunto de que a grande oferta vagas nessa rede de ensino naquele momento era para educação infantil. Comecei a enxergar então um abismo a minha frente, já sabia que teria dificuldade de encontrar vaga para atuar no ensino fundamental, mas estava certa de que educação infantil eu não queria.

Chega então o grande dia de escolha da escola. Fazendo uma análise desse dia, chega ser engraçado, pois é o dia que agente sonha em chegar quando está realizando a prova do concurso, mas quando ele chega vem o grande temor que ele vire um pesadelo.

É também o dia de encontrar/reencontrar, conhecer e compartilhar um pouco da vida, das práticas na educação e tudo isso em frações de minutos, pois em determinado momento você conversa com alguém a sua direita, logo depois com alguém da esquerda, quando você vê, já está dentro de um grupinho; sai, vai beber uma água e, quando volta, já está inserido em outro grupo respondendo as mesmas coisas e também fazendo as mesmas perguntas. Até que fui apresentada a uma pessoa que logo me perguntou: “Você gosta de educação infantil?” E rapidamente veio a minha resposta sincera: “Não! Eu não tenho dom para educação infantil!” Como se tivesse alguma coisa a ver com dom. Hoje quando penso naquela resposta e se pudesse modificá-la, seria: “Eu não tenho conhecimento do que é educação infantil”.

Enfim o que eu não sabia naquele momento é que a resposta proferida era para uma diretora de escola de educação infantil e, ao final daquele dia de ansiedade e nervosismo, recebo um memorando constando que estou lotada em uma unidade de educação infantil na qual uma das diretoras era a que dei a minha sincera resposta: a de não ter dom com educação infantil. Chego com meu memorando na Umei Regina Leite Garcia, deixando bem

claro que não tinha experiência na educação infantil, mas estava disposta a aprender.

Meus primeiros dias na educação infantil foram muito difíceis, já que pela primeira vez em quase uma década de magistério eu não sabia o que fazer, não tinha matéria para colocar no quadro nem sabia como fazer uma dinâmica de apresentação, enquanto minha parceira me dizia que era fácil, que era só fazer uma rodinha com as crianças e cantar “musiquinhas”. Durante a rodinha além de não saber cantar as músicas eu tive vergonha, não sabia o que estava fazendo e acreditava que as crianças estavam me olhando como se eu fosse uma boba, porque de fato era o que eu estava parecendo. A primeira semana se passou e as crianças ficavam a cada dia mais agitadas e o meu domínio de classe, do qual tanto me orgulhava no ensino fundamental, na educação infantil passava longe.

Então fui procurar a EAP (Equipe de Articulação Pedagógica) da unidade, já que acreditava que o caos que estava vivendo era não ter recebido o referencial com os conteúdos para ser ensinado as crianças em cada faixa etária. A resposta que obtive foi: “O currículo na educação infantil se faz no cotidiano, juntamente com as crianças de acordo com o interesse delas no que aprender”.

Neste momento se inicia a ressignificação da minha prática docente. Eu não entendia sobre esse assunto e o meu breve e ignorante pensamento naquele momento era se eu precisava ensinar algo do interesse deles teria que ser lutas marciais, pois a cada dia que passava as crianças se batiam quase que diariamente, no entanto estava disposta a buscar entendimento.

Algumas semanas se passaram e percebemos que as crianças gostavam muito de brincar de fazer diferentes tipos de comidas com massinhas, então planejamos um momento com eles em que pudessem fazer biscoitos no refeitório. E surpreendentemente pela primeira vez ao descer a rampa com eles até o refeitório já foi diferente. Eles desceram felizes, entusiasmados com o que iam fazer e durante o processo da receita eles respeitavam a sua vez de falar, eles auxiliaram um ao outro como uma verdadeira mágica. Foi quando comecei a acreditar que trabalhar de acordo com o

interesse deles seria possível e que eu tinha muito mais a aprender como professora de educação infantil do que a ensinar.

Eu era professora do GREI 4C e, durante o segundo semestre, juntamos com um outro GREI 4 para trabalhar os desafios da agressividade que os dois grupos passavam, por isso montamos o Projeto das Emoções. Ao realizar o projeto, percebi o que é a escuta atenta, tão debatida na educação infantil, e refleti que ela deveria existir em todas as etapas da educação. Na educação infantil, na maioria das vezes, não ensinamos para ensinar e sim observamos para aprender. Observamos o brincar para entender a essência de cada criança e com que lógica elas se organizam. A educação infantil te proporciona experienciar sentimentos jamais sentidos em qualquer outra etapa da educação. Um deles é o de ser livre para perceber o outro e identificar suas potencialidades sem se preocupar com conteúdos engendrados.

Enquanto aprendo a ser professora da primeira infância pela manhã me torno uma professora melhor para as crianças do fundamental à tarde (eles estão no 1º segmento do ensino fundamental, mas ainda são crianças). Compreendendo assim que meus alunos precisam de mim para além dos conteúdos, precisam ser percebidos, não comparados e sim potencializados por serem únicos.

Na minha trajetória na educação docente tive o prazer de lecionar em todas as etapas da educação básica e sei que cada etapa é especial, mas afirmo sem medo de errar que todos os professores deveriam passar pela educação infantil. Durante o cotidiano nas formações na educação infantil, muito se houve falar que: “Quanto menor a criança, mais você precisa estudar” E fui aprendendo a veracidade desta afirmativa dia após dia.

Antes de encerrar minha narrativa apresento uma foto que diz muito sobre mim enquanto professora das infâncias. A primeira rodinha do GREI que estou em 2023, para contrapor que, se um dia esse momento foi tenebroso para mim por não saber agir, hoje ele é o momento onde eu me resplendoço como professora, me torno pequena como eles e eles se tornam grandes, pois mostram seus



conhecimentos de forma genuína. Esse movimento que faz parte da rotina diária é possível, posto que noto as crianças a cada dia desabrochando e florescendo como as flores da primavera. E esse ardor primaveril pode ser contemplado em qualquer época do ano e não somente em setembro.

E finalizo com um trecho da música de Gonzaguinha que para mim nunca mais foi a mesma desde então, porque agora ela é repleta de sentido: *“Eu fico com a pureza da resposta das crianças/ é a vida/ é bonita e /é bonita”*. E reitero os versos do compositor na convicção que de fato não se tem melhor jeito de se ver a vida do que através da ótica e do protagonismo das crianças.

## Onde tudo começou...

Luana Castro dos Santos Braz da Silva<sup>3</sup>

Escrever sobre uma vida comum não é fácil, principalmente uma biografia. Quando se tem fama, o storytelling fica mais cativante e emocionante. Uma simples filha de empregada doméstica, separada morando na comunidade de Nova Grécia – Tribobó/ SG, que caiu de paraquedas na casa da mãe, após a separação não é surpreendente, mas hoje normal.

Quando era pequena queria ser dentista, sempre expressei essa vontade, entretanto minha avó que mal tinha a 3ª série, hoje terceiro ano, não acreditava que seria possível e dona Marina, como chamava minha mãe, concordava.

Aos 17 anos tentei meu primeiro vestibular, quando estava no meu último ano do ensino médio fazendo Formação Geral, mesmo contrariando as duas, tentei Odontologia para UFF, Biologia Marinha para Rural e Ciências Biológicas para UERJ. Sempre estudei em escolas públicas e não acreditava que conseguiria de primeira, entretanto passei para a mais distante Rural, mas não pude ir por medo e principalmente condições financeiras de minha mãe e avó.

No ano seguinte já com o término dos estudos iniciais, comecei a dar aula de reforço em casa para auxiliar nas despesas e comecei a gostar da área de educação. No ano de 2000 tentei vestibular mais uma vez para Ciências Biológicas na UERJ e Odontologia na UFF e não consegui. Como não passei comecei a trabalhar em uma ONG voluntariamente, dando aula de reforço e decidi investir na área da Educação.

---

<sup>3</sup> Pós-graduação em Literatura Infanto-Juvenil, na Faculdade Instrutora/professora da Empresa SEST SENAT Integrante da Comissão em Defesa dos Diretos das Pessoas com Transtorno do Inspectro Autista.

Em 2004 fiz minha última e fulgaz tentativa para UERJ/FFP e passei, mas não sabia que isso custaria tão caro. Porque falo isso? O nosso querido governo da época implementou a reserva de cotas e mais uma bolsa de R\$190,00 para a permanência nas Universidades e eu tentei para cotas para pretos, pois sabia que a maioria das pessoas não tentariam essa especificamente por vergonha.

### **Que entrada difícil para a FFP**

Passei para iniciar 2005/01 Letras: Português/Literaturas e já estava dando aula de reforço na ONG mencionada acima. Então achei que seria algo tão simples e maravilhoso. Lembro como se fosse hoje, nossa primeira aula, alguns dos meus queridos colegas de sala que nunca tinha visto na vida nos interpellando sobre o roubo das vagas por alguns serem cotistas. Sabia ou imaginava que o preconceito existiria, mas não sabia que seria tão forte. Uma garota de 22 anos recém universitária não estava pronta para viver tudo aquilo, mas a tragédia ainda não estava completa.

O meu primeiro período foi de descoberta e desafios, minha mãe não esperava que fosse gastar tanto dinheiro em apenas uma semana e já estávamos pensando como permanecer na faculdade. Além do aguardo da promessa de uma bolsa de R\$ 190,00 para custear ou pelo menos auxiliar a estadia na FFP<sup>4</sup>, percebemos que o processo seria muito árduo para a chegada desse valor tão pequeno. Um dia estava com uma amiga indo assistir uma palestra com o Professor/Orientador Flávio Garcia, e fiquei encantada com as apresentações dentro da Literatura, realmente um mundo que não conhecia. Fui o acompanhando e toda a sua turma de bolsistas e um dia o Professor ofereceu algumas bolsas, teriam que passar por algumas avaliações, mas o que tinha a perder e com o incentivo, resolvi participar do processo.

---

<sup>4</sup> Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Loucura minha achar que uma iniciante conseguiria uma bolsa logo no primeiro período, precisaria de um tema muito cativante, lembro dele até hoje “*O mundo Fantástico de Harry Potter*”, meu primeiro artigo, ao qual me fez ganhar minha bolsa de Iniciação Científica. Não era muito o valor de R\$250,00 mas já ajudaria. E a bolsa correspondente a de cotas abri mão, afinal iria ganhar para estudar, crescer e obter novos conhecimentos.

Para minha mãe foi um alívio, em contrapartida não era o suficiente, precisava de mais dinheiro para permanecer na UERJ, pois morava em Tribobó-SG totalmente contramão da faculdade, e não era somente isso, a passagem, comida, xerox, livros, tantas coisas que até pensei muitas vezes em desistir, afinal uma garota da comunidade estar fazendo uma Universidade Pública já não era comum, ainda mais negra e pobre, e seria dentre as duas mulheres que compuseram a minha vida a primeira a ingressar em uma Faculdade e ainda mais pública.

Achava mesmo que o preconceito seria o maior dos meus desafios, mas não fora, quase um ano e meio depois já com minha avó falecida, dona Marina teve a brilhante ideia de vendermos empadinha na faculdade para dar continuidade a graduação. Confesso que foi algo tão difícil inicialmente, por ser tímida na época, que levei 10 empadas e retornei com 9, sendo uma eu consumido. Mas não havia outra opção senão teria que trancar um grande sonho. Comecei aos poucos e até que foi dando certo.

### **A venda clandestina que deu certo**

O negócio deu tão certo que tivemos que comprar uma bolsa térmica, pois já tínhamos até encomendas. Me vi somente levando salgados, uma mochila cheia de doces e um fichário. E as 10 empadas se tornaram uma variedade de salgados com direito a reserva. Acordava às 4:30 para estudar até as 7:00 e depois fritar e assar os salgados deixados prontos crus pela minha mãe. Na época como a tecnologia não era tão avançada comprei um caderno de fiado e assim consegui permanecer para finalizar minha graduação.

## **Os novos desafios**

Depois de dois anos de faculdade o nosso Professor Orientador, nos aconselhou a pegar algumas disciplinas extra-curriculares na UERJ/MARACANÃ, outra dificuldade, mal conseguia me manter aqui em São Gonçalo, ainda mais indo para o Rio, mesmo não sendo todos os dias o trajeto seria pela manhã Rio e tarde e noite FFP. Encarei as dificuldades e fui, almoçar pão com ovo virou parte do cardápio, mas o esforço valeu a pena, o aprendizado foi surreal e a experiência não só na área educacional, mas conhecer outro espaço da Universidade e também ter que saber lidar com as adversidades de um local diferente do que estava acostumada para meu crescimento como educadora.

## **A Ong Centro De Integração Social E Cultural: Cisc – Uma Chance**

Quando comecei por volta do 8º período a ONG ao qual trabalhava me convidou para participar de um pré vestibular sem fins lucrativos, apenas para ganhar experiência em sala de aula. Claro que topei imediatamente, mas não foi tão agradável como esperava, muitos alunos perguntando e eu novata sem saber o que falar. Mas fui aprendendo e desenvolvendo.

Posso dizer que esse emprego foi um divisor de águas em minha vida. Tudo começou com uma indicação para dar aula de reforço em um local onde vendia-se quentinha. E lá descobri o CISC um centro de reabilitação para ex-presidiários. Aquele local ajudava-os retornar ao mercado de trabalho, já que a dificuldade era muito grande para esse fim. Ajudavamos também jovens do Cria do centro de SG para não chegarem ao cárcere. Aprendi muito ali e participei de várias vertentes da empresa.

Primeiro fui convidada para ser Coordenadora do pré vestibular e topei, arrumar uma equipe de professores que quisessem dar aula por um valor quase que insignificante não foi fácil. Nesse mesmo período estava terminando a faculdade e senti

que precisava de uma renda naquele lugar, então fui apresentada a Ana Sobral que veio a ser um divisor de águas em minha vida, pois ela me ensinou muito. Sempre com uma personalidade muito forte e eu uma garota tímida que queria deixar de ser professorinha. Ela era formada em Artes Plásticas e realizava várias atividades maravilhosas e coordenando um trabalho com reciclagem de papel fizemos uma Oficina de Papel e atividades com as crianças da comunidade. Montamos uma pequena biblioteca e realizávamos alguns oficinas. Trabalhamos por muitos anos juntas, indo as escolas e levando um pouco desse trabalho e a agradeço muito a ela por fazer parte da minha formação profissional.

### **A virada de chave**

No dia 09 de outubro de 2009 foi um marco em minha vida, a colação de grau e foi muito emocionante para mim e minha mãe, gosto da vitória. Estava tudo fluindo, dando aula de reforço, Coordenando um pré vestibular de bairro, trabalhando nas Oficinas, mas no dia 13 de outubro de 2009, minha mãe passou mal no ônibus e veio a falecer. Fiquei sozinha com um emprego que não rendia praticamente nada, somente nome. Me hospedei um tempo na casa de parentes, mas decidi ir morar sozinha e arcar com as despesas e assumir a minha vida. Entretanto, esqueci de um pequeno detalhe, não possuía uma boa renda, passei alguns apertos e até fome. Foi um início de 2010 muito difícil e de muitas mudanças e descobertas, me tornei verdadeiramente adulta.

No mesmo ano uma amiga me indicou à vaga de professora em uma escola particular dentro da comunidade Nova Grécia<sup>5</sup>, bairro onde moro, como não possuo normal e nem Pedagogia, dava aulas extras de Informática, Literatura e Religião. Fiquei nessa escola uns dois anos. Eu não possuía prática alguma nessa área infantil, somente o período de estágio e por isso passei alguns desafios, atividades com prazos bem curtos, capas de natal, tudo

---

<sup>5</sup> Tribobó – São Gonçalo/RJ

muito lúdico, delicado, apresentações, enfim estava bem perdida. No final do meu primeiro ano soube que daria aula para crianças a partir de um ano, entrei em pânico. Precisava sair dali. Dava aula naquela escola três vezes na semana e ganhava por dia.

O ano letivo começou e foi o caos dar aula para aquelas crianças, choravam muito e a minha didática era péssima. Para piorar, um dia estava em sala de aula e um garoto cortou a camisa de uma colega de sala para meu desespero e eu nem vi no momento, a criança era bem difícil e não obedecia regras e normas. Levei até a diretoria que me orientou a pedir desculpas a mãe da menina e comprar um outro uniforme, mas para meu espanto a mãe que fizera o verdadeiro escândalo foi a do menino que cortou e queria que eu soubesse da escola, porque não prestei atenção em uma sala de quase 25 crianças e eu sozinha, não tinha como controlar. Enfim infelizmente tive que pedir desculpas aquela mãe que achava que o ato do filho foi uma bobeira. Confesso que aquilo me deixou bem triste.

Naquele mesmo ano fiz inscrição para contrato temporário e fui chamada para assumir uma turma em uma escola no Coelho. Pedi demissão na mesma semana. Não cheguei nem a ministrar uma aula naquela nova escola, porque no meu primeiro dia a professora que estava de licença retornou naquela mesma data. Fui ao Departamento necessário para ver para onde iria, só me restava Jardim Catarina, mas a passagem não compensava, pois afinal não ganhava passagem. Já quase desistindo abriu vaga para a escola próxima a minha casa e tomei posse de todas as turmas do 6º ano até as turmas do ensino médio. Foi uma experiência maravilhosa, aprendi muito, sofri muito, porque afinal mesmo sendo moradora da comunidade, deparei-me com alunos que levavam drogas, até mesmo armas para escola, além do controle de ter que fechar em algumas ocasiões.

Trabalhava pela manhã das 7:00 às 12:00 todos os dias, mas as turmas iniciais o 6º ano eram bem difíceis, pois nunca chegavam cedo ou não apareciam por serem filhos de traficantes da comunidade ou por terem pais presos e outras mazelas pertencentes a comunidade.

No mesmo ano consegui uma vaga no Programa Mais Educação<sup>6</sup> a tarde em uma escola em Santa Bárbara.

Esse Programa foi algo que entrei sem saber o que fazer, ia duas vezes na semana e auxiliava nas dúvidas de Língua Portuguesa e no que precisasse mais. Sem exagero, foi uma das minhas maiores loucuras na área educacional. Estava trabalhando em quatro turnos e me preparando para casar no ano seguinte. E com certeza não tinha tempo para pensar, mas precisava de todas essas escolas para ter um salário legal e poder montar o casamento dos sonhos.

No ano de 2011 estava trabalhando todos os dias pela manhã no Mário Tamborindeguy no meu bairro, três vezes na semana, a tarde no Mais Educação na mesma escola, duas vezes na semana em Santa Bárbara na E.M.Rachide da Glória e a noite no CISC na ONG na coordenação e ainda tinham as oficinas que tinha que dar conta.

No final do ano de 2011 o Programa estava para acabar e não tinha a possibilidade de retorno, fiquei muito triste, pois precisava daquele emprego. No ano seguinte não fui chamada mais para Santa Bárbara e fiquei somente nos empregos próximos ao bairro. Em 14 de julho de 2012 me casei e precisava arrumar um emprego fixo.

## A surpresa

Vida nova precisava de uma estabilidade, estava fazendo uns concursos e precisava de uma história diferente e resolvi também cuidar mais do corpo. Comecei a fazer parte de um grupo de ginástica solidária perto da minha casa. Uma empresa voltada para o transporte, na época não conhecia muito bem e nem imaginária que um dia faria parte do quadro de funcionários daquela grande empresa.

---

<sup>6</sup> Criado em 2007, no governo Lula, o programa tem como foco a ampliação da jornada escolar e reorganização curricular, visando uma educação integral, com um processo pedagógico que conecta áreas do saber  cidadania, ao meio ambiente, direitos humanos, cultura, artes, saúde e educação econmica.



O nosso professor de esportes me perguntou se possuía faculdade, pois tinha aberto vaga para dar aula ali e ele lembrava que eu era professora e estava precisando. Fui correndo para casa e preparei meu currículo e no dia seguinte levei para ele que entregou, mas não dei muito crédito para ser chamada.

Um mês depois recebi o telefonema do SEST SENAT sendo chamada para realizar uma prova com o diretor na Unidade. Esperei pelo menos uns dois dias e me convocaram para a entrevista. Foi uma experiência bem diferente porque pediram para escolher um tema para dar uma aula de 10 minutos dentro da minha profissão, resolvi falar sobre cartas. Fiz um slide curto e ali desenvolvi o assunto. Nesse dia não poderia faltar emoção e meu storytelling<sup>7</sup> estava entrando em ação, pois no dia da minha entrevista, que hoje compartilho com meus alunos, não tinha uma roupa adequada para aquele dia, peguei minha melhor calça jeans, uma camiseta e coloquei um blazer por cima. Estava linda, só esqueci de um detalhe, estava fazendo um calor de 40º e eu pingando de calor e nervosismo. Na época o coordenador até comentou sobre a retirada do blazer, mas disse que me sentia bem. Uma aventura e tanto, mas consegui a vaga, mesmo com o suor escorrendo e a falta da roupa tão adequada para tal evento.

## **Quem é o SEST SENAT?**

Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte, mas conhecido como SEST SENAT, nasceu do sonho de oferecer aos trabalhadores do setor do mais saúde, qualidade de vida e desenvolvimento profissional e tem se firmado como substancial colaborador do desenvolvimento do transporte no Brasil. Atua na formação e na qualificação de profissionais para o mercado de trabalho.

---

<sup>7</sup> Storytelling é a habilidade de contar histórias utilizando recursos audiovisuais, além das palavras.

As Unidades Operacionais formam turmas com matrículas abertas para trabalhadores do transporte e a comunidade. Além disso, são disponibilizadas turmas fechadas, que são demandadas por empresas e destinadas a formações específicas, bem como palestras e ações de conscientização.

O cuidado com a saúde e com o bem-estar dos trabalhadores do transporte e dos seus dependentes também está na essência da atuação do SEST SENAT. São oferecidos atendimentos de saúde nas especialidades de odontologia, fisioterapia, nutrição e psicologia, com equipes altamente capacitadas.

A missão dela é transformar a realidade dos trabalhadores do transporte e dos seus dependentes e contribuir para elevar a competitividade dos transportadores por meio da educação profissional e da promoção da saúde e da qualidade de vida.

### **Onde Luana se encaixa nessa empresa?**

#### **A minha empresa SEST SENAT**

Foi exatamente dessa forma que fui apresentada a empresa, com toda essa linda proposta. Entrar no SEST SENAT foi e é um a experiência fantástica. Digo isso porque desde aquela apresentação sobre cartas já se passaram 11 anos sendo educadora., sendo um ano de cooperativa e 10 anos de carteira assinada. E lembram da pergunta, onde eu me encaixava? Em tudo. Se tem educação e transformação de vidas eu me encaixo.

Como falei anteriormente da entrega do currículo até o início foi bem rápido, mas para minha tristeza inicial só tinha vaga para cooperativa, ou seja, tipo uma terceirização, me chamavam quando precisavam e queriam flexibilidade nos horários. Eu? Com tempo? Logo pensei não vai dar certo, afinal já dava aula em vários lugares e queria agregar mais um.

Mas entrei sem saber do que daria aula e como seria, e sem conhecer muito bem a empresa, mas estava disposta a mais um desafio. Lembro como se fosse hoje, já com uma bagagem na área

educacional, entretanto começando em mais uma descohecida aventura.

Hoje minha segunda casa, pois já se foram quase 12 anos trabalhando lá e fazendo o que mais amo, sendo educadora. Comecei trabalhando em um projeto do Governo, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC. Nesse programa eu daria aula para cursos técnicos de Administração, Almoxarifado, Logística para jovens e adultos. Comecei a estudar porque tudo era muito novo e cativante e confesso que a matemática foi minha maior dificuldade.

Fui me adaptando ao sistema e gostando da empresa. Nesse meio tempo meu marido começou a trabalhar na mesma empresa na área de Informática e no ano de 2013 surgiu uma possibilidade de sermos efetivados. Fizemos uma prova de conhecimentos gerais e específicos e passamos e assinamos nossa carteira no dia 1 de agosto de 2013.

As coisas estavam indo bem, até que em 2016, meu esposo foi desligado pois a parte de informática havia acabado e logo depois eu tive uma trombose, ficando um mês acamada. Dois meses depois descobri que estava grávida e minha vida daria uma mudada radical. Tive que fazer o tratamento de remédios durante a gravidez, entrei na justiça para poder utilizar o Clexane injeção, que é muito caro e o SEST SENAT me deu todo o apoio necessário para meu tratamento, pois precisava sair para pegar o medicamento e ir as ultrassonografias.

Tudo correu bem e Arthur nasceu as 9:00 do dia 25 de abril de 2017, na Maternidade São Francisco. Cumpri meus 120 dias de licença maternidade e retornei a sala de aula saudosa do meu bebê, mas alegre para dar aula. Hoje eu ministro para Jovens Aprendiz<sup>8</sup> da áreas de Administração, Operador do Setor de Transporte

---

<sup>8</sup> O programa tem como objetivo a inclusão social de jovens no mercado de trabalho, visando o desenvolvimento de competências teóricas e práticas que auxiliem na preparação para o mundo do trabalho. Esse projeto beneficia tanto quem quer conquistar o primeiro emprego quanto as empresas.

Componentes Comportamentais e específicas e também ministro para o curso de Pintura, Elétrica, Mecânica, além de dar cursos livres como Oratória<sup>9</sup>, Inteligência Emocional<sup>10</sup>, Comunicação verbal e Não-Verbal, Comunicação-não Violenta<sup>11</sup>, entre outros e hoje também dou aula para os cursos técnicos de Logística e Técnico de Segurança do Trabalho, damos palestras e quando necessário damos cursos em outras empresas, faço tudo com muito amor e paixão.

Hoje não me sinto mais aquela professorinha, mas uma EDUCADORA em eterno aprendizado. Que deseja desenvolver cada dia mais. Hoje faço uma pós graduação para Autismo, pois descobri a dois anos atrás que meu pequeno Arthur, hoje com 6 anos apresenta o Trastorno espectro autista, porque além de entender e ajudar o meu filho posso também auxiliar meus alunos que sofrem com o espectro, mas também TDAH, ansiedade e mais uma vez, minha vida educacional tem tomado uma nova vertente.

Percorri um longo caminho para chegar onde estou hoje, moro ao lado do meu trabalho praticamente, tenho qualidade de vida e gosto muito de trabalhar onde estou hoje, fazendo o que amo fazer, na área que me formei, não, mas tenho uma abrangência muito maior de conhecimento e dar aula é consequência de algo muito maior, transformação de vidas, atitudes, mudanças radicais de escolhas e isso amo lidar todos os dias, ser influência para muitos jovens e adultos, através da educação.

---

<sup>9</sup> A Oratória é uma habilidade de comunicação, que envolve a realização de discursos e apresentações impactantes. Técnicas para falar em público.

<sup>10</sup> Capacidade de identificar e lidar com as emoções e sentimentos pessoais e de outros indivíduos.

<sup>11</sup> É uma abordagem que busca a resolução de conflitos por meio de diversas práticas que estimulam a compaixão e a empatia. Ela se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos mesmo em condições adversas.

Como disse inicialmente não tenho uma Jornada do Herói<sup>12</sup> tão empolgante, mas não posso negar que tenho meus encontros com mentores e estive dentro do ventre da baleia algumas vezes, além de já ter passado pela provação suprema em momentos, mas irei chegar ao meu retorno com o elixir, porque um professor, educador, nem sempre vence, mas tem suas vitórias, pois afinal não quero Parabéns dos meus alunos e sim Muito Obrigada, porque não está sendo apenas troca de conhecimento e sim mudança de vida.

## Referências

<https://www.sestsenat.org.br/home>

<https://www.interteiacomunicacao.com.br/comunicacao-com-storytelling-jornada-do-heroi>

<https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA>

<https://faveni.edu.br/Autismo>

<https://educacaointegral.org.br/glossario/mais-educacao/#:~:text=Criado%20em%202007%2C%20no%20governo,artes%2C%20sa%C3%BAde%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20econ%C3%B4mica.>

<https://www.gupy.io/blog-do-emprego/jovem-aprendiz#:~:text=O%20programa%20tem%20como%20objetivo,pri-meiro%20emprego%20quanto%20as%20empresas.>

<http://ava.pos.unifaveni.com.br>

<https://www.classapp.com.br/artigos/comunicacao-nao-violenta>

---

<sup>12</sup> É uma estrutura narrativa presente em diferentes histórias, em que uma pessoa é convocada a vivenciar novos desafios e, após provações e aprendizados, retorna para casa com uma recompensa.

## **A marca: o início de uma história**

Eliete Marcelino Dias Andrade<sup>1</sup>

“A memória é seletiva e apresenta-se como filtro.” (Bragança, 2012 p.100) Pode ser comparada a um gostoso café recém passado que somos convidadas a tomar na casa de alguém muito querido.

Memória é fragmento, é o pedaço de um todo. Como uma peça de quebra-cabeças que precisa de muitas outras peças para montar a imagem final.

Memória é coletiva: é minha, é sua, é nossa. E como as peças do quebra-cabeça, à medida que compartilhamos nossas memórias, elas vão se encontrando com as de outras pessoas e vão enfim, montando grandes imagens que se entrecruzam e mudam constantemente.

Memória é testamento - recebemos de um outro que nos antecedeu. Nossos pais, parentes, amigos mais velhos compartilham suas experiências e nós as incorporamos em nossas memórias.

Memória é trabalho - precisa ser cultivada. Como um terreno que precisa ser preparado para receber a semente, ser regado e adubado, defendido das ervas daninhas, para então poder florescer e frutificar para a colheita e o próximo cultivo.

Memória subterrânea é aquela escondida para ser esquecida. E precisa ser recuperada. Mas, às vezes, parece ser melhor deixá-la no submundo de nossos pensamentos.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - PPGedu FFP-UERJ. Professora das infâncias na Rede Municipal de Educação de Niterói (desde 2006) lotada na UMEI Regina Leite Garcia, Pesquisadora do Grupo Polifonia - UERJ/UNICAMP. Email: professoraeliete2022@gmail.com

Memória dos Vencidos é aquela silenciada pelo vencedor, muitas vezes o opressor. São memórias que contam histórias outras, suprimida por quem desejava perpetuar apenas o seu lado da mesma história.

Memória-enquadramento - escolhida por alguém para ser lembrada. Isso me evoca ao tempo em que na escola éramos obrigadas a escrever aquela redação intitulada: “Minhas-férias-ponto-pula-uma-linha”

Memória-arquivo - é aquela para ser guardada e posteriormente usada, pesquisada.

Memória viva é aquela memória para ser constantemente (co)memorada. O nascimento, o aniversário, a formatura e tantos momentos.

Memória é seletiva - escolhe-se o que se quer lembrar ou esquecer.

Memória é esquecimento - como a dor que passou... ou como a memória de tantas pessoas que foram infectadas pelo coronavírus e ficaram com a sequela do esquecimento. Um triste fim.

Memória é silêncio - !

Memória é experiência - daquilo que nos marcou.

Memória é construção constante, onde tijolo por tijolo - lembrança por lembrança, algo novo pode surgir, pode mudar, pode ser revisto, transformado. Seja no presente ou seja no futuro.

Porque memória também é projeção.<sup>2</sup>

O que você guarda na memória sobre o seu tempo de escola? Já parou para pensar que as lembranças mais lindas de nossa infância dificilmente se passam na escola? Geralmente são as recordações das brincadeiras na rua, no parque, no quintal, na casa da avó ou de alguma tia, dos amiguinhos e, muitas das vezes, os momentos em família que povoam nossa mente quando nos voltamos para a nossa infância.

---

<sup>2</sup> Texto construído para minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da FFP-UERJ e adaptado para este artigo.

Quando fiz o concurso para professora da rede municipal de Niterói, no ano de 2003, deparei-me com um tema de redação que muito apreciei:

Os homens vivem o presente, a partir da memória construída no passado e com os olhos voltados para os projetos futuros. Da memória construída no passado destacam-se mitos que permanecem como agradáveis lembranças que o tempo não consegue destruir. Um desses mitos, indelével na lembrança de muitos homens, é o da primeira professora. Com as rápidas transformações processadas nos valores que sedimentam a sociedade, com o advento de uma era marcada pelo sentimento do descartável, ainda é possível por parte dos profissionais de educação, a construção do mito da primeira professora?

O título escolhido para compor a redação foi *A marca*. Quis trazer no texto uma reflexão sobre como a primeira professora deixou a sua marca impressa em minhas memórias. Ela não tinha formação no magistério. Apenas gostava de crianças e as reunia na varanda de sua casa nas tardes de segunda à sexta-feira para ensinar-lhes o B-A-BÁ. Tia Vera talvez não saiba, mas conseguiu despertar em mim o desejo pelo desenho, quando riscava casinhas com chaminé, flores, uma árvore e o sol, para quem terminasse as atividades primeiro poder pintar. Eu devia ter uns quatro ou cinco anos nessa época. Foi no mesmo período em que a minha vó Dindinha havia falecido.

Já cheguei na Escolinha da Tia Vera conhecendo algumas letras e muitas histórias contadas pela Dindinha e por minha tia Bastianinha. Em casa, nos finais de semana, mamãe incentivava os estudos quando nos desafiava a encontrar as palavras escondidas pela casa. Enquanto separava as roupas para lavar, ela perguntava: “Onde estou lendo SA-BÃO?” E assim minhas irmãs e eu tínhamos que encontrar. Para ajudar, brincava dizendo estar quente - caso estivéssemos perto do objeto com a palavra descrita, ou frio - se estivéssemos longe. Isso despertou meu interesse pelas letras, pelo estudo. Minha mãe estudou apenas o primário e mal sabia ler e escrever, no entanto com seu encantamento, usou de ludicidade, didática e da sua sabedoria de vida para, inconscientemente,



alfabetizar suas filhas. Essas lembranças aguçaram a reflexão sobre o valor que devemos dar ao conhecimento que a criança já possui e leva consigo para onde vai, inclusive para escola. Constato a cada dia sobre a importância da profissão que exerço. E mais, como é fundamental a parceria entre família e escola. Como já dizia o mestre Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura das palavras. Com famílias envolvidas nos processos de aprendizagens de seus filhos, o trabalho da escola torna-se apenas um complemento e aprofundamento nos assuntos de sua responsabilidade.

Estudei toda minha vida em escolas públicas. Fiz graduação, uma pós-graduação e estou concluindo o mestrado em universidades públicas. Experimentei situações de *bullying* e preconceito por ser pobre, por ir para escola com sapato cuja sola estava descolada e depois por ir com o kichute do meu pai, já que tinha os pés muito grandes e os sapatos femininos que ganhava da escola ou da caridade não me cabiam. Sofri as encarnações dos colegas quando meu pai cortou curtinho meus cabelos crespos, porque eu não gostava de penteá-los, quando tive que ir para o Segundo Grau Normal de calça jeans porque não tinha dinheiro para comprar a saia de pregas e usava tênis preto nos pés, porque não tinha a sapatilha do tamanho 41, o último número era 39. A situação socioeconômica da minha família era como a da maioria das pessoas com quem convivia na época, pessoas assalariadas, de pouco estudo, desempregadas ou em subempregos. Tínhamos o necessário para sobreviver e isso bastava. Com a força que a minha mãe nos ensinou a enfrentar a vida, fui crescendo e encontrando o meu lugar ao sol. Quando os colegas riam de meu sapato de solado solto, eu corria atrás deles brincando e rindo dizendo que a boca do jacaré iria pegá-los; Quando meu pai cortou meus cabelos no estilo “joãozinho” e eles riram da minha cara, colocando apelidos pejorativos, eu ria junto e respondia que meu nome agora era Paulo e atendia quando era chamada assim; Quando gozavam do kichute do meu pai nos meus pés, eu me gabava dizendo ter sapatos de jogador de futebol. E quanto à calça jeans, tive momentos muito

felizes enquanto não podia comprar e usar aquela s.aia horrorosa, difícil de passar o ferro e que subia a cada ventinho que soprava, fazendo-me sentir como se estivesse nua

As dificuldades foram inúmeras, mas as superações são incontáveis! Ao olhar para minha trajetória de vida, percebo que tudo o que conquistei foi por causa dos estudos que insisti em fazer. Fico feliz por ter tomado decisões que assustaram a todos que me conheciam, por serem decisões ousadas demais. Troquei um emprego de carteira assinada na praça de alimentação do primeiro Shopping de Nova Iguaçu pelo cursinho de pré-vestibular para negros e carentes, pré vestibular solidário e projetos de alfabetização para jovens e adultos; Troquei um emprego na escola dos meus sonhos por concluir minha faculdade com dignidade e maestria, não permitindo que ideais capitalistas e consumistas influenciassem as minhas escolhas. Pensei comigo: sobrevivi até aqui sem um tostão furado no bolso, posso continuar mais um tempinho assim. Valeu a pena!

Ao decidir fazer a prova do concurso para a terra das “Águas Escondidas”, tive o apoio financeiro da querida professora Heloísa Villela que pagou minha inscrição. Fui aprendendo com ela, minha orientadora de monitoria, a ser uma profissional capaz de olhar a necessidade de seus alunos e fazer o possível para mudar a situação em que vivem. Com a prof. Léa Calvão mostrou que mais importante que estar em sala de aula era *ser* presença participativa e comprometida com as escolhas feitas para o estudo. A prof. Lygia Segalla, minha querida orientadora na graduação, foi a primeira a mostrar-me que a escrita deve ter a minha cara, numa perspectiva narrativa que no início dos anos 2000 ainda estava muito tímida. Ela mostrou que o texto acadêmico escrito em terceira pessoa não carregava em si a energia e o poder de tocar profundamente aquele que o lê. Ensinou-me que as memórias compartilhadas podem se tornar cúmplices na construção de ligamentos entre um fio de lembranças de infâncias de uma professora universitária e um fio da aluna de graduação. Mesmas histórias contadas com versões diferentes: nossas avós contavam uma história cuja formiguinha

que havia perdido o seu anel de cera e saído pelos vários mundos existentes à procura do mesmo. Na versão eurocêntrica da avó da professora, o anel é recuperado quando a formiguinha chega no mundo frio, onde a neve escondia o objeto. Final feliz porque a formiguinha recupera seu anel. Já na minha versão, o sol havia derretido o anelzinho de cera e a formiguinha morre, depois que o vento forte a derruba contra a parede e fim. Final trágico para a neta de pessoas escravizadas, moradora da baixada fluminense, estudante bolsista da graduação da UFF.

Dois meses antes da formatura, fui convocada para trabalhar numa escola da zona norte de Niterói. Iniciei a regência numa turma de bebês de apenas um ano e onze meses. O GREI 1 de 2006 era composto por doze bebês. Na sala eu contava com duas auxiliares que faziam a tarefa de agentes educadoras - função extinta na rede municipal. Foram elas que ensinaram esta professora aqui a trocar as fraldas, dar banhos, colocar para dormir, cantar canções diversas para acalmar os pequenos quando choravam demais. Não fazia ideia do quê ensinar a um bebê dentro de uma escola. Voltei para a Universidade, conversei com a prof. Angela Borba, da cadeira de Educação Infantil, compartilhando meu desespero e ignorância sobre o assunto: “como educar bebês”. Estava com uma barriga de cinco meses e as parceiras cuidavam muito bem de mim e da turminha. Morava em Nova Iguaçu e o salário inicial de quinhentos e cinquenta reais que recebia, pagava em passagens de ônibus, já o que a prefeitura pagava de passagem, servia para sustentar minhas poucas necessidades. Para quem não tinha nada, receber cento e vinte reais era muito. Decidi viver esse disparate financeiro porque acreditava que minha vida iria mudar. E mudou! Cheguei a ser a única provedora da minha família, quando meu esposo desempregado buscava concluir a faculdade de Pedagogia. Já não morava mais em Nova Iguaçu, mudei-me para a cidade onde trabalhava porque havia acabado de parir o meu primeiro filho e não estava disposta a passar todo sacrifício nos transportes públicos com um bebê no colo. Entrei de licença maternidade depois de três meses de posse.

Depois de gozar os oito meses de licença, retornei ao trabalho numa turma de três anos. Fui aprendendo a fazer fazendo. Entre pânticos e desesperos, sem saber muito bem o que propor de atividades para mais um grupo de bebês, passei a observar o que as crianças mais gostavam, o que mais falavam, o que mais desejavam e aos poucos conseguindo aprender com elas quais as suas necessidades de aprendizados. Algo que muito ajudou neste processo de ampliação de conhecimento foram as formações oferecidas pela Fundação Municipal de Educação. Mensalmente aconteciam cursos e capacitações sobre diversos assuntos com profissionais vindos da Sede. E durante um dia inteiro estudávamos e conversávamos sobre nossos fazeres e saberes docentes. Feliz de quem soube aproveitar esses momentos e melhorar suas ações com as crianças em sala.

Sempre gostei de registrar em cadernos apontamentos sobre o dia, informações relevantes levantadas no cotidiano e principalmente ideias de propostas de trabalhos e projetos e as falas das crianças. Percebo que conforme os anos foram passando fui desenvolvendo a habilidade de pensar sobre as práticas exercidas em minhas turmas além de muitas dúvidas, muitas ideias, comentários e inquietações a respeito do comportamento das crianças, de suas descobertas, de suas dúvidas e suas habilidades. A experiência de trabalhar na Educação Infantil nesta rede municipal dentro desses dezessete anos, levou-me a aprimorar esse ato de escrever e pensar sobre o que estava fazendo no cotidiano escolar passou a ser um movimento constante, apesar de não ser tão disciplinado. Escrevendo minha dissertação, pensando sobre esses escritos, compreendi sobre sua importância e, principalmente, me dei conta de que as mesmas inquietações que eu vivia, outras pessoas em diversas escolas espalhadas por todo o Brasil. Descobrir que sentimentos diversos e desconfortos frequentes eram experienciados não apenas por mim foi de certa maneira um alívio. Houve momentos em que parecia um estranho no ninho. Meu olhar percebia coisas que à muitos outros olhares era indiferente. Conheci e convivi com pessoas com quem aprendi

sobre como não trabalhar. A minha maior preocupação era, e ainda é, sempre melhorar a cada dia, procurando ver e valorizar outras experiências aprendendo a cada dia e compartilhando o que sei.

“O profissional que atribui importância no seu trabalho, obviamente verá o seu trabalho, a sua atitude como mestre, como uma importante marca na vida de seus educandos. Para isso seria necessário acompanhar as mudanças desse mundo globalizado, valorizar e utilizar o seu capital cultural e social, adequando os conhecimentos adquiridos aos conteúdos pedagógicos a serem abordados em sala de aula, registrar e refletir a sua prática docente e interagindo com a sua turma. Podendo tornar-se uma valiosa fonte de inspiração para os mesmos. Ou para aqueles que ouvirem falar de seus feitos.” (Coleção pessoal - trecho da redação 2003)

Ao recuperar o rascunho da redação entregue no concurso para professora I do município de Niterói em 2003, pude refletir sobre o caminho percorrido desde que assinei os documentos da posse até os dias de hoje. Que tipo de professora tenho sido? Que profissional tenho me tornado ao longo desses anos? Será que tenho conseguido enfrentar os desafios diários e aprendido com os erros que presencio ou que cometo no cotidiano? Será que as atitudes escolhidas tem se tornado marcas positivas na vida das crianças e suas famílias? Será que tenho ouvido atentamente as necessidades dos pequenos e buscado auxílio para que possam ter uma vida melhor? Tenho olhado as crianças como pessoas humanas repletas de conhecimentos e dúvidas assim como eu, ou tenho me fechado em minha vasta experiência escolar/acadêmica e lidado com cada uma como se fossem tábulas rasas, prontas a adquirir conhecimentos que somente os adultos letrados são capazes de oferecer? Dentro dos quase vinte anos de magistério que possuo nesta rede, só tenho certeza de uma coisa: Estou neste mundo de passagem e, com toda certeza, preciso aproveitar para aprender o máximo possível com tudo e com todos que tenho contato, compartilhar o que aprendi e melhorar constantemente.

Dentro da Unidade Municipal de Educação Infantil que trabalho atualmente, encontrei pessoas com quem aprendi a importância do amor próprio e do afeto compartilhado. Aprendi a

gostar de cronometrar o tempo das atividades propostas a fim de aproveitar o tempo disposto com diferentes aprendizados. Aprendi que parceria é cuidado mútuo, não é cuidar só das crianças, mas dos adultos com quem trabalhamos também. Aprendi a não confiar as minhas mazelas a qualquer pessoa. Aprendi que as pessoas são diferentes. Aprendi que nem todas as pessoas tem as mesmas pretensões na vida. Aprendi que estudar pode ser muito mais que adquirir conhecimentos. Aprendi que, como numa família, por mais que haja discordâncias, o respeito mútuo deve prevalecer. Aprendi a me impor enquanto um ser humano em construção, capaz de mudar sempre que necessário, a medida que aprende. Tenho aprendido sobre tudo que descrevi neste texto. E continuarei aprendendo, pois esta é uma condição humana: aprender. As marcas em nossas vidas podem ter profundas ou superficiais, o que mais vai importar será a história que cada marca carregará em si. Que sejamos capazes de deixar mais marcas positivas nas memórias de quem passa por nossas existências.



## Algumas memórias de uma professora de bebês

Natalia Ribeiro da Silva Barros<sup>1</sup>

Duas palavras-chave para qualquer processo de documentação são memória e identidade. Se não temos memória de onde estivemos, do que fizemos e de qual é a nossa história, não teremos uma identidade definida.

Andrea Rauch (2005, p. 52)

Meu nome é Natalia, sou professora de bebês. Retornei para o mundo da Educação em 2015, e desde então componho a docência da Fundação Municipal de Educação de Niterói, durante oito anos atuando na UMEI Rosalda Paim e no corrente ano na UMEI Paulo Cesar de Almeida Pimentel. Esse é o meu nono ano nesta rede, dos quais 8 vem sendo dedicados aos bebês. Quando me vi de volta à Educação, depois de 12 anos longe, estava caindo de para quedas na UMEI Rosalda Paim. Eu olhava todo aquele cenário e achava tudo tão diferente, minha atuação com crianças, a mais de uma década atrás, foi em outro contexto: em uma escola privada, em um bairro pequeno, com proposta mais conservadora, que embora tivesse uma gestão muito disposta a receber novas idéias, tinha também um sólido e respeitado contexto histórico de ensino/aprendizado que era bem visto pelas famílias que matriculavam seus filhos lá, e portanto era cartão de visita da escola. Isso é o que era esperado pelo público alvo, e a escola fazia isso muito bem, sendo referência na região. Atuei lá 5 anos, todos na Educação Infantil e sempre com certa necessidade de ter na brincadeira o fio da meada para minha prática pedagógica. Lembro

---

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2012) – Professora da Fundação Municipal de Educação de Niterói – barros.nataliaribeiro@hotmail.com



com muito carinho e gratidão de uma das diretoras sempre acolhendo e até curtindo algumas propostas que eu, adolescente, ainda no curso normal, levava. Embora aquelas propostas nem sempre combinassem com o contexto, aquela diretora me incentivava a seguir, sentia que ela confiava na prática que estava sendo desenvolvida ali, ela percebia e apreciava o envolvimento entre todos da turma – adultos e crianças, e aquilo me encorajava a continuar. Por exemplo, as professoras tinham como incumbência a preparação de murais, e todas faziam. Em algum momento, me senti provocada a fazer murais com minhas crianças. Elas não tinham a precisão e a habilidade que as professoras imprimiam em seus murais, mais ao meu ver eles ficavam tão reais quando feito com a participação das crianças, que se sentiam pertencentes ao espaço desde o corredor de entrada para a sala de convivência, na ocasião chamada de sala de aulas. No dia de colocar o mural feito com as crianças, lembro de ter sentido medo, mas ao mesmo tempo certeza que era o mais verdadeiro mural que eu já tinha visto naquele corredor. *“Aprendendo que uma tarefa pode ter várias soluções, adquirimos força e coragem.” (Fazer e pensar arte, pag 9).* Para a minha surpresa, essa diretora amou! Sorriu com o semblante, com os olhos. Nossa! Como aquela reação dela me encorajou. Eu sentia que estava indo pelo caminho certo. Nunca vou esquecer do encorajamento recebido daquela, que certamente contribuiu para a constituição de minha identidade como professora. Eu precisava me sentir segura, já que insegurança e medo não faltavam naquela adolescente iniciante na Educação. Aliás, acho que não faltam em professores que pensam a sua prática e sempre sentem o desejo e até a necessidade de ser melhor na lida com as crianças.

Também nunca esquecerei aquelas crianças, a primeira turma. Era tudo tão novo para mim, e elas, maravilhosas, sempre me acolheram! Seus sorrisos, seus olhares, suas reações sempre me indicavam o caminho. Uma criança, em especial, me marcou tanto! Ele estava em vias de completar 2 anos. Era o mais novinho na turma, que era de crianças entre 3 e 4 anos. Chegou um pouco depois do início do ano letivo e me apresentou algumas novidades.

As crianças que estavam desde o início do ano letivo na turma eram um pouquinho maiores, nem faziam mais uso de fraldas, chupetas e nem levavam mais mamadeira para o lanche, mas Daniel sim. Ele inclusive me ensinou a preparar a mamadeira dele e a trocar a sua fraldinha.<sup>2</sup> Eu, já perdiddinha, vivendo minha primeira experiência educacional enquanto docente, tentando me achar em meio aquela realidade, tudo parecia tão distante do que eu ouvia, lia e aprendia no curso normal... Nada do que eu tinha lido, ouvido ou estudado naquele momento respondia questionamentos que eu tinha sobre a realidade do que eu estava vivendo. E se uma criança caísse? Se machucasse? Não gostasse de mim? Como me aproximar delas? Como ser alguém especial para elas? Como mostrar para elas o quanto estavam sendo especiais para mim? Elas mereciam saber! Eu queria que elas soubessem! Eram tantas dúvidas! Eu queria fazer direito, afinal era a primeira vez que eu lidava laborativamente com vidas que de alguma forma dependiam de mim, contavam comigo, não só as crianças, mas também as suas famílias, que naquele momento estavam confiando a mim seus bens mais sagrados... Além de tudo isso, aquele ainda era o meu primeiro emprego com chances de ter uma assinatura na carteira de trabalho, naquele momento isso era tão importante para mim... Eu estava em uma sala “de aula” com tanta criança pequena... ainda nem sabia como ser boa o bastante para elas, e de repente chega também um bebê. Lembro que era muito bem visto ter uma

---

<sup>2</sup> Não é um exagero e nem uma forma de dizer, ele realmente me ensinou a preparar seu lanche e a trocar sua fralda. E sem eu pedir ou perguntar nada. Ao abrir sua lancheira e me deparar com uma mamadeira cheia de água e um potinho com pó, eu devo ter feito cara de muito desespero. Ele veio pertinho de mim e disse do jeitinho dele: *“Moça, abre a dedêla, bota esse (o potinho com pó) na dedêla e mexe, mexe, mexe.”* Depois de eu ter feito conforme sua instrução, ele me disse *“Isso moça, agora dá pra neném”*. Na hora da fralda não foi diferente, ele me dizia: *“pomada, moça. Pomada”*. As interações acontecem quando estamos abertas à elas. Óbvio que dada a idade de Daniel, as palavras não foram ditas com tanta clareza, “moça” era “mocha”, “pomada” era “pumada” e etc. Mas com abertura à interação, a comunicação acontece. As crianças devem ser ouvidas! Elas tem MUITO a dizer! Precisamos confiar nelas!

sala de aula “controlada”, todos sentadinhos, pelo menos uma atividade por dia em aula e outra para casa, cadernos em ordem e etc. Eu não conseguia... minha sala era a mais barulhenta. Muitas vezes eu não conseguia ajeitar os cabelinhos antes de ir embora, nem secar o suor... As vezes eu não conseguia tirar pelo menos o excesso de areia do cabelo deles. Sim, a gente brincava muito no pátio de areia que tinha em frente a sala. Aliás, tinha dia que esse pátio era o nosso caderno e ali a gente desenhava, escrevia... e aquilo pegava muito mal, porque as vezes a brincadeira se estendia e a gente não dava conta, por exemplo, de fazer a atividade que estava planejada para o dia e que eu chegava mais cedo na escola para mimeografar, colocar o nome de cada criança e já recortar a margem para deixar prontinha para as crianças “fazerem” e eu só dar o visto e colar no caderno.

Nesses dias em que não dava tempo de cumprir algo levado tão a sério, como o caderno, eu saía da escola me sentindo tão incapaz, tão insuficiente, pensando que se todos conseguiam dar conta de um caderno, por que eu não conseguia? Mas na mesma proporção eu também me sentia muito feliz. Na caminhada de volta para a casa eu vinha conversando com minha querida tia que trabalhava na mesma escola e que inclusive tinha me indicado para a vaga. Lembro que mesmo envergonhada eu desabafava dizendo, por exemplo, não ter dado conta do caderno, ou dos cabelos, ou do silêncio, ou de mantê-los sentadinhos em suas cadeiras, ou de não trocarem o lanche experimentando um pouquinho do coleguinha e etc. Mas ao mesmo tempo eu dizia, que tinha sido tão legal a forma como eles estavam conversando, combinando coisas do tipo “eu te dou um pouquinho do meu biscoito e você me dá um pedacinho do seu bolo?”, “mas você pegou um pedaço grandão e eu só peguei pequenininho, agora eu quero outro pedaço” aquilo, por exemplo, era socialização, era associação, era comparação, era matemática! Era construção de conhecimento acontecendo através da interação entre eles. Eram dicas de um terreno fértil para investimentos pedagógicos de brincadeiras que potencializassem aquele assunto. E lá ia eu modificando tudo o que estava planejado no caderno para

seguir as demandas das crianças com propostas de jogos, brincadeiras com elementos improvisados, sempre pensando em não perder o momento, em não deixar passar despercebido o interesse demonstrado pelas crianças. Eu ficava feliz ao ver desenvolvimento acontecendo de fato! Não era uma representação no papel, mas era real! Minha consciência me fazia sentir orgulho daquela tarde vivida com as crianças! Em contrapartida a minha responsabilidade enquanto professora naquele espaço, comprometida com a proposta desenvolvida na escola, proposta essa que conquistava e alimentava a confiança das famílias que matriculavam as crianças ali e conseqüentemente mantinham a escola de pé representando o pilar econômico e financeiro dela, e também as conversas com minha tia que me dizia “mas você tem que dar conta”, “eles estão muito bagunceiros”, “lá de cima eu escuto o barulho da sua sala”, “ano que vem ou vou pegar essa turma e coloco ela no eixo”, “você está ensinando o que para essas crianças?”, “ano que vem elas vão ser alfabetizadas, tem que aprender pelo menos o nome todo, as letras, os números e algumas sílabas esse ano”. Aí minha cabeça dava um nó! Eu sabia que elas estavam aprendendo, mas eu não tinha como provar, por repetidas vezes o caderno estava atrasado, a pilha de atividades mimeografadas só crescia em cima da minha mesa e eu sempre me fazia a promessa que no dia seguinte eu daria atividades em dobro para compensar e cumprir as atividades planejadas, que já haviam sido aprovadas pela direção, então eu tinha que dar conta. Com que cara eu ia dizer que não consegui?

Entendo que *“missão dada é missão cumprida”*, então eu me esforçava e cumpria. Mas dentro de mim, não conseguia aceitar o fato de precisar deixar uma folha de planejamento feito com semanas de antecedência conduzir uma tarde com crianças tão pequenas, curiosas, interativas, dinâmicas, vivas! Eu sabia que não concordava, mas não sabia argumentar, não sabia embasar o que pensava, o que sentia. Não se tratava de um desrespeito ao planejamento. Eu reconheço e concordo com sua grande importância, só que tem que ter sentido, e para ter sentido precisa seguir o interesse da criança,

então deve ser flexível. Tratava-se de intencionalidade! Que era seguida nas flexibilizações que iam acontecendo dinamicamente no planejamento. Mas eu não sabia explicar isso. E acabava pensando que estava errada e me sentindo incompetente.

Lembro que em um dos dias em que eu estava me sentindo tão longe do que era esperado de mim... Naquele pátio, o de areia que ficava em frente a sala, uma criança cavando encontrou algumas pedrinhas, juntou todas em um dos baldinhos de praia que a gente levava para o pátio veio euforicamente e super sorridente me mostrar *“Tia, tia, olha, eu achei 8 pedrinhas!”* enquanto outra criança chamada Rafella achou um gongolo no muro, pegou com uma das pazinhas e veio correndo e dizendo, *“olha gente, eu achei um O maiúsculo”*. Eu olhei para tia Iza tentando me controlar para não chorar, mas quando eu olhei para ela com aqueles lindos e carinhosos olhos brilhando, eu não me contive. Eu confiava nela, eu podia chorar perto dela, ela sempre me entendia, inclusive se tornou uma grande amiga da vida. Naquele momento talvez ela não tenha entendido, mas não me negou seus ouvidos e nem seu abraço quando eu precisava compartilhar e até comemorar aquela confirmação. Sim! Eles estavam construindo aprendizado, inclusive sobre letras e números! E era brincando! E era com alegria, com espontaneidade, era real!

Provindo de áreas inconscientes do nosso ser, ou talvez pré-conscientes, as associações compõem a essência de nosso mundo imaginativo. São correspondências, conjeturas evocadas à base de semelhanças, ressonâncias íntimas em cada um de nós com experiências anteriores e com todo um sentimento de vida. (Fayga Ostrower, p. 20)

Quem me conhece sabe o quanto eu tenho medo de insetos rastejantes, mas naquele momento minha reação foi só me alegrar. Acredito que pela primeira vez naqueles 17 anos de vida eu me alegrei ao ver um inseto rastejante. Mas não era um inseto qualquer, era uma associação! Era um gongolo que se enrolou fazendo para a Rafaella ser uma letra O maiúscula. O Jean logo veio discordar, todo suadinho, parecendo ter tomado um banho de areia

e cheio de convicção ele dizia “*Não, não, não! Só é O maiúsculo quando ta enrolado, mas se esticar vira I maiúsculo, só que de máquina, ou então L minúsculo*”. Eu e tia Iza abraçadas e dando altas risadas, apreciávamos aquelas verdadeiras demonstrações de construção de conhecimento. Que alegria! Tia Iza sempre foi uma querida, um verdadeiro encontro de almas. Ela nunca brigou comigo, as vezes usava um tom de brincadeira, outras vezes de um leve “puxão de orelha”, mas sempre com compreensão, ao comentar que minha sala era sempre a mais bagunçada da escola e que bem que eu podia controlar melhor as crianças para não sujar tanto. Minha tia Nete também não brigava comigo, ela apenas me orientava a dar conta, ela queria meu bem e desejava que eu atendesse as demandas, até para não ser demitida. Sim, os pares que a gente encontra nas trajetórias são de suma importância na nossa constituição tanto profissional quanto pessoal.

Devido a dinamicidade da vida, saí da escola. Fui trabalhar em outra área, em outra cidade e com a mudança de área de atuação, acabei não dedicando tempo para entender, e embasar os pensamentos... Eis que a tal dinamicidade da vida, depois de mais de uma década, me traz de volta ao ambiente educacional, mas dessa vez num contexto totalmente diferente. Agora escuto a pedagoga dizer: “*Vamos pirar! Vamos pensar fora da caixinha*”. Foi inevitável o nó na cabeça! Precisei de uns dias para digerir que aquilo estava acontecendo de verdade e que eu não estava ficando louca. E durante o início eu apenas ouvia, e ouvia, e via... Via sentido no que eu ouvia, mas agora eu já não sabia fazer. Eu tinha medo. Medo de não ter uma sala de aula controlada, medo que não “aprendessem”, medo que se machucassem...

Por sorte, ou alinhamento de astros, sei lá... Também encontrei naquele espaço pessoas que me acolheram, que acolheram a minha filha que estava matriculada na mesma UMEI. Nunca esquecerei aquelas pessoas que se tornaram amigas para a vida! Elas foram ombro, foram colo, foram luz que iluminavam o caminho. Algumas me faziam pensar que gostaria de ser como elas um dia, outras me faziam perceber que cada uma é especial como é e exerce a

importância que está destinada a exercer. Na véspera de eu conhecer as crianças, a diretora adjunta, talvez por perceber meu semblante desesperado, me disse *“Fica calma! As crianças geralmente nos acolhem muito bem, muitas vezes até melhor que adultos!”* Ah! Disso eu não tinha dúvida, mas mesmo assim foi tão bom ouvir! Fez a “ficha cair” e eu perceber que a partir do dia seguinte eu passaria uma fatia dos meus dias novamente com crianças. Dessa vez seria uma fatia ainda mais farta de tempo, já que a UMEI em questão atende em horário integral e em sistema de bi-docência, o que me oportunizou ter como parceira de trabalho uma pessoa incrível, que também veio a ser amiga da vida! Nos comunicávamos até através de olhares, e mesmo por trás dos óculos ela me fazia “saber” se o que eu estava fazendo era “certo” ou “errado”. Num (re)começo com tantas novidades, ela me ajudava a sentir segurança nas ações, bem como outras professoras queridas que tanto me acolheram, me ajudaram e me apoiaram, pelas quais sinto imensa gratidão. Sei que elas sabem disso!

Poderia continuar lembrando tantos episódios também marcantes dessas primeiras experiências com crianças pequenas... Mas vou parando por aqui de falar sobre as recordações propriamente ditas e me voltar para as reflexões que delas derivam. São tantas, mas neste espaço vou me deter a uma: Nós, Professores, nos constituímos também na prática! Nem todas as respostas estão nas aulas ou leituras, é preciso sentir, e viver e se entregar de coração aberto às vivências.

Um grande processo de reconstrução foi e ainda é vivido. Acho até que sempre será. Afinal, como diz o querido Manoel de Barros, *“A maior riqueza do homem é a sua incompletude”*. Sobre as dúvidas? Muitas ainda existem. Como supracitado, *“nada do que eu tinha lido, ouvido ou estudado respondiam alguns questionamentos que eu tinha sobre a realidade do que eu estava vivendo”*. Eu não tinha idéia do que fazer em caso de queda, de engasgo, de troca de lanche... Naqueles momentos de *“frigor dos ovos”*, onde encontrar respostas?

Me pego pensando que as dúvidas eram tão parecidas embora os contextos fossem diferentes. Na verdade o que eu queria mesmo é que alguém chegasse na minha frente e me dissesse o que fazer se uma criança mordesse minha barriga, porque aquilo tinha acontecido, minha blusa estava com os buraquinhos em formato de mini arcada dentária, na minha barriga tinha sangue e eu simplesmente não sabia o que fazer. Apenas sentia. Sentia que devia abraçá-lo, e abraçava! Sentia que precisava ajudá-lo a sentir aquela emoção, aos poucos ir estabilizando e ao estabilizar, olhar no olho dele e dizer que tem formas de viver emoção sem causar dor em outras pessoas. Sentia, fazia, mas não sabia ao certo se era aquilo mesmo que eu deveria ter feito. O certo não seria ter repreendido? E se ele achar que está certo pelo abraço em vez da repreensão e fizer isso outras vezes? Eu baseava meu fazer pedagógico no que sentia, mas não sabia explicar nem para mim mesma se estava correta aquela postura. Me faltava formação, tanto em relação à teoria quanto em relação às experiências vividas. E quando uma criança de 4 anos até então sem demonstrar nenhuma familiarização com letras chega com uma latinha de refrigerante com seu nome e diz: *“Olha tia, esse é tão bom. Aqui tem seu nome. Eu vou fazer seu nome”* e a partir daí começa a se interessar subitamente por letras, começando pelas no meu nome. Como tratar? Estimular? Potencializar? Como saber o limite para não “forçar a barra”, e se “forçar a barra” e ela desanimar e perder o interesse? Nada daquilo estava planejado, então não tinha um caderno aprovado pela pedagoga para recorrer e ler o que fazer. É um acontecimento relevante, não dá simplesmente deixar passar, perguntar a alguém mais experiente e deixar para reagir no outro dia. Não reagir também é uma mensagem! E talvez a criança entenda como um descaso à sua descoberta e interesse. Em meio as dúvidas, o pensamento é que é muito mais que elogiar, agradecer ou dizer que achou bonitinho. É um marco muito grande em um processo de apropriação que precisa ser tratado com a importância que merece, sem desmerecer o afeto, que foi o estopim nesse interesse, nessa entrega. E seguimos brincando com aquele e com outros nomes em momentos diversos daquele e de outros dias. Foi bom! Mas processos formativos teriam gerado mais



segurança em mim sobre como proceder. Mais segura, eu provavelmente olharia no olho dela de forma mais direta, quem sabe transmitiria mais segurança e encorajamento, o que teria tornado a experiência mais prazerosa e mais fluida para mim, para ela e até para o grupo. Afinal, as emoções contagiam!

Os detalhes são tão importantes! Eles podem enriquecer ou empobrecer as vivências! Ainda nessa segunda experiência com crianças pequenas, não raramente eu me pegava em pensamentos do tipo: ah se eu tivesse ouvido, visto, vivido detalhes nas aulas, nas práticas de estágio... Pelo menos eu não estaria tão “crua” em relação aos detalhes, que para mim sempre tiveram posição de importância. Mas na caminhada a gente vai se formando, se afirmando, se reinventando e refletindo sempre sobre o que Madalena Freire traz sobre o processo formativo também acontecer nas vivências.

As vivências vão acontecendo e eu vou pensando que nem todas as respostas vão ser ditas por alguém! O professor precisa sentir! O professor precisa permitir-se sentir. Ele precisa compreender para sentir com a responsabilidade pedagógica que lhe cabe. Nem todas as respostas estarão escritas nas literaturas ou terão sido vividas em práticas de estágio. Nem todas as respostas estão prontas! E nem estarão, devido a dinamicidade das vivências. Quanto mais vou me aproximando e assim me apropriando desse entendimento, mais vou me sentindo instigada a debruçar em situações formativas. Pois quanto mais nos embebedamos de formação, mais ressignificamos nosso olhar, nosso entendimento e nossa postura pedagógica diante das crianças, e assim honramos a confiança que a criança tem em nós, de vivermos com elas momentos tão únicos, tão inaugurais, tão especiais e importantes nos processos formativos, tanto da criança quanto do adulto. *“A criança tem aquela idade naquele momento. Depois ela cresce e acaba perdendo a chance de ter tido um professor que pensasse sobre isso” (Abertura – GT07 – ANPED2019)*

Trata-se de uma questão de identidade e de formação. Quanto mais nos identificamos com uma causa, mais nos dedicamos a compreendê-la. Mais nos dispomos a construir, desconstruir, reconstruir entendimentos sobre ela e assim vamos nos constituindo,

nesse caso, professores. Sim! No gerúndio mesmo. Não dá para pensar que depois da formatura estaremos prontos, porque ali estamos apenas iniciados, e são as vivências e as constantes formações que vão nos constituindo. Somos continuamente formados com as crianças que nos dão a honra de viver com elas momentos tão significativos de recíproca formação. *“Formar importa em transformar (...). Ao fazer (...) a fim de configurar uma matéria, o próprio ser se configura.”* (Fayga Ostrower, p. 51)

Ao buscar na memória os processos formativos para essa partilha, vários referentes ao âmbito acadêmico me vieram a mente. Mas me senti tocada a compartilhar essa simples reflexão sobre a formação que se dá no chão da escola, que é diária, que nos constitui e que é de suma importância.

Banho, fralda, brincadeiras, espaços, combinados... Tanta coisa. Tudo tão interligado! Várias coisas unidas formando as integralidades das crianças e formando continuamente os docentes! Tantos únicos processos, todos tão ricos! Lindamente complexos e dignos de observação, registro, avaliação, planejamento e reflexão para que sejam vividos com o máximo de fluidez possível, colaborando positivamente para o desenvolvimento de todos os envolvidos. O dia a dia é intenso mesmo, não dá para fazer tudo o que queremos, nem da forma que queremos. Façamos então da melhor forma possível o que é possível.

## Referências

Holm, Anna Marie. Fazer e Pensar Arte – Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. Registros na Educação Infantil: Pesquisa e Prática Pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2018.

Ostrower, Fayga. Criatividade e processos de criação, 30. ed. – Petrópolis: Vozes, 2014.



## Para saber quem sou, me contarei

Viviane Lontra<sup>3</sup>

Certa vez, li um conto de uma poeta sobre o costume de uma aldeia no momento do nascimento de uma criança. Os adultos e sábios se reuniam e entravam em uma espécie de transe, entoando melopeias e canções até acharem uma música especial, uma espécie de impressão digital auditiva, pessoal e exclusiva para cada recém-nascido:

A partir dali a comunidade canta aquela música à criança em todas as ocasiões importantes da sua vida [...]. E quando, passando progressivamente a adolescente, jovem e adulta, a pessoa se sentir desorientada, sofrer os males da vida, ou ferir com seu comportamento as leis da comunidade, cantarão para ela sua música, a fim de que, ouvindo-a, se lembre de quem é, se respeite, e recupere seu eixo. [...] Pois os outros, os outros todos são garantes daquela identidade. Se eu me perder, se em algum momento não mais souber quem sou, eles me contarão ou me cantarão. (COLASANTI, 2006, p. 9).

Recordo o impacto que essa história me causou, tendo em vista que a ideia de uma identidade convocada pelo outro possibilita rememorar o lugar de onde somos: “[...] porque tenho uma música de fato existo, e pertencço à minha tribo” (COLASANTI, 2006, p. 10).

Ao longo de mais de duas décadas de docência tenho ouvido as inúmeras vozes que “me cantam” e me convocam, rememorando quem sou e estou sendo. Vozes que ensinam, instigam, provocam, questionam, acalentam, confortam, desabrocham e ecoam em mim, permitindo-me um mergulho interior entendendo a necessidade de “me contar”, dando forma às experiências e aprendizagens construídas ao longo da minha vida.

---

<sup>3</sup> Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Educação pelo PPGC/UFRJ. Contato: vivilontra@gmail.com

No contexto de um e-book sobre trajetórias docentes, evoco histórias que rememoro com carinho, repletas de mim e do outro e que possibilitam a construção de conhecimentos nas experiências de vida e docência que são, sobretudo, formadoras.

### **O outro que eu conto, também me conta**

Leonor Alves Lontra: esse era o nome de minha avó, uma mulher forte e guerreira que aprendeu a ser professora na primeira metade do século XX em um contexto patriarcal e conservador. Não teve formação específica para a docência, o que não era incomum naquela época e não tinha remuneração. Ela morava no interior da cidade de Campos dos Goytacazes, (região norte-fluminense do estado do Rio de Janeiro), numa casa em uma Usina de Açúcar e deu aulas na casa do pai para os trabalhadores daquele lugar, depois continuou o ofício com filhos dos familiares e amigos.

Quando nasci, ela não dava mais aulas, mas as recordações daquele momento da sua vida transbordavam em inúmeras histórias que ela não cansava de contar. E eu, não cansava de ouvir. Gostava de saber das sabatinas<sup>4</sup>... ela dizia que todos tinham que saber a tabuada, as capitais brasileiras e responder sem demora. Ela tentava fazer isso comigo e com minhas irmãs e era engraçado ver sua postura ao nos “sabatinar”, o que sempre acabava em gargalhadas e em lembranças saudosas: “na minha época, as crianças sabiam na ponta da língua...”, a “caligrafia era de dar gosto...”, “eu começava e eles terminavam as frases...” e eu ficava imaginando como era minha avó-professora.

Provavelmente sua forma de ensinar trazia as marcas de um ensino tradicional, enciclopédico, que perdurou por longos anos (e talvez perdure até hoje), que concebe o professor como transmissor de conhecimentos em um contexto no qual a disciplina, a memorização, a repetição e a caligrafia são muito valorizadas.

---

<sup>4</sup> As sabatinas geralmente eram feitas aos sábados, uma espécie de arguição da matéria dada durante a semana, uma recapitulação de lições.

Como minha avó não teve formação específica, possivelmente a sua identidade docente teve como modelo seus primeiros mestres, seus comportamentos, valores e atitudes.

Naquela época, a docência ainda era considerada uma “missão”, exercida por aqueles que tinham “vocação”. Era também uma das poucas possibilidades de a mulher ingressar no mercado de trabalho, e talvez por trazer a memória desse tempo, ela constantemente repetia que toda menina devia formar-se professora para garantir uma profissão, dica seguida pelas sobrinhas, a filha e a neta.

As sobrinhas se formaram no Curso Normal e se tornaram professoras concursadas na cidade de Campos dos Goytacazes. Minha mãe cresceu na cidade de Niterói e, na segunda metade do século XX, formou-se professora no Curso Normal em um Instituto de Educação. Foi professora substituta por um pequenino tempo, na mesma cidade, e seria efetivada como professora municipal<sup>5</sup>, mas não fez da docência sua profissão. Com três filhas, ela cuidava da casa e da rotina cotidiana e não gostava da ideia de ser professora. Para ela, a formação docente fora uma imposição, mas como o momento histórico a possibilitava fazer outras escolhas, ingressou no mercado de trabalho exercendo outros ofícios e eu, que ouvia as infinitas histórias vividas por minha avó no interior e a alegria com que contava como ensinava a criançada na roça, aventurei-me na profissão docente e cursei, já no final do mesmo século (de 1995-1998), a habilitação específica de 2º grau para o exercício do Magistério de 1º grau<sup>6</sup> (nomenclatura que substituiu o Curso Normal após mudanças na legislação do ensino e

---

<sup>5</sup> As colegas da minha mãe que estavam, como ela, trabalhando como substitutas, ao final de uns meses foram efetivadas no município.

<sup>6</sup> Atualmente o 2º grau se constitui por 3 anos do chamado Ensino Médio e o 1º grau corresponde ao que chamamos de Ensino Fundamental 1 (inicial - do 1º ano 5º ano) e Ensino Fundamental 2 (final - do 6º ao 9º ano). Dessa forma, a Educação Básica é obrigatória a partir dos quatro anos de idade e é composta por três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

adequações no campo educacional) e, desde então, sou professora da escola da Educação Básica.

Três gerações do mesmo século atuando em diferentes momentos históricos na mesma profissão que passou (e passa) por diversos modelos de formação, de legislação, diferentes mecanismos de recrutamento, de compreensão do que é ser professora, de concepções de ensino, de aprendizagem e de infância. Se no início do século XX, minha avó exerceu a docência por ser uma das poucas alternativas possíveis à mulher, no final do mesmo século, em um contexto diferente das condições de outrora, eu tenho a oportunidade de fazer da docência a minha escolha profissional e sou movida [por condições sócio-históricas] a investir em meu desenvolvimento profissional de forma contínua.

Assim que terminei a formação, com 18 anos, comecei a trabalhar como professora da Educação Infantil em uma escola da periferia do Rio de Janeiro e desde então os “pequeninos” ganharam destaque em minha paixão por ensinar. Rememoro o sentimento de alegria com que ia para a escola. Ser professora era tudo o que eu queria! E, por mais que essa exclamação possa soar um tanto romantizada, naquele momento, o contexto em que me via, o cuidado e carinho com que fui acolhida, possibilitou-me uma inserção profissional que favorecia a (re)afirmação dessa constatação: ser professora era, de fato, tudo o que eu queria!

### *Aprender ser professora*

Junto ao exercício da profissão docente continuei os investimentos na profissionalização do ensino e, no final dos anos 90, ingressei na graduação em Pedagogia na UFRJ. Jamais havia saído do pequenino círculo social e familiar. Morava em um bairro residencial no subúrbio da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro e da janela do meu quarto podia avistar a ocupação gradual dos morros vizinhos que, posteriormente, ficaram conhecidos como

Complexo do Alemão<sup>7</sup>. Estudei em bairros próximos e as Zonas Sul e Oeste eram pouco acessadas, em geral, para visitar familiares ou desfrutar momentos de lazer nas praias e parques públicos.

As aulas do Curso de Pedagogia aconteciam nas dependências do Palácio Universitário, na Faculdade de Educação, em um bairro nobre da Zona Sul. As fronteiras sociais, culturais e econômicas eram [e ainda são] muito demarcadas e a entrada na universidade abriu um leque de possibilidades em minha vida-formação-profissão, possibilitando uma nova/diferente forma de entender/perceber o mundo e de circular nos espaços da cidade que habitava, mas pouco conhecia.

Recordo que diferentemente da formação em nível médio do Curso Normal, cujo enfoque didático-pedagógico estava ancorado nos procedimentos, métodos de ensino e rotinas da sala de aula, a formação acadêmica preocupava-se mais com a dimensão política e intelectual da docência.

Ao terminar a graduação em Pedagogia, no ano 2001, fui aprovada em um concurso para a rede municipal de educação do Rio de Janeiro e vivi a inserção profissional em um novo contexto: um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) que se localizava em um dos bairros do Complexo do Alemão, onde fui instigada pelas experiências escolares a estudar e entender o “fracasso escolar” e a assumir o não-saber como uma grande possibilidade de aprender.

Como muitas professoras, precisei trabalhar em dupla jornada. Pela manhã assumia a turma na escola municipal e, no período da tarde, trabalhava em uma escola particular confessional que investia na formação profissional da equipe docente. Conheci múltiplas infâncias que exigiam abordagens distintas. A diferença na remuneração e nas condições de trabalho eram gritantes. Na escola particular recebia mais que o dobro do salário do município

---

<sup>7</sup> Complexo do Alemão se constitui num conjunto de favelas que cercam os bairros de Olaria, Ramos, Penha, Bonsucesso, Inhaúma e Engenho da Rainha, no Rio de Janeiro.



e tinha horário reservado para planejamento coletivo. Na escola do município era preciso muita luta para garantir os nossos direitos e, também, das crianças. As turmas eram superlotadas e, apesar do CIEP ser fruto de um projeto educacional revolucionário concebido por Darcy Ribeiro<sup>8</sup>, o poder público pouco se fazia presente e as crianças, que permaneciam na escola em período integral (de 8h às 17h), tinham apenas uma aula semanal de Educação Física. As atividades culturais, recreativas e esportivas, contempladas no programa, jamais chegaram e não havia professor para sala de leitura. Não era incomum o docente do currículo regular tentar acolher e contemplar essas ausências.

A formação no Curso Normal e na Pedagogia me encheram de elementos importantes para o exercício da profissão, mas aquele espaço do CIEP, aquelas crianças, aquela comunidade e aqueles professores tinham muito a me ensinar e era preciso abrir-me para o novo [para mim] deixando-me guiar pela intuição, pelos sentidos, pela “leitura” do ambiente, pelas encantadoras e complexas histórias de vida daquelas crianças, daquela comunidade, pelos saberes da docência que estavam nas colegas mais experientes e, também, em mim.

Morava no mesmo entorno geográfico. O CIEP se localiza no mesmo bairro do lar que conheci desde que nasci<sup>9</sup>. Brinquei nas ruas, nas praças, frequentei o comércio e a Igreja local. Muitos estudantes também acessavam os mesmos espaços que eu, mas é interessante observar que o contexto geográfico nem sempre se circunscreve no sócio-histórico. Na escola, as crianças, perto fisicamente, mas distantes em minha compreensão (talvez antes invisibilizadas) nos identificavam como “as do asfalto” (ao mesmo tempo que nós as reconhecíamos como “as do morro”) e essa percepção carregava infinitas diferenciações sociais, culturais, econômicas, educacionais.

---

<sup>8</sup> Para conhecer a proposta política de concepção dos CIEPs cf.: RIBEIRO, Darcy. O livro dos CIEPs. Rio de Janeiro: Bloch, 1986

<sup>9</sup> Eu morava [e ainda moro] em Olaria, o mesmo bairro do CIEP em questão.

Não fosse o trabalho naquela escola, talvez jamais saberia que naquele bairro, na favela que avistava da janela do meu apartamento, havia famílias que administravam a água guardada em baldes para o uso durante uma semana inteira. Recordo que certa vez, ao perguntar uma criança porque não usava o uniforme todos os dias, ela contou que estava sujo e que precisava esperar a água cair na quarta-feira para lavar, pois os baldes de água que restavam em sua casa só podiam ser usados para o banho. Também não entenderia a situação de vida das muitas famílias que conviviam nos mesmos arredores sem saneamento.

Certa vez, cuidei da criança que ardia em febre com a mão ferida e inchada, precisando ser levada às pressas para a emergência. Enquanto dormia, um rato havia roído a mãozinha que estava suja de chocolate. Em outra ocasião, soube que as advertências feitas à criança que retornava à escola sem o caderno que ganhava semanalmente eram em vão porque seu pai, viciado, arrancava as folhas de seu caderno para “cheirar”. Rememoro também o sonho de um dos meus alunos de ser catador de lixo com carteira assinada, tendo em vista que a família, há gerações, imaginava esse futuro promissor. Também tinha a pequena criança que dormia na aula acordando apenas para as refeições porque aquele lugar era o mais seguro para ela descansar. E têm outras tantas histórias guardadas em minhas memórias docentes que revelam não somente o quanto aquele contexto era um “mundo a parte” do meu (talvez inexistente em minhas construções ideológicas), mas também o quanto a *prácticateoria* educativa extrapola o estudo da Didática, o trabalho com conteúdos e as teorias e metodologias pedagógicas. Como ensinar nesse contexto? O que ensinar nesse contexto?

Refletindo sobre essas memórias desinvisibilizo algumas redes de saberes e fazeres que me constituíram professora. Provavelmente comecei a duvidar se estava mesmo “preparada” para enfrentar uma sala de aula, enfim, a retomada destas memórias revelam como o contato com o outro, comigo mesma, com o saber e com o *nãosaber*, se constituiu como *espaçotempo* de

descobertas, de aprendizagem, de (des)formação significativa e provisória de ser professora.

Será que há um momento em nossa travessia docente identificado como o momento que nos torna preparados para os inúmeros possíveis desafios do cotidiano escolar? Já me fiz essa pergunta em outros contextos e, aqui, a reescrevo entendendo que a tomada de consciência sobre a complexidade que envolve a prática docente é fundamental para o exercício profissional. Lidamos com histórias de vida, das vidas, com *saberesfazer*es diversos, com ineditismos, com diferentes maneiras de pensar/ser/agir, com construções sócio-históricas distintas que nos ensinam diariamente, nas leituras diversas, nas pesquisas, nas salas de aula e nos encontros com os pares, o eterno movimento de *aprender*ser professor.

Hoje percebo que naquele CIEP aprendi que a docência é uma artesanaria feita no coletivo, com os praticantes (CERTEAU, 2013). Nos formamos/desformamos continuamente no processo de *aprenderensinar*. Se o conhecimento da universidade possibilitava um arsenal de entendimentos de como buscar elementos adequados para acolher e incluir todos os estudantes no processo de ensino, o encontro com aquela comunidade e com outros professores enchia de elementos para entender a melhor forma de construir conhecimentos.

Quero continuar aprender a ser professora “a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, a favor da esperança que me anima apesar de tudo”. (FREIRE, 1999, p. 115)

Nesse novo momento, ao rememorar uma pequena parte de minha história de formação, estabeleço sentido ao vivido através da lente da profissionalidade docente e percebo o quanto as relações que estabelecemos com as memórias evocadas pelas narrativas pessoais estão ligadas ao que vivemos/sentimos/aprendemos em determinados momentos. Em outras palavras, o que quero dizer é que, dependendo do momento que vivemos ou do objetivo que temos, as narrativas ganham sentidos diferentes e

as compreendemos por diferentes ângulos (porque canalizamos o olhar, a intuição, os sentidos para isso).

Tenho aprendido que é, também, nas marcas dos encontros e das descobertas que nos formamos e construímos professoras. Gratidão à minha avó-professora, gratidão à minha mãe que não quis ser professora, gratidão aos professores que passaram por minha vida, gratidão às crianças e suas histórias que me ajudam lembrar quem sou e me convocam a me contar.

As histórias contadas aqui neste livro são uma possibilidade de compartilhamento e de reflexão sobre o vivido por professoras nascidas e atuantes na periferia do Rio de Janeiro. Não há nessas histórias um conjunto de palavras, mas sim a tessitura de redes que se compõem, que atravessam as palavras e ao mesmo tempo as constituem, tornando-se dessa forma as histórias possíveis de serem contadas por cada uma de nós quando somos convidadas a fazê-lo.